

VIRGINIA
WOOLF



UM ESBOÇO
DO
PASSADO

NUS



202

Tradução e apresentação
ANA CAROLINA MESQUITA

VIRGINIA
WOOLF

UM ESBOÇO
DO
PASSADO

APRESENTAÇÃO

Virginia Woolf tem quase 60. Está escrevendo a biografia de seu grande amigo, o pintor e crítico de arte Roger Fry (1866–1934). Sofre. Não consegue encontrar a forma exata para narrar linearmente os fatos e tudo aquilo que habita sob os fatos – as emoções, as impressões. “Quanto mais se entende, menos se consegue formar um todo linear”, [\[01\]](#) anotara ela em seu diário anos antes, sentindo que a proximidade com seu objeto era paradoxalmente uma vantagem e um obstáculo. Sua irmã, Vanessa Bell, sugere então que ela comece a escrever suas próprias memórias, e Virginia segue o conselho para ter um respiro daquele trabalho árduo. O resultado é *Um esboço do passado*, este que é um de seus últimos textos, deixado inacabado, e que foi publicado postumamente. Ela o escreveria até novembro de 1940, quatro meses antes de sua morte.

O que se vê aqui é, como já diz o título, um debruçar sobre o próprio passado: porém de um modo peculiar. Como leitora de diários, memórias e biografias, Virginia aponta que o maior problema desse tipo de literatura era deixar de fora a pessoa de quem se fala, enfatizando apenas aquilo que lhe acontece. Almeja, portanto, encontrar uma forma em que ela consiga se justapor simultaneamente, “a eu de agora, a eu de antes”. Ela a encontra mesclando o estilo memorialista e o diarístico, passando a anotar as datas à medida que escreve. Incluir o presente no passado seria então, para Virginia, o equivalente a fazer do presente uma “plataforma onde se pôr de pé”, uma vez que “esse passado é muitíssimo afetado pelo presente. O que escrevo hoje não escreverei daqui a um ano”.

A ideia de um presente transparente como água que, ao ser olhado, deixa entrever o passado que corre incessantemente por baixo, é uma concepção que modifica completamente o estilo de sua rememoração. Em *Um esboço do passado*, Virginia Woolf comenta que as memórias somente emergem até a superfície quando o presente desliza tão suavemente que permite que se enxerguem as profundezas do passado. “Nesses

momentos é que encontro uma das minhas maiores satisfações – não quando estou pensando no passado, mas quando estou vivendo mais completamente no presente”, diz. “Pois o presente, quando sustentado pelo passado, torna-se mil vezes mais profundo do que o presente quando está tão próximo que não é possível sentir mais nada, quando o filme da câmera atinge meramente o olho.”

E é dessa maneira que Virginia rememora a morte de sua mãe, Julia Stephen, quando ela tinha apenas 13 anos e estava tão próxima do fato que “não sentiu nada”; ou a relação conflituosa com o pai, o crítico e biógrafo Leslie Stephen, que ganha um ajuste de contas mais aprofundado do que o rancor guardado durante anos. Virginia estava lendo Freud[[02](#)] enquanto escrevia este esboço, e acompanhamos aqui suas reflexões à medida que ela passa a ver o pai severo e às vezes brutal em suas demandas como um homem complexo com quem ela sente uma profunda identificação, e que de muitas maneiras moldou a escritora que ela viria a ser. Aqui, também, encontramos imagens de Thoby, seu irmão morto precocemente, que inspirou *O quarto de Jacob* e a personagem Percival em *As ondas*.

Virginia caminha pelo corredor escuro das memórias de infância, atravessado pela luz ocasional das janelas, e relembra sua mãe, que constituiu o centro da vida da família até sua morte e que, com seu pai, seria retratada em *Ao farol*; a morte de sua meia-irmã Stella; o abuso de seu meio-irmão Gerald; as exigências para que ela e a irmã Vanessa se conformassem ao papel esperado das mulheres na alta sociedade vitoriana – meigo, cordato e suave; e as temporadas em Talland House, na cidade de St. Ives, na Cornualha. As lembranças de tais verões de sua infância são não apenas alguns dos trechos mais poéticos deste relato autobiográfico, como também o material mais cru da ficção de Virginia, a própria base da gênese de sua visão artística.

Para ela, o que lhe permite escrever é a consciência do que chama de “momentos de ser”, e foi em St. Ives que ela os experimentou pela primeira vez.

A vida seria formada em sua maior parte de “momentos de não ser”, quando vivemos inconscientemente, como embarcações seladas. Mas, sem motivo aparente, e de modo totalmente fora do nosso controle, vem um golpe violento: o casco da embarcação se racha, a água penetra, e tem-se um momento de ser. Esse instante de verdade transcendente mostra, num lampejo, que o indivíduo faz parte de uma espécie de consciência impessoal, que o ultrapassa e se expressa em ritmos, imagens, símbolos, sonoridades. Não existe separação entre o eu e o mundo; não existe, em última análise, individualidade. Virginia chama isso de “o padrão que existe por detrás do algodão do dia a dia”. O mundo inteiro é uma obra de arte e fazemos parte dela: “*Hamlet* ou um quarteto de Beethoven é a verdade sobre essa vasta massa a que chamamos de mundo. Mas não existe nenhum Shakespeare; não existe nenhum Beethoven; certamente, enfaticamente, não existe nenhum Deus; nós somos as palavras; nós somos a música; nós somos a coisa em si. E isso é o que eu vejo ao tomar esse choque.”

O bom romancista, para ela, seria aquele capaz de retratar tanto os momentos de ser como os de não ser. Virginia considera que, malgrado suas tentativas, não teve êxito em fazer isso – porém não é o que vemos em *Um esboço do passado*. Aqui, os momentos de ser se entrelaçam aos dias comuns, à vida em família, às relações sociais: em outras palavras, à realidade exterior que molda o nosso ser exterior, o casco de nossas embarcações.

Desse modo, a busca pela identidade, ou pela personagem, a Mrs. Brown tão central para Virginia, [\[03\]](#) não se separa da busca pela realidade e pelos modos de expressá-la. Porém os limites dessa realidade são borrados, uma vez que coexistem com o padrão existente por detrás do que vemos e observamos. A isso Virginia Woolf chama, aqui, de “uma filosofia”, que não por acaso ecoa no restante de sua obra. Imagens como reflexos, água e fluxo surgem indiferentemente em seus contos, romances, diários, cartas e ensaios. A criação irrompe em Virginia como uma espécie de caminhar a esmo no espaço

entre interioridade e exterioridade, entre as individualidades, entre as temporalidades, e entre consciência e inconsciência.

O real é, portanto, encarado não como uma sucessão linear de fatos, mas como um conjunto de simultaneidades que, na melhor das hipóteses, nós apenas adivinhamos. Virginia cria constantemente valendo-se da imagem de superfícies e profundezas que, em vez de separadas, integram uma unidade: os reflexos são exatamente isso. Temos assim, por exemplo, a romancista-pescadora em “Profissões para mulheres”; a imagem recorrente do mergulho em *Mrs. Dalloway* como encontro com alguma espécie de essência que corre submersa à realidade exterior; ou o conto “O fascínio do poço”, em que os pensamentos se desgarram fisicamente dos seus donos e vagam com liberdade “por águas comuns a todos”. Aqui em suas memórias, no fim da vida, ela afirma que a vida de uma pessoa não está limitada ao seu corpo e se pergunta (para nosso desconcerto) se não será possível que as coisas “que sentimos com tamanha intensidade tenham uma existência independente de nosso espírito e na verdade continuem existindo”.

Se é a memória o que nos constitui enquanto sujeitos e comunidades, se é aquilo que nos distingue como indivíduos e ao mesmo tempo o que nos conecta ao outro em um terreno comum, é também aquilo que, em última análise, funciona de âncora para nossa própria realidade. É a memória que nos permite construir significados para suportar a aleatoriedade dos golpes da vida. Quando perdemos a capacidade de lembrar, paradoxalmente nos diluímos de modo irrevogável, e com isso nos perdemos em um presente eterno sem sentido. Se o golpe de um momento de ser é violento demais, não haverá a possibilidade de que sejamos inundados por uma enchente tão intensa de outras vozes que corremos o risco de perder a nossa própria? Nessas memórias, talvez o mais desconcertante seja perceber Virginia deixando que a caneta corra pela página para construir a si mesma em sua escrita, enquanto, à sua volta, com os aviões alemães interrompendo a sua escrita e a guerra iminente, sentia que o mundo começava a ruir.

Um esboço do passado esboça não apenas o passado de Virginia Woolf, mas também, e de modo perturbador pois que não oferece o solo firme das certezas, fragmentos da própria Virginia Woolf naquele momento. “Quem era eu, então?”, ela se pergunta, e permite-se arrastar pela correnteza de suas memórias, sem saber aonde será levada. Encontramos uma escritora madura e tão senhora de si que abdica de controlar o resultado de sua criação; que evidencia neste texto (e pela primeira vez, conscientemente) as conexões profundas entre sua vida e sua arte, e como esta entrelaça ficção e real, pessoal e impessoalidade; uma artista em estado de profunda reflexão, que se vale da memória não apenas para ampliar e expandir o momento presente, mas, principalmente, para reconstituir-se diante de si mesma.

ANA CAROLINA MESQUITA

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Apresentação](#)

[Nota sobre a tradução](#)

[Um esboço do passado](#)

[Créditos](#)

Nota sobre a tradução

O texto de *Um esboço do passado* foi escrito de 18/4/1939 a 17/11/1940 e se encontra em variados estágios de revisão. Há dois manuscritos datilografados que foram usados pela pesquisadora Jeanne Schulkind [\[04\]](#) para compilar a versão aqui apresentada: um que se encontra na Universidade de Sussex (MH/A.5d) e outro na British Library (BL 61973). Esses textos não foram preparados por Virginia Woolf, como ela costumava fazer extensivamente com suas obras antes de publicá-las, e encontram-se preservados em sua qualidade de esboço. A presente tradução procurou preservar ao máximo essa característica, mantendo a pontuação idiossincrática, as repetições, as elipses e supressões, as idas e vindas. Foram feitas intervenções apenas quando se fazia necessário evitar ambiguidades que não existem no original ou eventuais problemas de leitura. Mantive o uso não convencional do “where” (“onde”) quando Virginia Woolf se refere a aglutinações de espaço-tempo, e também conservei as notas do original de Schulkind, acrescentando outras que julguei pertinentes.

UM ESBOÇO
DO
PASSADO

Dois dias atrás – domingo, dia 16 de abril de 1939, para ser exata – Nessa disse que, se eu não começasse a escrever minhas memórias, logo eu estaria velha demais. Estaria com 85 anos, e teria me esquecido de tudo – bastava ver o infeliz caso de Lady Strachey. [\[05\]](#) Como estou farta de escrever a biografia de Roger, [\[06\]](#) talvez passe duas ou três manhãs escrevendo um esboço. Há muitas dificuldades. Em primeiro lugar, o imenso número de coisas de que consigo recordar; em segundo, a variedade das maneiras de se escrever memórias. Como grande leitora do gênero, conheço muitas maneiras diferentes. Mas, se eu começar a recorrer a elas e analisar seus méritos e defeitos, as manhãs – não consigo reservar mais do que duas ou três no máximo – sumirão. De modo que, sem parar para escolher o rumo, na certeza e confiança de que ele há de se encontrar sozinho – e se isso não acontecer, pouco importa –, começo: a primeira lembrança.

São flores vermelhas e roxas em um fundo preto – o vestido de minha mãe; e ela estava sentada num trem ou num ônibus, e eu no seu colo. Por isso eu via as flores que ela usava bem de perto; ainda enxergo o roxo, o vermelho e o azul, creio, contra o preto; deviam ser amores-perfeitos, acho. Talvez estivéssemos a caminho de St. Ives; embora seja mais provável, por causa da luz noturna, que regressávamos a Londres. De um ponto de vista artístico, porém, é mais conveniente imaginar que íamos a St. Ives, pois isso levará à minha outra lembrança, que também parece ser minha primeira, e na verdade é a mais importante de todas as minhas lembranças. Se a vida possui uma base onde se apoia, se ela é uma vasilha que enchamos e enchamos e enchamos... então minha vasilha sem dúvida se apoia sobre esta lembrança. A de estar deitada na cama meio adormecida, meio acordada, no quarto das crianças em St. Ives. A de escutar o barulho das ondas quebrando; uma, duas, uma, duas, lançando água sobre a praia; e depois quebrando, uma, duas, uma, duas, por trás de uma persiana amarela. A de escutar a persiana arrastando seu pingente pelo chão, amarrado a um cordão, enquanto o vento a infla. A de estar deitada escutando o barulho das ondas, e ver essa luz, e sentir que era praticamente

impossível que eu estivesse ali; sentir o mais puro êxtase que sou capaz de conceber.

Eu poderia passar horas tentando escrever isso do modo ideal, a fim de transmitir essa sensação que, mesmo neste momento, é muito intensa para mim. Mas eu fracassaria (a menos que tivesse uma sorte maravilhosa); arrisco dizer que só teria tal sorte se tivesse começado descrevendo a própria Virginia.

Aqui chego a uma das dificuldades de quem escreve memórias – um dos motivos pelos quais, embora eu leia tantas, tantas sejam fiascos. Elas deixam de fora a pessoa com quem as coisas aconteceram. A razão é que é muito difícil descrever qualquer ser humano. Portanto, elas dizem: “Isto é o que aconteceu”; mas não dizem como era a pessoa com quem aquilo aconteceu. E os acontecimentos significam muito pouco, a menos que antes se conheça com quem eles aconteceram. Quem era eu, então? Adeline Virginia Stephen, a segunda filha de Leslie e Julia Prinsep Stephen, nascida em 25 de janeiro de 1882, descendente de um grande número de pessoas, algumas famosas, outras obscuras; nascida em uma família numerosa, de pais que não eram ricos, mas bem de vida, num mundo de fins do século XIX bastante comunicativo, culto, articulado, dado a cartas e visitas; de modo que eu poderia, se me desse ao trabalho, escrever longamente aqui não apenas sobre minha mãe e meu pai, mas sobre tios e tias, primos e primas, amigos e amigas. Mas ignoro quanto disso tudo, ou qual parte disso tudo, me fez sentir o que senti no quarto das crianças em St. Ives. Eu não sei até que ponto sou diferente das outras pessoas. Está aí outra dificuldade de quem escreve memórias. Até para descrever a si mesmo fielmente há que se possuir algum padrão de comparação: teria sido eu inteligente, estúpida, bonita, feia, arrebatada, fria...? Em parte porque nunca frequentei a escola, e jamais competi de nenhum modo com as crianças da minha idade, nunca tive a chance de comparar meus talentos e defeitos com os dos outros. Mas é claro que havia um motivo externo para a intensidade dessa primeira impressão – a impressão das ondas e do pingente da persiana; a sensação, como às vezes eu a descrevo para mim mesma, de estar deitada dentro de uma uva e

de ver através de um filme amarelo semitransparente: ela se devia em parte aos muitos meses que passávamos em Londres. A mudança de ambiente era uma grande mudança. Sem falar na longa viagem de trem; e na empolgação. Eu me lembro do escuro; das luzes; da agitação do momento de irmos para a cama.

Mas para fixar meu pensamento no quarto das crianças: havia uma varanda; mesmo com uma separação, ela era unida à varanda do quarto do meu pai e da minha mãe. Minha mãe saía na varanda com um roupão branco. Pela parede subiam flores de maracujá; eram grandes flores estreladas, com raias roxas e grandes botões verdes, alguns cheios, outros vazios.

Se eu fosse pintora, pintaria essas primeiras impressões em amarelo pálido, prata e verde. Havia a persiana amarela; o mar verde; e o prateado das flores de maracujá. Eu pintaria um quadro esférico; semitransparente. Pintaria um quadro com pétalas curvas; com conchas; com coisas semitransparentes; pintaria formas curvas, transpassadas pela luz, mas sem contorno definido. Tudo seria amplo e vago; e tudo o que fosse visto seria também ouvido; sons atravessariam esta pétala ou folha – sons indistinguíveis das imagens. Som e imagem parecem ser partes iguais dessas primeiras impressões. Quando penso na manhãzinha na cama também ouço o grasnar das gralhas vindo de uma grande altura. O som parece cair por um ar elástico, pegajoso; que o apara; que o impede de ser claro e distinto. A qualidade do ar acima de Talland House parecia deixar o som suspenso, e ele afundava lentamente, como se preso em um véu azul pegajoso. O grasnar das gralhas faz parte das ondas quebrando – uma, duas, uma, duas – e do som da água quando as ondas recuavam e depois se reuniam, e eu deitada ali, meio acordada, meio adormecida, arrebatada por um êxtase tamanho que sou incapaz de descrever.

A lembrança seguinte – todas essas lembranças feitas de cor e som se aglutinam em St. Ives – era bem mais robusta; era extremamente sensual. Foi mais tarde. Ainda me faz sentir calor; como se todas as coisas estivessem maduras; murmurando; ensolaradas; exalando muitos cheiros ao mesmo

tempo; e formando um todo que ainda hoje me detêm – como eu me detinha então, descendo até a praia; me detinha no alto para olhar os jardins lá embaixo, num nível inferior ao da estrada. As maçãs ficavam na altura da cabeça das pessoas. Os jardins emitiam um murmúrio de abelhas; as maçãs eram vermelhas e douradas; havia também flores cor-de-rosa; e folhas cinzentas e prateadas. O zumbido, a melodia, o cheiro, tudo parecia pressionar alguma membrana violentamente, não para rompê-la; mas para murmurar em torno um enlevo de prazer tão pleno que eu me detinha, cheirava; olhava. Mas, novamente, sou incapaz de descrever esse enlevo. Era um enlevo, muito mais que um êxtase.

A força dessas imagens – mas na época a visão era tão misturada ao som que imagens não é a palavra exata –, seja como for, a força dessas impressões me faz divagar mais uma vez. Aqueles momentos – no quarto das crianças, no caminho até a praia – ainda hoje podem ser mais reais que o momento presente. Isso eu acabo de pôr à prova. Pois me levantei e atravessei o jardim. Percy estava cavando o canteiro de aspargos; Louie sacudia um capacho diante da porta do quarto. [07] Mas eu os via – o quarto das crianças e o caminho até a praia – através da imagem que eu tinha daqui. Às vezes consigo retornar a St. Ives mais completamente do que nesta manhã. Consigo alcançar um estado onde pareço observar as coisas acontecendo como se eu estivesse lá. Isso, acredito, porque minha memória deve suprir o que esqueci, de modo que é como se as coisas estivessem acontecendo independentemente de mim, quando na verdade eu é que as estou fazendo acontecer. Em certos estados de ânimo mais favoráveis, as memórias – aquilo que esquecemos – emergem até a superfície. Ora, se isso é verdade, não será possível – sempre me pergunto – que as coisas que sentimos com tamanha intensidade tenham uma existência independente de nosso espírito; que na verdade continuem existindo? E se é assim, não será possível, um dia, que se invente algum aparelho que nos permita acessá-las? Eu o enxergo – o passado – como uma avenida que ficou para trás; uma longa fita de cenas, de emoções. Ali, ao final da avenida

imóvel, estão o pomar e o quarto das crianças. Em vez de lembrar uma cena aqui e um som ali, enfiarei uma tomada na parede para escutar o passado. Aumentarei o volume de agosto de 1890. Sinto que as emoções intensas devem deixar seu rastro; e que é simplesmente uma questão de descobrir como podemos nos conectar novamente a elas para podermos viver nossa vida desde o princípio.

Mas a peculiaridade dessas duas fortes lembranças é que cada uma é muito simples. Eu mal tenho consciência de mim mesma, somente da sensação. Sou apenas o receptáculo da sensação de êxtase, da sensação de enlevo. Talvez isso seja característico de todas as lembranças de infância; talvez venha daí a sua intensidade. Mais tarde, acrescentamos tanto aos sentimentos, que os tornamos complexos; e portanto menos intensos; ou se não menos intensos, menos isolados, menos completos. Mas em vez de analisar isso, mostro um exemplo do que quero dizer – o que eu sentia em relação ao espelho no corredor.

Havia um espelhinho no corredor de Talland House. Nele havia, eu me lembro, uma prateleira com uma escova. Na ponta do pé, eu podia ver meu rosto no espelho. Quando eu tinha uns seis ou sete anos, dei para olhar meu rosto no espelho, mas só fazia isso quando tinha certeza de estar sozinha. Eu sentia vergonha. Uma forte sensação de culpa parecia vir naturalmente atrelada àquilo. Mas por quê? Um motivo óbvio me ocorre: eu e Vanessa éramos o que se chamava de molecas; isto é, jogávamos críquete, escalávamos pedras, subíamos em árvores, não dávamos importância para roupas, e assim por diante. Portanto, talvez, olhar-se no espelho fosse contra o nosso código de molecas. Mas eu creio que meu sentimento de vergonha tinha uma raiz bem mais profunda. Chego quase a pensar em invocar aqui o meu avô – Sir James, que certa vez fumou um charuto, gostou e por isso o atirou longe e nunca mais fumou outro. Chego quase a pensar que herdei uma veia puritana, da seita de Clapham. [\[08\]](#) De todo modo, a vergonha do espelho durou toda a minha vida, até muito depois de acabar a fase de moleca. Não consigo empoar o nariz em público. Tudo o

que diz respeito a vestidos – as provas, entrar em uma sala com um vestido novo – ainda me amedronta; ou no mínimo me deixa acanhada, envergonhada, incomodada. “Ah, ser capaz de correr pelo jardim, como Julian Morrell, [\[09\]](#) com um vestido novo!”, pensei, não faz muitos anos, em Garsington, quando Julian abriu um embrulho, pôs um vestido novo e saiu em disparada, dando voltas e voltas como uma lebre. Apesar disso a feminilidade era muito forte em nossa família. Éramos famosas por nossa beleza – a beleza da minha mãe, a beleza de Stella, desde que me lembro, enchiam-me de orgulho e prazer. O que então me causaria essa sensação de vergonha, a não ser o fato de ter herdado algum instinto contrário? Meu pai era espartano, ascético, puritano. Creio que não tinha nenhum gosto por pintura; nenhum ouvido para música; nenhuma noção da sonoridade das palavras. Isso me leva a acreditar que meu – eu diria “nosso”, se soubesse o suficiente sobre Vanessa, Thoby e Adrian, mas como sabemos pouco até mesmo de nossos irmãos e irmãs – isso me leva a pensar que meu amor natural pela beleza era reprimido por algum temor ancestral. O que, entretanto, não me impedia de sentir êxtases e arrebatamentos de modo espontâneo e intenso, sem a menor vergonha e nenhuma culpa, sempre e desde quando estivessem desconectados de meu próprio corpo. Desse modo, detecto outro elemento na vergonha que eu sentia de que me pegassem olhando meu reflexo no espelho do corredor. Eu devia sentir vergonha ou medo do meu próprio corpo. Outra lembrança, também do corredor, talvez ajude a explicar isso. Havia uma laje logo na entrada da sala de jantar, para apoiar a louça. Certa vez, quando eu era bem pequena, Gerald Duckworth me colocou ali sentada e começou a explorar o meu corpo. Eu me lembro da sensação da mão dele enfiando-se por baixo das minhas roupas; descendo mais e mais, firme e continuamente. Eu me lembro de como eu torci para que ele parasse; de como eu enrijei o corpo e de como me contorcia quando sua mão se aproximou das minhas partes íntimas. Mas ele não parou. Sua mão explorou também minhas partes íntimas. Eu me lembro do meu ressentimento, do meu desgosto – qual a palavra para um

sentimento tão estupefato e complexo? Decerto foi um sentimento forte, se dele ainda me recordo. Isso parece apontar que o sentimento em relação a certas partes do corpo; de que não se deve tocá-las; de que é errado permitir que sejam tocadas; deve ser instintivo. Demonstra que Virginia Stephen não nasceu em 25 de janeiro de 1882, mas milhares de anos atrás; e que desde o princípio teve de se haver com instintos adquiridos por milhares de suas ancestrais no passado.

E isso lança luz não apenas sobre o meu próprio caso, mas também sobre o problema de que tratei na primeira página: a grande dificuldade de se fazer qualquer relato que seja sobre a pessoa com quem as coisas acontecem. É óbvio que a pessoa é imensamente complicada. Basta ver o incidente do espelho. Por mais que eu tenha me esforçado ao máximo para explicar por que eu sentia vergonha de olhar meu próprio rosto no espelho, só fui capaz de descobrir algumas possíveis razões; pode haver outras; não acredito que eu tenha descoberto a verdade; mesmo sendo este um incidente simples, que aconteceu comigo, pessoalmente, e não existir nenhum motivo para mentir a respeito. Apesar de tudo isso, as pessoas escrevem o que chamam de “vidas” dos outros; ou seja, reúnem certo número de eventos e deixam no escuro a pessoa com quem eles aconteceram. Acrescentarei aqui um sonho, pois talvez ele se refira ao incidente do espelho. Sonhei que me olhava em um espelho quando um rosto horrendo – o rosto de um animal – surgiu subitamente por cima do meu ombro. Não tenho certeza se foi um sonho ou se de fato aconteceu. Será que um dia, enquanto eu me olhava no espelho, algo se moveu ao fundo e me pareceu estar vivo? Não há como ter certeza. Mas sempre me recordo do outro rosto no espelho, quer tenha sido um sonho ou realidade, e do quanto ele me aterrorizou.

Essas, portanto, são algumas das minhas primeiras lembranças. Porém, é óbvio que como relato da minha vida são enganosas, porque as coisas de que não nos lembramos são tão importantes quanto; talvez até mais. Se eu pudesse recordar um único dia inteiro seria capaz de descrever, ao menos superficialmente, como era a vida quando criança. Infelizmente,

só nos lembramos do que é excepcional. E não parece haver razão para uma coisa ser excepcional e outra não. Por que esqueci tantas coisas que, é algo a se pensar, devem ter sido mais memoráveis do que aquilo que de fato recordo? Por que recordar o zumbido das abelhas no pomar a caminho da praia e esquecer completamente que papai me atirava nua no mar? (Mrs. Swanwick [\[10\]](#) disse ter visto isso.)

Isso leva a uma digressão que talvez explique um pouco da minha própria psicologia, e até mesmo a dos outros. Muitas vezes, enquanto eu escrevia um dos meus assim chamados romances, esse mesmo problema me desconcertou; ou seja, como descrever aquilo que na minha taquigrafia particular chamo de “não ser”. Cada dia inclui muito mais momentos de não ser do que de ser. Ontem, por exemplo, terça-feira, dia 18 de abril, por acaso foi um dia bom, acima da média em termos de “ser”. O tempo estava bonito; gostei de escrever estas primeiras páginas; minha cabeça aliviou-se da pressão de escrever sobre Roger; caminhei até Mount Misery [\[11\]](#) e ao longo do rio; e exceto pelo fato de que a maré estava alta, o campo, que sempre observo com grande atenção, exibia as nuances e as cores de que eu gosto – lá estavam os salgueiros, eu lembro, todos cor de ameixa e verde suave e roxo contra o azul. Também li Chaucer com grande prazer; e comecei um livro – as memórias de Madame de La Fayette – que me interessou. Entretanto, esses momentos de ser isolados se emaranhavam em um número muito maior de momentos de não ser. Já esqueci sobre o que eu e Leonard conversamos no almoço, e no chá; embora tenha sido um dia bom, sua bondade estava enredada em uma espécie de algodão desinteressante. Sempre é assim. Uma enorme parte de cada dia não é vivida conscientemente. Caminhamos, comemos, vemos coisas, resolvemos o que precisa ser resolvido, o aspirador de pó quebrado, ordenar o jantar, escrever as tarefas para Mabel, lavar a roupa, preparar o jantar, encadernar livros. Quando o dia é ruim a proporção de não ser é muito maior. Tive uma febre leve semana passada; praticamente o dia inteiro foi de não ser. Aquele que de fato pode afirmar que escreve romances consegue de alguma maneira transmitir ambos os

tipos de ser. Creio que Jane Austen consegue fazê-lo; e Trollope; talvez Thackeray e Dickens e Tolstói. Eu nunca fui capaz de expressar as duas coisas. Eu tentei – em *Noite e dia*, e em *Os anos*. Mas deixo de lado o aspecto literário por um instante.

Quando criança, então, meus dias, tal como hoje, continham uma grande proporção desse algodão, desse não ser. Semana após semana passava-se em St. Ives sem que nada causasse a menor impressão em mim. Então, sem nenhum motivo de meu conhecimento, vinha um choque violento e repentino; alguma coisa acontecia tão violentamente que dela me recordo por toda a vida. Darei alguns exemplos. O primeiro: eu estava brigando com Thoby no gramado. Dávamos socos um no outro. No momento em que levantei o punho para acertá-lo, pensei: por que machucar outra pessoa? Abaixei a mão instantaneamente e fiquei ali, imóvel, deixando que ele me batesse. Eu me lembro da sensação. Era uma tristeza desesperançada. Como se eu tivesse tomado consciência de alguma coisa terrível, e da minha própria impotência. Eu me esgueirei para longe, sozinha, terrivelmente deprimida. O segundo exemplo também aconteceu no jardim em St. Ives. Eu olhava um canteiro de flores junto à porta de entrada da casa; “Isto é a totalidade”, eu disse. Olhava uma planta com folhas espalhadas; e de repente me pareceu óbvio que a própria flor fazia parte da terra; que um halo englobava aquilo que era a flor, e que era ele a verdadeira flor; parte terra, parte flor. Esse pensamento eu guardei por achar provável que me fosse útil mais tarde. O terceiro caso também aconteceu em St. Ives. Uma gente chamada Valpy, que se hospedara lá, havia partido. Certa noite, enquanto esperávamos o jantar, ouvi meu pai ou minha mãe dizer que Mr. Valpy havia se matado. A próxima coisa de que me lembro é de estar no jardim à noite, caminhando pela trilha junto à macieira. Pareceu-me que a macieira estava de alguma maneira relacionada com o horror do suicídio de Mr. Valpy. Não pude passar por ela. Fiquei imóvel olhando os sulcos verde-acinzentados da casca – era noite de luar – num transe de horror. Tinha a impressão de que eu era arrastada, inexoravelmente, para um poço de desespero

absoluto de onde eu não poderia escapar. Meu corpo parecia paralisado.

Esses são três exemplos de momentos excepcionais. Sempre os menciono, ou melhor, eles sempre vêm à tona inesperadamente. Mas, agora que pela primeira vez os coloco no papel, percebo algo de que nunca antes me dera conta. Dois desses momentos terminaram em um estado de desespero. O outro, ao contrário, terminou em um estado de satisfação. Quando eu disse sobre a flor, “Isto é a totalidade”, senti que tinha feito uma descoberta. Senti que tinha reservado algo em meu espírito ao qual eu deveria um dia voltar, analisar e explorar. Agora me dou conta de que esta era uma diferença profunda. A diferença, antes de mais nada, entre desespero e satisfação. Creio que essa diferença surgia do fato de que eu era completamente incapaz de lidar com a dor de descobrir que as pessoas se machucam umas às outras; que um homem que eu tinha visto se matara. O sentimento de horror me deixava impotente. Mas, no caso da flor, descobri um motivo, e por isso pude lidar com a sensação. Não fiquei impotente. Tinha a consciência – ainda que longínqua – de que com o tempo eu seria capaz de explicá-la. Ignoro se quando vi a flor eu era mais velha do que nas outras duas experiências. Só sei que muitos desses momentos excepcionais traziam consigo um horror peculiar e um colapso físico; pareciam dominantes, e eu, passiva. Isso sugere que à medida que envelhecemos temos mais poder, graças à razão, de oferecer explicações; e que as explicações amortecem a força do golpe da marreta. Creio que isso é verdade, porque, embora eu ainda tenha a capacidade de receber esses choques repentinos, hoje eles são sempre bem-vindos: depois da surpresa inicial, sempre sinto no mesmo instante que eles são particularmente valiosos. E, portanto, eu vou mais longe e imagino que a capacidade de receber choques é o que me faz escrever. Arrisco a explicação de que o choque, no meu caso, vem imediatamente acompanhado pelo desejo de explicá-lo. Sinto como se tivesse recebido um golpe; mas não se trata, como eu pensava quando criança, simplesmente do golpe de um inimigo escondido atrás do algodão do dia a dia; é ou se

tornará uma revelação de alguma espécie; é um símbolo de algo real por detrás das aparências; e eu o torno real ao expressá-lo em palavras. Somente quando o expresso em palavras é que o transformo em algo inteiro; essa sua inteireza significa que ele perdeu o poder de me machucar; e sinto, talvez porque ao fazer isso eu extraia a dor, um enorme prazer em unir as partes desconectadas. Talvez esse seja o maior prazer que conheço. É o arrebatamento que tenho quando, ao escrever, sinto que descobri o que se junta ao quê; faço uma cena sair certa; um personagem aparecer. Isso me remete ao que eu poderia chamar de uma filosofia; de todo modo, é uma ideia constante minha; de que por trás do algodão existe um padrão escondido; de que nós – quero dizer, todos os seres humanos – estamos conectados a ele; que o mundo inteiro é uma obra de arte; que fazemos parte dessa obra de arte. *Hamlet* ou um quarteto de Beethoven é a verdade sobre essa vasta massa a que chamamos de mundo. Mas não existe nenhum Shakespeare; não existe nenhum Beethoven; certamente, enfaticamente, não existe nenhum Deus; nós somos as palavras; nós somos a música; nós somos a coisa em si. E isso é o que eu vejo ao tomar esse choque.

Essa intuição minha – é tão instintiva que parece me ter sido dada, e não criada por mim – certamente conferiu medida à minha vida desde que vi a flor no canteiro junto à porta de entrada em St. Ives. Se eu pintasse, precisaria encontrar, algum... parâmetro, por assim dizer, algo que sustentasse a composição. Isso demonstra que a vida de uma pessoa não está limitada a seu corpo nem ao que ela diz ou faz; vivemos todo o tempo em relação a certos parâmetros ou concepções de fundo. A minha é que por detrás do algodão existe um padrão escondido. E essa concepção me afeta todos os dias. Eu agora o demonstro ao passar a manhã escrevendo, quando poderia estar caminhando, gerenciando um negócio ou aprendendo a fazer alguma coisa que seja útil caso venha a guerra. Sinto que ao escrever estou fazendo algo que é muito mais necessário do que qualquer outra coisa.

Suponho que todos os artistas sintam algo semelhante. É um dos elementos obscuros da vida que jamais foram muito

discutidos. É deixado de lado em quase todas as biografias e autobiografias, mesmo as dos artistas. Por que Dickens passou toda a sua vida escrevendo histórias? Qual era a concepção dele? Menciono Dickens em parte porque no momento estou lendo *Nicholas Nickleby*; e em parte também porque me dei conta, enquanto caminhava ontem, que esses meus momentos de ser eram andaimes ao fundo; eram a parte invisível e silenciosa da minha vida de criança. Porém em primeiro plano estavam, é claro, as pessoas; e essas pessoas eram muito parecidas com as personagens de Dickens. Eram caricaturas; eram bastante simples; eram imensamente vivas. Poderiam ser construídas com três canetadas, se eu fosse capaz de fazê-lo. Dickens deve o seu poder assombroso de criar personagens vivos ao fato de os enxergar tal como uma criança os enxerga; tal como eu via Mr. Wolstenholme, C. B. Clarke e Mr. Gibbs.

Eu menciono essas três pessoas porque todos eles morreram quando eu era criança. Portanto, permanecem inalterados. Eu os vejo exatamente da mesma maneira que os via então. Mr. Wolstenholme era um senhor bastante idoso que certo verão se hospedou conosco. Era moreno; tinha barba e olhinhos miúdos sobre bochechas gorduchas; e se encaixava em uma cadeira de vime marrom como se fosse seu ninho. Costumava sentar-se nessa cadeira de vime para fumar e ler. Tinha apenas uma característica – quando comia torta de ameixa, espirrava o sumo pelo nariz, o que manchava de roxo seu bigode grisalho. Isso bastava para nos causar um deleite constante. Nós o chamávamos de “O Lanoso”. Para sombreá-lo um pouco, lembro que tínhamos de ser muito gentis com ele porque ele não era feliz em sua casa; que era muito pobre, porém certa vez deu a Thoby meia coroa; que tinha um filho que se afogara na Austrália; e sei também que era um grande matemático. Nunca disse uma palavra em todo o tempo que o conheci. Mas ainda me dá a impressão de ser uma personagem completa, e sempre que me lembro dele começo a rir.

Mr. Gibbs era, talvez, menos simples. Usava um anel de gravata; tinha uma cabeça benevolente e careca; era seco; organizado; preciso; com dobras de pele sob o queixo. Fazia

papai resmungar – “por que o senhor não pode ir? – por que o senhor não pode ir?” E deu a mim e a Vanessa dois casacos de pele de arminho com aberturas no meio de onde se derramava riqueza infinita... correntes de prata. Também me lembro dele deitado na cama, moribundo; rouco; de camisola; mostrando-nos desenhos de Retzsch. A personagem de Mr. Gibbs também me parece completa e me diverte muitíssimo.

Quanto a C. B. Clarke, era um velho botânico; e dizia ao meu pai: “Todos vocês jovens botânicos apreciam Osmunda. [\[12\]](#)” Ele tinha uma tia com 80 anos que fez uma caminhada em New Forest. É só – isso é tudo o que tenho a dizer a respeito desses três cavalheiros idosos. Mas como eles eram reais! Como ríamos deles! Que papel imenso desempenharam em nossas vidas!

Mais uma caricatura me vem à cabeça; embora nessa venha imiscuído um sentimento de pena. Estou pensando em Justine Nonon. Ela era infinitamente velha. Pelinhos brotavam de seu queixo ossudo e comprido. Era corcunda; e andava como uma aranha, tateando o caminho de uma cadeira a outra com seus longos dedos secos. Na maior parte do tempo ficava sentada na poltrona ao lado da lareira. Eu costumava me sentar em seu joelho; e seu joelho saltava para baixo e para cima; e ela cantava com voz rouca, rachada, “Ron ron ron... et plon plon plon...”, e então seu joelho cedia e eu caía aos trambolhões pelo chão. Era francesa; tinha se hospedado com os Thackerays. [\[13\]](#) Só vinha à nossa casa de visita. Morava sozinha em Shepherd’s Bush; e costumava trazer um vidro de mel para Adrian. Eu tinha noção de que ela era extremamente pobre, e me sentia incomodada por ela trazer aquele mel, pois sentia que o fazia apenas para tornar sua visita aceitável. Além disso, ela dizia: “Vim na minha caleche”, o que queria dizer o ônibus vermelho. Também por isso eu tinha pena dela, e também porque ela deu para arquejar; e as babás disseram que ela não iria durar muito, e em pouco tempo ela morreu. Isso é tudo o que sei a seu respeito, mas eu me recordo dela como se fosse uma pessoa completamente real, sem nada excluir, tal como os três velhos.

2 de maio... Escrevo a data porque creio que descobri uma forma possível para essas anotações. Isto é, fazer com que incluam o presente – pelo menos o bastante para que ele sirva de plataforma onde se pôr de pé. Seria interessante fazer com que as duas pessoas, a eu de agora, a eu de antes, fossem colocadas em contraste. Além do que, esse passado é muitíssimo afetado pelo presente. O que escrevo hoje não escreverei daqui a um ano. Mas não consigo colocar isso em prática; melhor deixá-lo ao acaso, já que escrevo aos arrancos, para tirar umas férias de Roger. Não tenho energia no momento para o trabalho horroroso necessário para se elaborar uma obra de arte ordenada e exata, onde uma coisa se segue à outra e todas elas são abarcadas em um todo. Quem sabe um dia, aliviada da criação de obras de arte, eu tente compor isto.

Mas, continuando... Como eu dizia, os três velhos e a velha são completos, porque morreram quando eu era criança. Nenhum deles viveu o bastante para serem alterados à medida que eu mesma me alterava – outros, como os Stillmans ou os Lushingtons, que viveram mais, receberam acréscimos e foram preenchidos, até que por fim restaram incompletos. O mesmo se aplica aos lugares. Não consigo enxergar Kensington Gardens como quando eu era criança porque eu o vi apenas dois dias atrás – numa tarde gelada, com todas as cerejeiras sinistras, à luz fria e amarelada de uma tempestade de granizo. Sei que era muito maior em 1890, quando eu tinha sete anos, do que hoje. Para começar, não era conectado com o Hyde Park. Hoje eu vou andando de um para o outro. Vamos no nosso carro, que estacionamos perto do novo quiosque. Mas na época havia o Broad Walk, o Round Pond e o Flower Walk. Naquela época – tentarei voltar a ela – havia dois portões, um em frente a Gloucester Road, o outro em frente a Queen's Gate. Em cada portão havia uma senhora idosa sentada. A senhora do portão de Queen's Gate era uma figura comprida, emaciada, com cara de cabra, amarela e bexiguenta. Vendia nozes e cadarços de botas, me parece. E Kitty Maxse dizia a seu respeito: “Tadinhas, é a bebida que as deixa assim”. Sempre estava sentada, usava um xale e para mim tinha uma semelhança ligeira, obliterada,

corrompida, com Vovó, cujo rosto também era alongado, mas que usava um xale muito macio, como pudim de tapioca, sobre a cabeça, preso com um broche de ametista engastado com pérolas. A outra velha era rotunda e atarracada. Preso a ela havia um imenso balão bamboleante, todo formado por balões menores. Ela segurava aquela massa ondulante, em contínuo movimento e extremamente desejada, por um cordão. Os balões cintilavam aos meus olhos sempre em vermelho e roxo, como as flores que minha mãe usava; e estavam sempre ondulando no ar. Por um centavo, ela destacaria um deles daquela massa suave e barriguda e eu me afastaria dançando com ele. Ela também usava um xale e seu rosto era murcho, tal como os balões ficariam no quarto das crianças, se sobrevivessem ao caminho até em casa. Acho que a babá e Sooney conversavam com ela, mas eu nunca ouvi o que ela disse. Os amores-perfeitos, os ramalhetes azuis e roxos que se vendem hoje em dia, sempre me trazem de volta aquele monte tremulante de balões na entrada de Kensington Gardens.

Então seguíamos até a Broad Walk. A Broad Walk tinha uma característica peculiar – quando caminhávamos por ali pela primeira vez depois de voltar de St. Ives, sempre caçoávamos dela; aquilo não era um morro de jeito nenhum, dizíamos. De grau em grau, à medida que iam se passando as semanas, o morro se tornava mais e mais íngreme, até que ao chegar o verão voltava a ser um morro. O pântano – como chamávamos o terreno um tanto degradado atrás do Flower Walk – tinha, pelo menos para mim e Adrian, o charme do seu passado. Quero dizer, quando Nessa e Thoby eram pequeninhos, aquilo fora, segundo disseram, um pântano de verdade; ali eles tinham encontrado o esqueleto de um cachorro. E pensávamos que devia ser coberto de caniços e cheio de poças, pois acreditávamos que o cachorro era um morto de fome que tinha se afogado. Na nossa época já tinha sido drenado, embora ainda fosse lamacento. Mas para nós seu passado estava sempre ali. E o comparávamos, claro, com o brejo de Halestown, [\[14\]](#) perto de St. Ives. O brejo de Halestown, onde crescia a Osmunda; e umas samambaias espessas com raízes bulbosas que tinham árvores

marcadas nelas, se você as cortasse de comprido. Eu comprava algumas para minha casa todo outono para transformar em suportes para caneta. Era natural sempre comparar Kensington Gardens com St. Ives; sempre, é claro, para desvantagem de Londres. Um dos prazeres era esmagar as conchas que volta e meia cobriam Flower Walk. Elas tinham listinhas como as conchas da praia. Por outro lado, a árvore-crocodilo [\[15\]](#) era o que era; e continua ali – a árvore na trilha do Monumento Speke, que tem uma grande raiz à mostra, uma raiz polida, em parte pela fricção de nossas mãos, pois costumávamos correr e cair sobre ela.

Enquanto caminhávamos, para enganar o tédio das inumeráveis caminhadas de inverno, inventávamos histórias, histórias muito muito compridas que eram retomadas no mesmo ponto e ganhavam acréscimos a cada narrador. Havia a história de Jim Joe e Harry Hoe; a dos três irmãos que tinham rebanhos de animais e aventuras... já esqueci quais. Mas, de todo modo, a história de Jim Joe e Harry Hoe era uma história londrina; e inferior à história do jardim de Talland House sobre Beccage e Hollywinks, espíritos malignos que moravam na pilha de lixo e desapareciam por um buraco da sebe de escalônia – como me recordo de contar à minha mãe e a Mr. Lowell. [\[16\]](#) As caminhadas por Kensington Gardens eram maçantes. O não ser tomava uma grande proporção de nosso tempo em Londres. As caminhadas – duas vezes por dia em Kensington Gardens – eram muito monótonas. No meu caso, o não ser foi exagerado naqueles anos. Apesar do termômetro lá íamos nós – às vezes estava abaixo da barrinha do ponto de congelamento, mas não sempre, exceto no grande inverno de 1894–5, quando patinamos todos os dias; quando deixei cair meu relógio e um homem grosseiro o devolveu para mim, e pediu dinheiro; e uma dama gentil ofereceu três *coppers*, [\[17\]](#) e ele disse que só aceitava prata; e ela balançou a cabeça e desapareceu –, apesar do termômetro lá íamos nós, passando pelo guarda do portão com seu uniforme verde e chapéu com cordões dourados, seguindo até Flower Walk, rodeando o lago. A gente punha barcos para navegar, é claro. Teve o grande dia em

que o meu lugre da Cornualha navegou perfeitamente até o meio do laguinho e então sob meus olhos espantados afundou de repente; “Você viu isso?”, exclamou meu pai, com passadas largas na minha direção. Nós dois tínhamos visto e nós dois estávamos espantados. Para tornar o espanto ainda mais completo, muitas semanas depois, na primavera, seguia eu caminhando na beira do lago enquanto um homem num barco dragava as lentilhas d’água, e para minha empolgação inenarrável pescou o meu lugre com sua rede; e eu o reclamei; e ele o devolveu para mim, e corri de volta para casa com essa história maravilhosa para contar. Então minha mãe lhe costurou velas novas; e meu pai o mastreou, e me lembro dele acertando as velas no lais de verga depois do jantar; e como ficou entretido e disse, bufando daquele seu jeito que lembrava vagamente uma risada, algo como “Que absurdo... como é divertido fazer isso!”.

Eu poderia reunir mais um bom punhado de incidentes de navegação – cenas em Kensington Gardens; de como, se tivéssemos um *penny*, íamos até a casa branca perto do palácio comprar doces com a mulher de rosto macio e bochechas coradas, de vestido cinza de algodão, que naquela época tinha uma pequena confeitaria ali; de como em certo dia da semana comprávamos *Tit-Bits* e líamos as piadas – minha preferida era a seção Correspondência – sentados no gramado, dividindo nossos chocolates em “*frys*”, [\[18\]](#) como os chamávamos, pois uma barra de um *penny* vinha dividida em quatro; de como trombamos com uma mulher com nosso carrinho de rolimã a toda velocidade numa curva fechada e a irmã dela ralhou violentamente conosco; de como amarramos Shag numa cerca e umas crianças disseram ao guarda que éramos cruéis –mas essas histórias não eram empolgantes naquela época; apesar de ajudarem a quebrar a eterna ronda por Kensington Gardens.

O que, então, restou de interessante? Novamente, os momentos de ser. De dois deles eu sempre me recordo. Teve o momento da poça no meio do caminho; quando, por nenhum motivo que eu tenha sido capaz de descobrir, subitamente tudo se tornou irreal; fiquei em suspensão; não pude saltar a poça;

tentei segurar algo... o mundo inteiro tornou-se irreal. [\[19 \]](#) Depois o outro momento, quando o menino demente saltou do nada com a mão estendida, miando, de olhos semicerrados, com bordas vermelhas; e sem dizer palavra, com uma sensação de horror por dentro, despejei na mão dele um saco de caramelos russos. Mas a coisa não terminou nisso, pois naquela noite, na banheira, o mesmo horror mudo tomou conta de mim. Uma vez mais senti aquela tristeza desesperançada; o colapso que já descrevi; como se eu estivesse sem ação sob o golpe de uma marreta, exposta a toda uma avalanche de significados que tivesse se avolumado e tombado sobre mim, sem proteção, sem nada para me defender, de modo que eu me encolhi na ponta da banheira, imóvel. Não consegui explicar aquilo, não disse nada, nem mesmo para Nessa, que se limpava com a esponja na outra ponta.

Em retrospecto, então, em Kensington Gardens, embora eu consiga relembrar os incidentes, muitos mais do que tenho paciência para descrever, não consigo relembrar, salvo em arrancos, o foco, as proporções do mundo exterior. Tenho a impressão de que uma criança deve ter uma perspectiva curiosa, que vê um balão ou uma concha com clareza extrema; ainda enxergo os balões, azuis e roxos, e as nervuras das conchas; mas essas coisas estão englobadas por amplos espaços vazios. Como era imenso, por exemplo, o espaço embaixo da mesa do quarto das crianças! Eu ainda o vejo como um enorme espaço escuro, com a toalha de mesa caindo em dobras ao longe; e eu perambulando ali embaixo, e encontrando Nessa. “Os gatos pretos têm cauda?”, ela perguntou, e eu disse “NÃO”, cheia de orgulho porque ela me fizera uma pergunta. Logo tornamos a perambular naquele espaço vasto. O quarto de dormir das crianças era vasto também. No inverno eu entrava escondida antes de ir para a cama para observar a lareira. Ficava muito ansiosa quando o fogo estava baixo, porque tinha medo de que continuasse aceso depois de nos deitarmos. Aquela pequena chama se agitando nas paredes me enchia de pavor; mas Adrian gostava dela; e numa tentativa de conciliação a babá dobrava uma toalha sobre o gradil de proteção da lareira;

mas eu terminava abrindo os olhos e lá estava a chama se agitando; e eu olhava e olhava e não conseguia dormir; e para ter companhia, perguntava, “O que você disse, Nessa?”, embora ela já estivesse dormindo, apenas para acordá-la e ouvir a voz de outra pessoa. Esses foram os medos do princípio; porque depois, quando Thoby já estava no internato, deixando que Nessa dormisse com o macaco dele, Jacko, tão logo a porta era fechada começávamos a contar histórias. A história sempre começava assim: “Clémont, meu querido filho, disse Mrs. Dilke”, e depois contava peripécias malucas da família Dilke [\[20\]](#) e de Miss Rosalba, a governanta; de como eles cavaram o chão e encontraram sacas de ouro; e deram banquetes imensos e comeram ovos fritos “com muito presunto frito”, pois a abundância dos Dilkes da vida real em comparação com nossas posses moderadas nos impressionava. Percebíamos quantas roupas novas Mrs. Dilke usava; e a raridade com que minha mãe comprava um vestido novo.

* * *

Muitas cores vibrantes; muitos sons distintos; alguns seres humanos, caricatos, cômicos; diversos momentos de ser violentos, sempre em meio a um círculo de cenas de onde eram destacados – e tudo isso rodeado por uma vasta amplidão: eis aí uma descrição esboçada da infância. É assim que dou forma a ela; e é assim que me enxergo como criança, perambulando por aí, no espaço de tempo que durou de 1882 a 1895. A um grande corredor eu a compararia; com janelas que deixam entrar luzes estranhas; e murmúrios e hiatos de profundo silêncio. Mas nesse quadro de alguma maneira é preciso incluir, também, a sensação de movimento e mudança. Nada permanecia estável por muito tempo. É preciso transmitir a sensação de tudo se aproximando e em seguida sumindo, aumentando, diminuindo, passando a diferentes velocidades pela criaturinha; é preciso transmitir a sensação que a fazia seguir em frente, a criaturinha, impelida como era pelo crescimento de suas pernas e braços, impelida sem ser capaz de fazer com que aquilo parasse, ou mudasse, impelida como uma planta é impelida para fora da

terra, para o alto, até que cresça o caule, que cresça a folha, que os brotos intumescam. Isso é o que é indescritível, é o que torna as imagens por demais estáticas, pois tão logo dizemos “foi assim”, já se tornou passado e se alterou. Como deve ser imensa a força da vida que transforma um bebê, que mal consegue distinguir uma grande mancha de azul ou de roxo em um fundo preto, na criança que 13 anos depois é capaz de sentir tudo o que senti no dia 5 de maio de 1895 – há 44 anos hoje, com a diferença de um dia –, quando minha mãe morreu.

Isso mostra que dentre as inúmeras coisas excluídas neste esboço, eu excluí o mais importante – os instintos, afetos, paixões, vínculos, não existe uma única palavra para eles, pois se transformavam mês a mês – que me conectavam, creio, às outras pessoas desde o meu primeiro instante de consciência. Se fosse verdade, como eu disse acima, que as coisas que se encerram na infância são fáceis de descrever porque são completas, então seria fácil dizer o que eu sentia por minha mãe, que morreu quando eu tinha 13 anos. Desse modo, eu deveria ser capaz de vê-la de modo completamente inalterado por impressões posteriores, tal como eu via Mr. Gibbs e C. B. Clarke. Mas a teoria, embora com eles seja verdadeira, no caso dela rui completamente. Rui de maneira curiosa, que explicarei, pois talvez ajude a explicar por que considero tão estranhamente difícil descrever tanto o meu sentimento por ela quanto ela mesma.

Até os meus 40 anos – eu poderia determinar a data exata conferindo quando escrevi *Ao farol*, mas aqui sou casual demais para me dar a esse trabalho –, [\[21\]](#) a presença da minha mãe me obcecava. Eu ouvia a sua voz, eu a enxergava, imaginava o que ela diria ou faria enquanto eu ia tocando meus dias. Ela era uma dessas presenças invisíveis que ao fim desempenham um papel tão importante na vida de uma pessoa. Essa influência, e com isso me refiro à consciência de outros grupos impondo-se sobre nós, à opinião pública, ao que os outros dizem e pensam, todos esses ímãs que nos atraem para cá para ser desse jeito, ou nos repelem para lá para sermos de outro, nunca foi analisada em

nenhuma das biografias que tanto gosto de ler, ou o foi muito superficialmente.

Entretanto, é por tais presenças invisíveis que o “tema destas memórias” é arrastado para cá ou para lá a cada dia da vida dele; é isso o que o mantém em posição. Considere as forças imensas que a sociedade impõe sobre cada um de nós, como essa sociedade se transforma de década para década, e também de classe para classe; ora, se não pudermos analisar essas presenças invisíveis, saberemos muito pouco sobre o tema das memórias em questão; e, nesse caso, que fútil se torna escrever sobre uma vida. Eu me vejo como um peixe numa correnteza; retido; imobilizado; porém incapaz de descrever a correnteza.

Mas voltando à esfera específica, que é certamente mais definida e passível de ser descrita do que, digamos, a influência dos Apóstolos de Cambridge [\[22\]](#) sobre mim, ou a influência da escola de ficção de Galsworthy, de Bennett e de Wells, ou a influência do voto, ou da guerra – isto é, a influência da minha mãe. É perfeitamente verdadeiro que ela me obcecou até os meus 44 anos, apesar de ter morrido quando eu tinha treze. Até que, certo dia, enquanto caminhava ao redor de Tavistock Square, [\[23\]](#) eu concebi, tal como às vezes concebo meus livros, *Ao farol*; numa urgência torrencial e aparentemente involuntária. Uma coisa detonava outra. Soprar bolhas de um canudo dá a noção da massa veloz de ideias e cenas que foram sopradas de meu espírito, de tal modo que meus lábios pareciam estar soletrando por iniciativa própria à medida que eu caminhava. O que soprou essas bolhas? Por que naquele momento? Não tenho ideia. Mas escrevi o livro com grande rapidez; e depois de escrito, deixei de me sentir obcecada pela minha mãe. Já não mais escuto a sua voz; já não a sinto.

Suponho que fiz comigo mesma o que os psicanalistas fazem com seus pacientes. Expressei alguma emoção antiga e profunda. E, expressando-a, eu a expliquei e em seguida lhe dei descanso. Mas o que significa “expliquei”? Por que, tendo descrito minha mãe e meu sentimento por ela naquele livro, a imagem que tenho dela e os meus sentimentos por ela se tornaram tão menos intensos e vívidos? Talvez um dia desses eu

tope com o motivo; e, se assim for, eu o expressarei, mas por ora sigo adiante, descrevendo aquilo de que consigo recordar, pois é possível que a minha lembrança dela hoje venha a se tornar ainda menos intensa. (Essa observação é feita de modo provisório, para explicar, em parte, por que é tão difícil entregar qualquer descrição clara da minha mãe.)

Com certeza ali estava ela, no próprio centro daquela imensa expansão de catedral que foi a infância; ali estava ela, desde o princípio. Minha primeira lembrança é de seu colo; a sensação áspera das contas do seu vestido em minha bochecha quando eu pressionava o rosto nele me vem à memória. Então eu a vejo com seu roupão branco na varanda; e a flor de maracujá com a estrela roxa nas pétalas. Sua voz ainda ressoa ao longe em meus ouvidos – decidida, rápida; especialmente os bocadinhos com que sua risada terminava – três ahs decrescentes... “Ah-ah-ah” Às vezes eu termino de rir assim, também. E vejo as mãos dela, iguais às de Adrian, com os dedos de pontas quadradas bastante característicos, cada dedo com uma espécie de cintura com a unha se alargando para fora. (Os meus são todos da mesma largura do princípio ao fim, de modo que sou capaz de encaixar um anel no meu polegar.) Ela tinha três anéis; um de diamante, um de esmeralda e um de opala. Meus olhos costumavam se fixar na luz da opala à medida que ela se movia pela página do livro de estudos quando minha mãe nos dava aula, e fiquei feliz quando ela o deixou para mim (eu o dei de presente para Leonard). Também escuto o tilintar de suas pulseiras, feitas de prata trançada, um presente de Mr. Lowell, quando ela caminhava pela casa; principalmente quando ela vinha à noite conferir se estávamos dormindo, segurando uma vela encoberta; essa é uma lembrança bastante distinta, pois, como todas as crianças, às vezes eu ficava acordada na cama à noite esperando que ela viesse. Então ela me dizia para pensar em todas as coisas adoráveis que eu pudesse imaginar. Arco-íris e sinos... Mas, além desses detalhes específicos, isolados, como tomei consciência pela primeira vez do que esteve sempre ali – sua beleza espantosa? Talvez eu jamais tenha tido consciência dela; creio que tomava sua beleza como uma qualidade natural

que toda mãe teria por ser mãe – ela parecia típica, universal, apesar de especificamente nossa. Fazia parte de sua vocação. Não creio que eu isolasse o rosto dela de seu ser em geral, nem do seu corpo com um todo. Certamente eu a vejo agora, subindo a trilha que ladeava o jardim em St. Ives; magra, bem-feita – ela tinha uma postura muito ereta. Eu estava brincando. Parei, prestes a falar com ela. Mas ela meio que virou as costas para nós e baixou os olhos. Por aquele gesto indescritivelmente triste eu soube que Philips, o homem que tinha sido esmagado na linha do trem e que ela vinha visitando, estava morto. Acabou, ela parecia dizer. Eu soube, e espantei-me com a ideia da morte. Ao mesmo tempo, tive a impressão de que o gesto dela, como um todo, era belo. Muito cedo, por meio das babás e das visitas ocasionais, devo ter descoberto que a consideravam muito linda. Mas esse orgulho era arrogante, e não um sentimento puro e íntimo: vinha misturado ao orgulho da admiração dos outros. Tinha relação com o orgulho decididamente mais arrogante que senti quando, certa noite, as babás comentaram entre si enquanto jantávamos: “Eles são muito bem relacionados...”.

Mas deixando de lado a beleza da minha mãe, se é que as duas podem ser separadas, como ela era? Muito ativa, muito direta, prática, e divertida, digo imediatamente. Podia ser bastante dura, não gostava de afetação. “Se você puser a cabeça de lado desse jeito, não irá à festa”, lembro de ela me dizer quando nos organizávamos dentro de uma carruagem diante de alguma casa. Severa, dona de um conhecimento que fazia dela alguém triste. Ela tinha uma tristeza própria atrás de si, para mergulhar na intimidade. Uma vez, depois de nos passar alguns exercícios para fazer, ergui os olhos do meu e observei-a lendo – a Bíblia, talvez – e, espantada com a gravidade de seu rosto, cismei que seu primeiro marido fora um clérigo e que ela estava pensando nele, ao ler o que ele havia lido. Foi fantasia minha; mas demonstra como era triste sua aparência quando não estava conversando.

Serei capaz de me aproximar dela sem recorrer a todas as descrições e anedotas que, depois de sua morte, se impuseram

sobre a imagem que criei? Muito ativa, muito definida, muito empertigada, e por detrás da atividade, a tristeza, o silêncio. E obviamente ela era central. Desconfio que a palavra “central” seja a que mais se aproxime da sensação generalizada que eu tinha de viver tão completamente sob a influência dela, que nunca me afastava o bastante para vê-la como uma pessoa. (Esse é um dos motivos pelos quais vejo de maneira tão mais distinta os Gibbsses e os Beadles e os Clarkes.) Ela era a totalidade; Talland House estava repleta de sua presença; Hyde Park Gate estava repleta de sua presença. [\[24\]](#) Percebo agora, apesar da rapidez, da imperfeição e da inexpressividade de minhas palavras, por que era impossível para minha mãe deixar em um filho uma impressão demasiado íntima e particular. Ela mantinha em existência o que eu chamo, na minha taquigrafia particular, de a panóplia da vida – o terreno comum em que todos vivíamos. Percebo agora que ela vivia em tão extensa superfície que não possuía nem tempo, nem forças, para concentrar-se, exceto por um momento se algum de nós caísse doente ou se qualquer outra espécie de crise infantil acometesse a mim ou a um dos outros... a menos que esse outro fosse Adrian. Ele era amado separadamente; ela o chamava de “minha alegria”. Olhando em retrospecto, a compreensão que tenho hoje da posição de minha mãe deve assumir algum destaque; e mostra que uma mulher de 40 anos com sete filhos, alguns dos quais demandavam a mesma atenção dos adultos, e quatro outros ainda crianças, além de uma oitava, Laura, uma demente, mas que morava conosco; e um marido 15 anos mais velho, difícil, exigente, dependente dela; percebo agora que uma mulher que devia manter tudo isso existindo e sob controle somente poderia ser uma presença generalizada, e não específica, para uma criança de sete ou oito anos. Consigo me lembrar de ficar a sós com ela por mais do que uns poucos minutos? Alguém sempre vinha interromper. Quando lembro espontaneamente dela, é sempre num ambiente cheio de pessoas; com Stella, George e Gerald por perto; meu pai, sentado, lendo com uma perna cruzada sobre a outra, torcendo seu cacho de cabelo; “Vá tirar aquela migalha da barba dele”, ela

sussurrava para mim, e lá ia eu, saltitando. Há visitas, rapazes como Jack Hills, que se apaixonou por Stella; muitos rapazes, amigos de Cambridge de George e de Gerald; velhos senhores, sentados à mesa do chá conversando, amigos de papai, Henry James, Symonds (eu o vejo me olhando de baixo da ampla escadaria em St. Ives com seu rosto amarelo contraído e uma gravata de linha amarela com duas borlas de lã); amigos de Stella – os Lushingtons, os Stillmans; eu a vejo na cabeceira da mesa sob a gravura de Beatriz pintada de azul que uma velha governanta lhe deu; ouço piadas; risadas; a algazarra das vozes; brincam comigo; digo qualquer coisa divertida; ela ri; fico feliz; coro violentamente; ela repara; alguém ri de Nessa por ela dizer que Ida Milman é sua “*B.F.*”; e mamãe diz de modo tranquilizador, terno, “Ou seja, melhor amiga”. Eu a vejo saindo para a cidade com sua cesta; e Arthur Davies vai com ela; eu a vejo tricotando no degrau do vestíbulo enquanto jogamos críquete; eu a vejo abrindo os braços para Mrs. Williams quando os oficiais de justiça tomaram a casa deles, e o capitão, postado à janela, vociferando e atirando jarras, bacias e penicos no cascalho da trilha de entrada da casa – “Fique conosco, Mrs. Williams”; “Não, Mrs. Stephen”, soluçou Mrs. Williams, “não abandonarei o meu marido”. – Eu a vejo escrevendo em sua escrivaninha em Londres e vejo os castiçais de prata, e a cadeira entalhada de espaldar alto com garras nos pés e assento cor-de-rosa, e o tinteiro de metal, com três lados; em agonia, espiando furtivamente por baixo da veneziana, eu aguardo para vê-la descendo a rua; quando ela fica fora até mais tarde as luzes são acesas e eu tenho certeza de que ela foi atropelada. (Uma vez meu pai me surpreendeu espiando; questionou-me; e disse de modo um tanto ansioso, mas em tom reprovador, “Você não devia ficar assim tão nervosa, Jinny”.) Há ainda a última visão que tenho dela; ela estava morrendo; fui beijá-la e, enquanto saía do quarto pé ante pé, ela disse: “Cabeça erguida, minha cabritinha”... Que miscelânea de coisas, se deixo o pensamento correr solto, consigo recordar sobre minha mãe; mas todas as lembranças são dela acompanhada; dela rodeada; dela generalizada; dispersa, onipresente; dela como criadora daquele

mundo feliz e populoso que girava no centro da minha infância com tanta alegria. É verdade que eu guardava esse mundo dentro de um outro, criado por meu próprio temperamento; é verdade que desde o início eu me atirava a muitas aventuras fora desse mundo, e que dele me afastava frequentemente, e que me mantinha a uma grande distância; porém sempre estava lá a vida em comum da família, muito alegre, muito agitada, repleta de gente; e minha mãe era o centro; era ela. Isso se comprovou no dia 5 de maio de 1895. Pois depois desse dia, nada mais restou desse mundo. Eu me debrucei à janela do quarto das crianças na manhã em que ela morreu. Deviam ser mais ou menos seis horas. Vi o Dr. Seton seguindo pela rua com a cabeça baixa e as mãos atrás das costas. Vi os pombos pairando, pousando. Tive uma sensação de calma, de tristeza, de encerramento. Era uma linda manhã azul de primavera, muito silenciosa. Isso me traz novamente a sensação de que tudo havia chegado ao fim.

* * *

15 de maio de 1939. A labuta de tornar Roger uma biografia coerente se tornou intolerável uma vez mais, e sendo assim eu retorno a maio de 1895 para uns dias de respiro. A pequena plataforma do presente onde me apoio está, quanto ao clima, úmida e fria. Olho para minha claraboia – por sobre a pilha de artigos da *Athenaeum*, e das cartas de Fry – todas salpicadas da areia que vem da casa que estão demolindo aqui ao lado – [\[25\]](#) olho para cima e vejo um céu da cor da água suja, como se ele a refletisse. E a paisagem interior é quase o mesmo. Noite passada Mark Gertler [\[26\]](#) jantou aqui e denunciou a vulgaridade, a inferioridade do que ele chama de “literatura”, em comparação com a integridade da pintura. “Pois ela sempre deve lidar com Mr. e Mrs. Brown” – ele disse – ou seja, com o que é pessoal, com o que é trivial; uma crítica que tem mordacidade e frieza, tal como o céu de maio. Porém, se alguém fosse representar a personalidade da minha mãe, teria de ser um artista. Seria tão difícil fazer isso, do modo como deveria ser feito, quanto pintar um Cézanne.

Uma das poucas certezas a seu respeito é que ela se casou com dois homens bastante diferentes. Se a olharmos da perspectiva não de uma criança de sete ou oito anos, mas de uma mulher que é hoje mais velha do que ela era quando morreu, há algo a se extrair daí. Ela não era tão apagada e destituída de feições, tão dominada pela beleza do seu próprio rosto, quanto depois veio a ser, e de modo tão inevitável. Pois que realidade pode restar de alguém que morreu há 44 anos aos 49 anos, sem deixar para trás nenhum livro, nenhum quadro, nenhuma obra – exceto os três filhos que ainda vivem e a memória que dela permanece em seus corações? Essa memória está aí; mas não existe nada com que se possa confrontá-la; nada capaz de sustentá-la.

Existem, entretanto, esses dois casamentos; e eles demonstram que ela foi capaz de se apaixonar por dois homens muitíssimo diferentes; um era, em resumo, a fina flor do decoro; o outro, a fina flor da intelectualidade. Ela foi capaz de abarcar os dois. Isso deverá me servir de parâmetro ao tentar mensurar seu caráter.

Os elementos desse caráter, entretanto, são identificados de modo crepuscular. Ela nasceu, creio, em 1848; [\[27\]](#) acredito que na Índia; filha do Dr. Jackson e de sua esposa meio-francesa. Não teve acesso a muita educação. Uma velha governanta – teria sido *Mademoiselle* Rose? teria ela lhe dado o quadro de Beatriz pendurado na parede da sala de jantar de Talland House? – lhe ensinou francês, que ela falava com um sotaque bastante bom; sabia tocar piano e era muito musical. Eu lembro que ela mantinha *O comedor de ópio* de De Quincey sobre a escrivaninha, um de seus livros preferidos; e que como presente de aniversário certa vez escolheu as obras completas de Scott, que seu pai lhe deu em primeiras edições – algumas delas sobrevivem até hoje, outras se perderam. Tinha paixão por Scott. Sua inteligência era instintiva, não formal. Mas seu instinto, ao menos para livros, me parece ter sido bastante forte, o que me agradava, pois ela deu um pulo, eu lembro, quando ao ler *Hamlet* em voz alta eu disse “*silver*” em vez de “*sliver*” – ela deu um pulo da mesma maneira que meu pai se sobressaltava diante de algum erro de duração de uma vogal ao lermos Virgílio

com ele. Dos três filhos de sua mãe, ela foi a preferida; e como sua mãe era inválida, desde criança ela se acostumou ao papel de cuidar; a prostrar-se ao lado do leito de um doente. Eles tinham uma casa em Well Walk durante a Guerra da Crimeia; pois havia uma anedota de família sobre observarem os soldados treinando no Heath. Mas de imediato foi sua beleza que ficou em evidência, mesmo quando ela não passava de uma garotinha; pois havia outra anedota – de como nunca podiam mandar que saísse desacompanhada, mas sempre com Mary, para protegê-la dos olhares dos admiradores: para mantê-la inconsciente daquela beleza – da qual ela de fato possuía pouquíssima consciência, segundo dizia meu pai. Foi devido a tal beleza, suspeito, que ela recebeu uma educação que lhe foi muito mais importante do que qualquer outra que tenha recebido das governantas: a educação para a vida em Little Holland House. Quando criança ela passava boa parte do tempo em Little Holland House, em parte, eu imagino, porque era agradável aos pintores e aos Prinseps – Tia Sara e Tio Thoby deviam se orgulhar dela. [\[28\]](#)

Little Holland House era o seu mundo, naquela época. Mas como era esse mundo? Eu o imagino como uma tarde de verão. Na minha cabeça, Little Holland House é uma antiga casa de campo branca, no meio de um jardim amplo. Portas francesas se abrem para o gramado. Por elas chega uma enxurrada de mulheres com crinolinas e chapeuzinhos de palha; são acompanhadas por cavalheiros de bigodes e calças afuniladas. A data é cerca de 1860. É um dia quente de verão. Mesas de chá com grandes tigelas de morangos e creme estão espalhadas pelo gramado, “presididas” por algumas das seis lindas irmãs, [\[29\]](#) que não usam crinolinas e sim esplêndidos vestidos drapeados; sentam-se como que em tronos e conversam com gestos enfáticos estrangeiros – minha mãe também gesticulava, atirando as mãos – com os homens eminentes (que seriam mais tarde zombados por Lytton): [\[30\]](#) administradores na Índia, homens de Estado, poetas, pintores. Minha mãe chega por uma das portas francesas usando aquele vestido de seda listrado abotoado até o pescoço com saia rodada que aparece na

fotografia. [31] Ela é obviamente “uma visão”, como se dizia na época, e ali fica, imóvel, silenciosa, com seu prato de morangos e creme; ou talvez lhe mandem atravessar o jardim para ir até o estúdio do Signor. [32] O som da música também chega de uma daquelas salas compridas e baixas onde estão pendurados os grandes quadros de Watts; Joachim toca violino; e há ainda o som de uma voz lendo poesia – tio Thoby costumava ler suas traduções dos poetas persas. Como é fácil preencher o cenário com partes que reuni lendo memórias – incluir Tennyson com seu chapéu *wideawake*; [33] Watts com sua bata de trabalho; Ellen Terry vestida como um garoto; Garibaldi com sua camisa vermelha – a quem Henry Taylor deu as costas para voltar-se para minha mãe – “*the face of one fair girl was more to me*”, assim diz ele em um poema. [34] Mas se eu me volto para minha mãe, como é difícil defini-la como realmente era; imaginar o que ela estava pensando, colocar uma única frase que seja em sua boca! Eu sonho; crio imagens de uma tarde de verão.

Mas a fantasia se baseia em um fato. Certa vez, quando éramos pequenos, minha mãe nos levou a Melbury Road; e quando chegamos à rua que foi construída sobre o antigo jardim, ela deu um pulinho para a frente, bateu palmas e exclamou, “Era aqui que ela ficava!”, como se uma terra de contos de fadas tivesse desaparecido. [35] Por isso eu acredito que Little Holland House foi para ela um mundo de tarde de verão. Outro fato que sei com certeza é que ela adorava seu tio Thoby. Sua bengala, com um buraco no topo onde uma borla devia ficar pendurada, uma linda bengala no estilo do século XVIII, ficava sempre à cabeceira da cama dela em Hyde Park Gate. Ela o adorava como a um herói, de modo simples, entusiástico. Seus sentimentos por tio Thoby, segundo meu pai, eram muito maiores do que pelo seu próprio pai – “o velho Dr. Jackson”, “respeitável”, mas que, apesar da bela aparência e da impressionante juba de cabelo branco que lhe brotava da cabeça como um chapéu de três pontas, era um velho prosaico e banal; que entediava as pessoas com suas histórias de um famoso caso de envenenamento em Calcutá; que fora excluído daquela terra poética de contos de fadas, fato do qual sem dúvida se ressentia. Minha mãe não nutria

nenhuma paixão por ele; porém suspeito que dele herdou o senso prático e a perspicácia, que eram algumas de suas qualidades.

Little Holland House foi, portanto, sua formação. Ali lhe foi ensinado o papel que as meninas então desempenhavam na vida dos homens distintos: servir o chá; estender-lhes suas tigelas de morango e creme; escutar devotadamente, reverentemente suas palavras sábias; aceitar o fato de que Watts era o grande pintor; Tennyson o grande poeta; e dançar com o Príncipe de Gales. Pois as irmãs, salvo minha avó que era devota e espiritual, eram mundanas, daquele modo radicalmente vitoriano. Tia Virginia sabidamente fez as próprias filhas, as primas mais velhas da minha mãe, passarem por torturas comparadas às quais a bota ou o sapato chinês [\[36\]](#) são insignificantes, a fim de casar uma com o duque de Bedford e a outra com Lord Henry Somerset. (E foi assim que viemos a ser, como comentaram as babás, “tão bem relacionados”.) Mas novamente estou mergulhando nas memórias e deixando Julia Jackson, a pessoa real, de lado. As únicas certezas de que disponho daqueles primeiros anos são que dois homens lhe pediram a mão em casamento (ou melhor, aos pais dela): um deles foi Holman Hunt; o outro, Woolner, um escultor. [\[37\]](#) Os dois pedidos foram feitos e recusados quando ela mal saíra da infância. Sei também que, certa vez, ela foi com um chapéu de penas cinzentas a uma festa à beira do rio onde estava presente Anny Thackeray; [\[38\]](#) e Nun (ou seja, tia Caroline, irmã de papai) a viu parada, sozinha, e ficou surpresa por ela não estar no centro de um bando de admiradores; “Onde estão eles?”, perguntou a Anny Thackeray, que respondeu, “Ah, por acaso não vieram hoje” – uma ceninha que me leva a desconfiar que Julia, aos 17 ou 18 anos, era ativa e pela sua própria beleza impunha certo silêncio ao seu redor.

A ceninha é datada; ela não podia ter mais que 18 anos, uma vez que se casou aos 19. [\[39\]](#) Estava em Veneza, conheceu Herbert Duckworth, apaixonou-se perdidamente por ele, e ele por ela, e assim se casaram. Isso é tudo o que sei, talvez tudo o que qualquer um saiba, sobre o evento mais importante da sua

vida. Sua importância se comprova pelo fato de que, quando ele morreu quatro anos depois, ela tornou-se “tão infeliz quanto um ser humano pode ser”. A frase é dela mesma; chegou até mim por Kitty Maxse. “Fui tão triste e tão feliz quanto um ser humano pode ser.” Kitty recordou-se porque, apesar de ser bastante próxima da minha mãe, foi a única ocasião durante toda a amizade das duas em que ela falou sobre seus sentimentos em relação a Herbert Duckworth.

* * *

Como a minha mãe era quando foi tão feliz quanto se pode ser, eu não tenho ideia. Nem um único som ou cena sobreviveram daqueles quatro anos. Os dois eram bem de vida; moravam na Bryanston Square; ele advogava sem grandes pretensões no foro (certa feita eles estavam em sessões judiciais e um amigo lhe disse, “passei a manhã inteira na Corte olhando um lindo rosto” – o da mulher de Herbert); nasceu George; depois Stella; e Gerald estava prestes a nascer quando Herbert Duckworth morreu. Eles estavam passando uma temporada na casa dos Vaughans em Upton; [\[40\]](#) ele esticou-se para apanhar um figo para minha mãe; um abcesso estourou; e ele morreu dali a algumas horas. Esses são os únicos fatos que conheço daqueles quatro anos felizes.

Se fosse possível saber como era o próprio Herbert, talvez alguma luz pudesse ser lançada a partir dele sobre minha mãe. Mas, como todos os homens muito belos que morrem tragicamente, ele deixou atrás de si não tanto um caráter, e sim uma lenda. A juventude e a morte emitem um halo através do qual se torna difícil enxergar um rosto real – um rosto que seria possível ver hoje na rua ou aqui no meu estúdio. Para tia Mary – irmã da minha mãe, portanto inclinada a compartilhar algumas das impressões dela –, ele foi: “Ah, querida, um raio de luz... como nenhum outro que eu já conheci... quando Herbert Duckworth sorria... quando Herbert Duckworth entrava na sala...”, e nesse ponto ela se interrompeu, balançou a cabeça rapidamente de um lado para o outro e contraiu o rosto, como se ele fosse inefável; como se nenhuma palavra pudesse descrevê-lo. E, dessa maneira espasmódica, tia Mary repercutiu algo do

que devem ter sido os sentimentos da minha mãe; só que os dela devem ter sido muito mais profundos e intensos. Ele deve ter sido para ela o homem perfeito, heroico, belo, magnânimo; “*the great Achilles, whom we knew*” – parece natural citar Tennyson – [41] além de genial, adorável, simples e seu marido; e o pai dos seus filhos. Foi-lhe portanto natural, quando ela era uma menina, amar o simples, o genial, o tipo comum de homem, em vez do estranho, do artista rude, do intelectual, que ela conhecera e que desejara se casar com ela. Herbert era o estereótipo perfeito do garoto de escola pública e cavalheiro inglês, segundo meu pai. Ela o escolheu; e o quão completamente ele a satisfazia se evidencia pelo colapso que ela sofreu quando ele se foi. Toda a alegria, toda a sociabilidade a deixaram. Ela tornou-se tão infeliz quanto uma pessoa pode ser. Pouca coisa resta, portanto, dos anos assim marcados. Somente essa frase e o que Stella me disse uma vez, que minha mãe costumava ir deitar-se sobre o túmulo dele em Orchardleigh. Como ela era pouco dada a exageros, isso parece uma expressão superlativa de sua infelicidade.

O que se sabe, e que é bem mais notável, é que ao longo dos oito anos que ela se dedicou a “fazer o bem”, cuidando de doentes e visitando os pobres, desde que tivesse tempo livre dos cuidados com os filhos e a casa, ela perdeu a fé. Isso feriu sua mãe, uma mulher profundamente religiosa e a quem ela era devotada, de modo que deve ter sido uma convicção genuína, algo que lhe veio como resultado do pensamento solitário e independente. Demonstra que havia mais dentro dela do que a simplicidade, o entusiasmo, o romantismo; e desse modo fazem sentido suas duas escolhas incongruentes: Herbert e meu pai. Havia nela uma complexidade, uma enorme simplicidade e franqueza combinadas com um espírito cético e grave. Provavelmente era por essa combinação que ela causava uma impressão tão grande sobre as pessoas, uma impressão positiva. Seu caráter foi aguçado pela mistura de simplicidade e ceticismo. Ela era sociável, ainda que severa; muito divertida, mas muito séria; extremamente prática, mas profunda... “Era

uma mistura de Madona com mulher do mundo”, segundo a descrição de Miss Robins. [\[42\]](#)

Seja como for, o certo é que quando por fim ela ficou só – “Ah, a tortura de nunca ficar só!” é uma frase dela, reportada esqueci por quem, que se refere à sua viuvez e ao alvoroço provocado pela família e pelos amigos –, quando ela por fim ficou só, em Hyde Park Gate, começou a pensar sobre sua posição; e por essa razão talvez tenha lido algo que meu pai havia escrito. E gostou do que leu (assim ele o diz no “Mausoleum Book”), quando ela não tinha certeza se gostava dele. É, portanto, possível imaginá-la sentada na sala de estar de Hyde Park Gate, sombreada pela trepadeira, com seu vestido de viúva, sozinha, depois que os filhos tinham ido para a cama, com um exemplar de *Fortnightly*, tentando se decidir sobre o agnosticismo. A partir disso teria começado a pensar em Leslie Stephen, o homem magro barbudo que morava mais acima na mesma rua, casado com Minny Thackeray. De muitas maneiras, ele era o próprio oposto de Herbert Duckworth; mas algo no espírito dele a interessou. Certa noite, ela foi convidada pelos Leslie Stephen e os encontrou sentados juntos diante da lareira; um casal feliz, com um filho pequeno e outro por nascer. Sentou-se para conversar, depois voltou para casa, invejando a felicidade deles e comparando-a com sua própria solidão. No dia seguinte, Minny morreu subitamente. E cerca de dois anos mais tarde, ela se casou com o viúvo magro e barbudo. [\[43\]](#)

* * *

“Como papai pediu a senhora em casamento?”, perguntei-lhe uma vez, de braço dado com ela enquanto descíamos a escadaria em caracol até a sala de jantar. Ela deu a risadinha dela; meio surpresa, meio espantada. E não respondeu. Ele a pediu por carta; ela recusou. Então uma noite, quando ele já havia desistido completamente da ideia, e eles estavam acabando de jantar juntos e ele lhe pedia indicação de governanta para Laura, ela o acompanhou até a porta e disse: “Tentarei ser uma boa esposa para você”.

Talvez houvesse pena no amor dela; certamente havia admiração devotada pela inteligência dele; e foi assim que ela abarcou dois casamentos com dois homens diferentes; e emergiu daquele corredor de oito anos de silêncio para viver por 15 anos [\[44\]](#) mais, ter outros quatro filhos, e morrer cedo na manhã de 5 de maio de 1895. George nos levou até ela para nos despedirmos. Meu pai saiu cambaleando do quarto quando nos aproximamos. Estendi os braços para impedi-lo, mas ele me afastou para um lado, gritando algo que não pude entender; transtornado. E George levou-me para que beijasse minha mãe, que acabava de morrer.

* * *

28 de maio de 1939. Conduzidos por George enrolados em toalhas, depois que cada um bebeu um copo de leite com um pingo de conhaque morno, fomos levados até o quarto. Acho que havia velas acesas; e acho que o sol entrava pela janela. Seja como for, eu me lembro do espelho comprido, com gavetas dos dois lados; e do lavatório; e da grande cama onde minha mãe jazia. Eu me lembro muito claramente de como, enquanto me levavam até a cabeceira, notei que uma das babás soluçava, e a vontade de rir tomou conta de mim, e eu disse a mim mesma, como tornou-se meu costume em momentos de crise desde então: “Não sinto absolutamente nada.” [\[45\]](#) Então me debrucei e beijei o rosto da minha mãe. Ainda estava quente. Ela tinha acabado de morrer. Então subimos as escadas até o quarto das crianças.

Creio que foi na tardinha do dia seguinte que Stella me levou até o quarto para beijar mamãe pela última vez. Antes ela estivera deitada de lado. Agora estava de costas, em meio a seus travesseiros. Seu rosto parecia imensamente distante, vazio e severo. Beijá-la foi como beijar ferro frio. Sempre que toco em ferro frio aquela sensação volta novamente – a sensação do rosto da minha mãe, frio como ferro e granuloso. Recuei de susto. Então Stella afagou o rosto dela e abriu um botão da sua camisola. “Era assim que ela gostava de usar”, disse. Quando subiu ao quarto das crianças mais tarde, disse para mim:

“Desculpe. Vi que você ficou com medo”. Ela percebeu meu sobressalto. Quando Stella me pediu para perdoá-la por ter me causado aquele choque, eu chorei – o dia inteiro tínhamos passado chorando, em intervalos – e disse: “Quando vejo a mamãe, vejo um homem sentado ao lado dela”. Stella me olhou como se eu a tivesse assustado. Teria eu dito aquilo para chamar atenção? Ou seria mesmo verdade? Não tenho certeza, pois certamente eu sentia um grande desejo de chamar atenção. Mas certamente era verdade que quando Stella disse: “Desculpe”, e com isso evocou a imagem da minha mãe, tive a impressão de ver um homem sentado, debruçado na beira da cama.

“É bom que ela não estivesse sozinha”, Stella disse, depois de uma pausa.

Obviamente o clima naqueles três ou quatro dias antes do funeral foi tão melodramático, histriônico e irreal que qualquer alucinação era possível. Nós os atravessamos em silêncio, à luz artificial. Os quartos foram fechados. Pessoas entravam e saíam sem alarde. Pessoas vinham a todo momento até a porta. Ficávamos sentados na sala de estar ao redor da poltrona de papai, soluçando. O saguão de entrada fedia a flores, que tinham sido empilhadas na mesa. O cheiro ainda me traz à lembrança aqueles dias de intensidade espantosa. Mas guardo uma recordação de grande beleza. Havia enviado um telegrama para Thoby, em Clifton. Ele chegaria em Paddington naquela noite. George e Stella sussurravam no hall, decidindo quem iria buscá-lo. Para meu alívio, Stella venceu alguma objeção da parte de George e disse: “Eu creio que faria bem a ela ir”; e assim fui posta no táxi com George e Nessa para receber Thoby em Paddington. O sol se punha, e o grande domo de vidro no fim da estação estava incandescente. Cintilava em amarelo e vermelho, e as vigas mestras de ferro formavam um desenho ao longo dele. Andei ao longo da plataforma olhando arrebatada para aquele magnífico faiscar de cores, e o trem entrou lentamente na estação. Aquilo me impressionou e exaltou. Era tão vasto e tão intensamente vermelho. O contraste entre a explosão de luz magnífica e os aposentos amortalhados de cortinas cerradas de Hyde Park Gate foi demasiado intenso.

Além disso, resultou, em parte, daquilo que a morte de minha mãe trouxe à tona e intensificou: fez com que eu subitamente desenvolvesse percepções, como se um vidro incandescente tivesse sido posto sobre algo antes encoberto e dormente. Claro que esse estímulo era espasmódico. Mas foi surpreendente, como se algo estivesse tornando-se visível, sem qualquer esforço. Um outro exemplo: eu me lembro de ir a Kensington Gardens por volta dessa época. Era uma noite quente de primavera e nós nos deitamos – Nessa e eu – sobre a grama alta atrás de Flower Walk. Eu levava comigo *The Golden Treasury*, [\[46\]](#). Abri o livro e comecei a ler algum poema. E instantaneamente e pela primeira vez eu o compreendi (qual era, esqueci). Foi como se o poema tivesse se tornado completamente inteligível; experimentei a sensação de transparência nas palavras, quando elas cessam de ser palavras e se intensificam de tal maneira que parecemos vivenciá-las; parecemos prevêê-las, como se expressassem aquilo que já estamos sentindo. Fiquei tão espantada que tentei explicar a sensação. “É como se entendêssemos do que o poema está falando”, falei, desajeitada. Creio que Nessa deve ter se esquecido; ninguém poderia ter entendido, a partir do que eu disse, a sensação estranha que experimentei sobre a grama quente, de que a poesia estava se tornando realidade. Nem mesmo essa frase expressa a sensação. É a mesma que tenho às vezes quando escrevo. A caneta fareja o rastro.

Mas embora eu me lembre de modo tão distinto desses dois momentos – o arco de vidro ardendo no fim da Paddington Station e o poema que li em Kensington Gardens –, eles são praticamente os únicos momentos claros no embotamento abafado que depois se fechou sobre nós. Com a morte de mamãe, a alegria, a vida familiar variada que ela tinha sustentado cerrou-se para sempre. Em seu lugar uma nuvem negra acomodou-se sobre nós; parecíamos sentar juntos confinados, infelizes, solenes, irreais, sob uma névoa de emoção pesada. Parecia impossível rompê-la. Não era apenas embotamento; era irrealidade. Um dedo parecia pousado sobre nossos lábios.

Eu nos vejo agora, todos vestidos rigorosamente de preto, George e Gerald de calças pretas, Stella com crepe autêntico no vestido, Nessa e eu com crepes ligeiramente alterados, meu pai de preto da cabeça aos pés – até o papel de cartas estava emoldurado com uma moldura tão negra que restava apenas um pedacinho para escrever –, eu nos vejo emergindo de Hyde Park Gate numa bela tarde de verão e caminhando em procissão de mãos dadas, pois estávamos sempre nos dando as mãos – eu nos vejo caminhar – eu muito orgulhosa do negror solene e da impressão que devia provocar – até Kensington Gardens; e como o laburno resplandecia, dourado. E então nos sentamos em silêncio sob as árvores. O silêncio era asfixiante. Um dedo pousado sobre nossos lábios. Era preciso sempre pensar se o que estava para ser dito era a coisa certa. Tinha de ajudar em alguma coisa. Mas como era possível ajudar? Meu pai costumava ficar sentado, submerso na tristeza. Quando alguém conseguia fazê-lo falar – e esse era um dos nossos deveres – era sobre o passado. Era sobre “os velhos tempos”. E quando ele falava, concluía com um resmungo. Estava ficando surdo, e seus resmungos eram mais altos do que ele tinha ciência. Em casa, caminhava de um lado a outro da sala, gesticulando, bradando que nunca chegara a dizer a mamãe o quanto a amara. Então Stella o abraçava e protestava. Frequentemente alguém interrompia uma dessas cenas. E meu pai abria os braços e chamava um de nós. Éramos sua única esperança, seu único consolo, dizia. E ali, ajoelhados no chão, tentávamos ser exatamente isso... talvez apenas para chorar.

Foi Stella, é claro, quem suportou o fardo. Tornou-se mais e mais branca em seu vestido totalmente preto. Sentava-se à mesa para escrever com o papel de cartas na moldura preta, respondendo mensagens de solidariedade e apoio. Diante dela havia uma fotografia de mamãe; e às vezes ela chorava, enquanto escrevia. À medida que o verão se esgotava, começaram a chegar as visitas; mulheres solidárias, velhos amigos. Eram recebidas na sala de estar dos fundos, onde papai ficava sentado como a rainha de Shakespeare – “here I and sorrow sit” – [\[47\]](#) com a hera-americana caindo numa cortina

esverdeada sobre a janela, de modo que o quarto era como uma caverna verde. Na sala da entrada, nós nos sentávamos encolhidos, ouvindo vozes abafadas, esperando a visita irromper às lágrimas com o rosto manchado de choro. A vida amortalhada, cautelosa, embotada tomou o lugar do burburinho e das risadas do verão. Não havia mais festas; não havia mais jovens rapazes e moças gargalhando. Não mais lampejos de vestidos de verão e cabriolés disparando até apresentações teatrais privadas e jantares, nada da vida natural e da alegria que minha mãe criara. O mundo adulto onde antes eu me aventurava um instante para recolher uma piada ou ceninha, para em seguida subir lépida até o quarto das crianças, tinha se encerrado. Não restava nenhum dos momentos roubados antes tão divertidos e, sei lá por qual motivo, ao mesmo tempo tão confortantes e animadores, quando corríamos escada abaixo de braços dados com mamãe para jantar; ou escolhíamos as joias que ela deveria usar. Nada do orgulho de quando alguém dizia algo que a divertia, ou que ela considerava bastante admirável. Que empolgação a minha, quando o *Hyde Park Gate News* [\[48\]](#) era colocado sobre o seu prato na manhã de segunda-feira e ela gostava de alguma coisa que eu tivesse escrito! Jamais esquecerei o descomedimento do meu prazer – era como ser um violino que alguém tocava – quando descobri que ela enviara a Madge Symonds uma das minhas histórias; era tão criativa, disse ela, sobre almas que voavam ao redor e escolhiam corpos onde nascer.

A tragédia da morte dela não foi a de nos tornar, de quando em vez e muito intensamente, infelizes. Foi a de torná-la irreal; e a nós solenes e encabulados. Éramos forçados a desempenhar papéis que considerávamos falsos; a procurar palavras que desconhecíamos. Sua morte obscurecia, embotava. Transformava a pessoa em um hipócrita imerso nas convenções do luto. Nasceram daí muitas ideias tolas e sentimentais. Contudo, havia um conflito entre o que deveríamos ser e o que éramos. Thoby o transpôs em palavras. Certo dia, antes de voltar para o internato, ele disse: “É tolice continuar agindo assim...”, soluçando, encolhendo-se

amortalhado, foi o que ele quis dizer. Espantei-me com sua crueldade; no entanto, ele tinha razão, eu sei; e, no entanto, como poderíamos escapar?

Foi Stella quem mais uma vez ergueu o dossel. E uma luz tímida entrou.

* * *

20 de junho de 1939. Estive pensando em Stella enquanto atravessava o Canal ontem à noite; de modo bastante entrecortado desconexo, com gente discutindo em frente à porta; o trem com conexão ao vapor [\[49\]](#) chegando; correntes tinindo; e o vapor soltando aqueles repentinos resfolegos ruidosos. E já que a primeira manhã após uma noite sobressaltada é uma manhã interrompida e perturbada, em vez de retomar Roger, como eu deveria, vou anotar alguns dos meus pensamentos distraídos e desconexos; para que, caso chegue a hora, sirvam de anotações.

Quantas pessoas ainda podem pensar em Stella em 20 de junho de 1939? Muito poucas. Jack morreu Natal passado; George e Gerald um ou dois anos atrás; Kitty Maxse e Margaret Massingberd agora já estão mortas há muitos anos. Susan Lushington e Lisa Stillman continuam vivas, mas onde moram e como, não sei. Talvez por esse motivo eu pense nela de modo menos desconexo e mais real do que qualquer outra pessoa viva, salvo Vanessa e Adrian; e quem sabe a velha Sophie Farrell. [\[50\]](#) Da infância dela não sei praticamente nada. Era a única filha do belo advogado Herbert Duckworth, mas como ele morreu quando ela tinha três ou quatro anos, não se recordava dele, nem dos anos em que sua mãe foi tão feliz quanto se pode ser. Tenho para mim, por histórias soltas e pelo que eu mesma percebi, que quando ela tomou consciência de si quando criança os anos de infelicidade estavam no ápice. Isso explicaria algumas qualidades de Stella. Suas primeiras lembranças eram de uma mãe viúva muito triste, que “saía por aí fazendo o bem” – Stella desejava que isso tivesse sido inscrito na lápide –, visitando os bairros degradados, visitando também o Hospital do Câncer na Brompton Road. Nossa tia quacre me

disse que esse era o hábito dela; explicando como um dos casos ali “a chocara”. Assim, Stella quando criança viveu sob a sombra dessa viuvez; viu aquela linda figura de véu e crepe diariamente; e talvez então tenha assumido o traço que lhe era tão distinto – a atitude de devoção, quase canina em sua adoração comovente, à sua mãe; a afeição passiva e sofredora; e também a dependência absoluta e incondicional.

Elas eram como o sol e a lua uma para a outra; minha mãe a positiva e definida; Stella o satélite refletor. Minha mãe era rígida com ela. Toda sua devoção era dedicada a George, que parecia o pai, e seus cuidados a Gerald, nascido postumamente e muito delicado. Stella ela tratava severamente; tanto que antes do casamento deles, meu pai arriscou um protesto. Ela respondeu que aquilo podia até ser verdade; ela era dura com Stella porque sentia que Stella “era uma parte de mim mesma”. Uma menina pálida e silenciosa é como eu a imagino; sensível; modesta; resignada; com adoração pela sua mãe, pensando apenas em como poderia ajudá-la, e sem nenhuma ambição ou mesmo personalidade própria. E, no entanto, tinha personalidade. Muito gentil, muito honesta, e de certa maneira individual – de maneira que causava a sua própria impressão nas pessoas. Amigos, como Kitty Maxse, a brilhante, a efervescente, a adoravam com uma ternura verdadeiramente risonha pelo que ela era em si mesma. Seu encanto era imenso; vinha em parte dessa modéstia, dessa honestidade, dessa abnegação perfeitamente simples e não ostensiva; vinha também da sua falta de pose, da sua falta de esnobismo; e da autenticidade; de algo que era – caso eu fosse capaz de indicar com exatidão – perfeitamente ela mesma, individual. Essa qualidade sem nome – a sensibilidade às coisas reais – era estranha de se ver na irmã de George e Gerald, que eram tão opacos e convencionais; que tinham tanto respeito inato pelas convenções e respeitabilidades. Por algum estranho lance em seu nascimento, ela passou ao largo de toda a nódoa do filistinismo dos Duckworth; não tinha nada de sua complacência arguta de classe média. Em vez dos seus olhinhos castanhos tão gananciosos e cintilantes, os dela eram muito

grandes e de um tom azul claro. Eram olhos cândidos, sonhadores. Ela nada tinha do mundanismo instintivo deles. Era linda, também, de maneira um tanto mais vaga e menos perfeita do que minha mãe. Sempre me lembrava aquelas flores brancas grandes – flor de sabugueiro, erva-cicutária, que se vê nos campos em junho. Talvez o apelido engraçado que minha mãe lhe deu – “Vaca Velha” – venha da erva-cicutária.^[51] Ou, ainda, ela lembre uma lua branca desbotada num céu azul. Ou aquelas grandes rosas brancas que têm muitas pétalas e são semitransparentes. Tinha lindos cabelos claros, que caíam como dois chifres sobre sua testa; e absolutamente nenhuma cor no rosto. Quanto à sua formação – talvez ela tenha tido uma governanta; recebeu aulas; aprendeu violino com Arnold Dolmetsch e tocou na orquestra de Mrs. Marshall. Porém existia um bloqueio em sua mente, uma suave impassibilidade em relação a livros e ensino. Tal como me disse Jack depois da morte dela, ela se considerava tão estúpida que beirava a deficiência; e dizia que a febre reumática que tivera quando criança a havia (eu me lembro da palavra) “tocado”. Mas, de novo, o mais admirável, considerando o sangue dos Duckworth – tão grosseiros, tão rústicos, tão filisteus – é que, por mais simples que ela tenha sido intelectualmente, nunca foi, como uma irmã de George poderia muito bem ter sido, uma garota inglesa comum e alegre de faces coradas e olhos castanhos brilhantes. Ela era ela. Continuo vendo-a com grande clareza em minha mente. O estranho é que eu não consiga compará-la com nenhuma outra pessoa, nem em personalidade nem em feição. Que aspecto ela teria hoje em uma sala repleta de gente é algo que não consigo imaginar; nem como ela falaria. Nunca encontrei ninguém que me lembrasse dela, e isso vale também para a minha mãe. De nenhum modo consigo misturá-las ao mundo dos vivos.

Ela tinha 19 anos quando eu contava seis ou sete; e como uma garota não podia então sair por Londres desacompanhada, eu costumava ser mandada com ela, como dama de companhia. Entre as minhas lembranças mais antigas está a de sair com ela, quiçá para fazer compras ou uma visita qualquer; e, tarefa

cumprida, ela me levava a uma confeitaria e me dava um copo de leite e pãozinhos polvilhados com açúcar sobre uma mesa de mármore. E às vezes saíamos em cabriolés. Mas ela vivia, obviamente, lá embaixo, na sala de estar, servindo o chá; e havia muitos rapazes ao seu redor, ou assim parecia quando por um segundo ali disparávamos correndo. Sabíamos vagamente que Arthur Studd estava apaixonado por ela; e Ted Sanderson; e creio que Richard Norton; e Jim Stephen. [\[52\]](#) Aquela figura enorme de voz grave e olhos ensandecidos vinha em casa à procura dela, tomado por sua loucura; e irrompia no quarto das crianças e com sua bengala-espada lancetava o pão, e certa vez nos disseram para sair pela porta dos fundos e que se víssemos Jim era para dizer que Stella não estava.

* * *

19 de julho de 1939. Mais uma vez fui obrigada a interromper essas notas, e tenho sérias desconfianças de que tais interrupções serão o fim dessas memórias.

Estive pensando em Stella enquanto atravessávamos o Canal um mês atrás. Não pensei nela nem uma única vez desde então. O passado só retorna quando o presente transcorre tão suavemente que mais parece o deslizar da superfície de um rio. Então se enxergam as profundezas, mais além da superfície. Nesses momentos é que encontro uma das minhas maiores satisfações – não quando estou pensando no passado, mas quando estou vivendo mais completamente no presente. Pois o presente, quando sustentado pelo passado, torna-se mil vezes mais profundo do que o presente quando está tão próximo que não é possível sentir mais nada, quando o filme da câmera atinge meramente o olho. Mas é preciso paz para sentir o presente deslizando sobre as profundezas do passado. O presente deve ser tranquilo, habitual. Por essa razão – que destrua a completude da vida – qualquer interrupção – como a de uma mudança de casa – me traz angústia profunda; rompe; superficializa; transforma a profundidade em estilhaços duros, afiados. Como eu digo a Leonard: “O que há de real nisso? Voltaremos um dia a ter uma vida normal?”. “Em Monk’s House”,

ele diz. Portanto escrevo isso, tirando uma manhã de folga do assunto de coletar e encaixar palavras na minha biografia de Roger – escrevo isso, em parte, para recobrar meu sentido do presente, fazendo com que o passado empreste suas sombras a essa superfície rachada. Que eu desça novamente, então, como uma criança descalça avança num rio gelado, até essa correnteza.

... Jim Stephen estava apaixonado por Stella. Estava louco naquela época. No estado exaltado da sua loucura. Vinha a toda pressa num cabriolé; deixando a tarifa para que meu pai pagasse. O cabriolé havia rodado Londres o dia inteiro com ele. O homem pedia, talvez, um soberano. Que era pago. Pois “o querido Jim” era um grande favorito de meu pai. Certa vez, como eu disse, ele irrompeu no quarto das crianças e lancetou o pão. Noutra vez, fomos para seu quarto em De Vere Gardens e ele me pintou em um pedacinho de madeira. Durante algum tempo, foi um grande pintor. Desconfio que a loucura o levou a acreditar que era todo-poderoso. Uma vez ele chegou no café da manhã, rindo: “Savage [\[53\]](#) acaba de me dizer que corro o risco de morrer ou de ficar louco”. E dali a pouco estava correndo nu por Cambridge; foi internado em um sanatório; e morreu. Essa grande figura ensandecida com seus ombros largos e boca bem desenhada, de voz grave e rosto poderoso – e olhos azulíssimos – esse homem louco recitava poesia para nós; “The Burial of Sir John Moore”, [\[54\]](#) eu me lembro; e sempre me traz à lembrança um touro atormentado; e também Aquiles – Aquiles em seu leito, com seus rugidos, é digno de aplausos. Ele estava apaixonado por Stella – por mais incongruente que fosse. E tínhamos ordens de lhe falar, caso trombássemos com ele pela rua, que ela não estava, que fora para os Lushingtons em Pyports. Um grande mistério pairava em torno do amor então.

Jim foi um de seus admiradores. O outro – quer dizer, o mais importante – foi Jack Hills. Foi em St. Ives que ela o recusou; mais tarde naquela noite, pela parede do sótão, nós a escutamos soluçando. Ele foi embora imediatamente. Uma recusa naqueles dias era uma catástrofe. Significava um rompimento absoluto. As relações humanas, ao menos entre os sexos, eram encaradas

como se encaram hoje as relações entre os países, com embaixadores e tratados. As partes envolvidas se reuniam na grande ocasião do pedido de casamento. Em caso de recusa, declarava-se estado de guerra. Isso explica por que Stella chorou tão amargamente. Por ter feito algo de grande importância, não apenas prática, mas também emocional. Ele foi embora imediatamente – para pescar na Noruega; talvez os dois tenham se encontrado, mais tarde, de maneira completamente formal, em festas. As relações foram mantidas vagamente vivas através de minha mãe; era necessário um intérprete. Tamanho procedimento emprestava ao amor sua solenidade. As emoções eram represadas; o silêncio interposto; em toda família existia um código, um código religioso, que chegava, de uma maneira ou de outra, até as crianças. Era secreto, mas o adivinhávamos.

Assim, quando minha mãe morreu, Stella acabou sem mediador nenhum, já que meu pai não cabia nesse papel. Jack deve ter voltado – isso mostra o quanto o seu sentimento devia ser profundo para aceitar um tal retorno – na véspera da morte de minha mãe. A causa era desesperada, mas não sem esperanças. [\[55\]](#)

* * *

8 de junho de 1940. Acabo de encontrar esse maço de anotações atirado no cesto de lixo. Estava arrumando as coisas, e havia atirado toda a minha biografia de Roger naquele cesto enorme, e com ela, também essas páginas. Agora estou corrigindo as últimas provas de Roger, e foi para respirar desse trabalho meticuloso de formiga que resolvi procurar essas páginas. Devo algum dia terminá-las... que dirá fazer delas um livro? A batalha está no auge; todas as noites os alemães sobrevoam a Inglaterra, a cada dia ela se aproxima mais desta casa. Se formos derrotados, então – tanto faz como resolveremos o problema, e aparentemente uma solução é o suicídio (assim decidimos três noites atrás, em Londres) [\[56\]](#) – escrever livros torna-se duvidoso. Mas desejo seguir adiante; não me acomodar nessa poça deprimente.

Jack Hills, como eu ia dizendo, voltou na véspera da morte de minha mãe, o que demonstra que, embora as relações tenham sido rompidas, alguma conexão deve ter se mantido, senão como poderia ele ter voltado na noite da grande crise?

Estávamos na sala de estar dos fundos, e lá estava a bandeja de chá, pois tínhamos o hábito curioso de tomar chá por volta das nove horas. O bule de prata com água quente, que tenho comigo ainda hoje – apesar de estar furado – tinha uma asa que esquentava. Tia Mary, [\[57\]](#) que viera de Brighton, apanhou-o e o soltou rapidamente. “Apenas Mrs. Stephen e Stella conseguem segurar isso”, disse Jack Hills com um sorrisinho estranho e triste, acompanhando a piadinha. E eu me lembro que ele disse “Stella”. E por ele estar ali, naquela última noite, o caso devia estar em andamento – o suficiente para tornar possível que ele estivesse ali conosco, na nossa intimidade. Era 4 de maio de 1895.

A próxima coisa de que me lembro é da noite em Hindhead (22 de agosto de 1895) – a noite em preto e prata das vozes misteriosas, a noite em que papai nos mandou cedo para a cama, e ouvimos vozes no jardim, e vimos Stella e Jack passarem, depois sumirem, e veio o mendigo, e Thoby o enfrentou, e Nessa e eu ficamos sentadas no nosso quarto, esperando, e Stella não vinha, e, finalmente, nas primeiras horas da manhã ela veio e nos disse que estava noiva, e eu sussurrei: “Mamãe sabia?”; e ela respondeu num murmúrio: “Sim”.

E na manhã seguinte, durante o café, havia empolgação e emoção e tristeza. Adrian chorou; e Jack o beijou; e papai disse com ternura, mas seriedade: “Todos nós devemos ficar felizes, porque Stella está feliz” – uma ordem que, pobre homem, nem mesmo ele conseguiu cumprir.

E Jack Hills? Ele estudara em Eton com George. Na galeria de retratos da minha mente ele representa um tipo... um tipo atraente; o típico cavalheiro rural inglês, por assim dizer, na tentativa de retratá-lo traçando uma linha ao seu redor; e, posso acrescentar, um tipo com quem raras vezes tive intimidade; talvez não exista ninguém que consiga ter intimidade com o típico cavalheiro rural inglês; apesar disso, durante nove anos

fui íntima de Jack Hills, razão pela qual mais tarde talvez tenhamos nos tornado tão completamente distantes. Era impossível começar de novo formalmente depois daquela intimidade. E assim, o cavalheiro rural subiu à superfície e nos separou.

Serei capaz de preencher rapidamente essa linha traçada em torno dele? Bem, para começar, ele era o filho de um homenzinho gorducho e banal, o juiz Hills – “Buzzy”, assim o chamávamos na nossa família –, e eu me recordo que ele zumbia mesmo como uma mosca-varejeira. Baixinho, jocoso, de calças curtas bufantes, dava-nos caramelos russos em Corby. Buzzy certa vez escreveu um soneto que acharam ser de Shakespeare, e gostava de fazer chisteinhos espirituosos com as moças – lembro que Susan Lushington “não sabia para que lado olhar”, segundo ela disse, quando Buzzy fez uma brincadeira a respeito de um marido. “Parecia que eu estava sentado num tripé olhando o futuro”, Buzzy disse, depois de usar a palavra marido em vez de pai; Buzzy morava basicamente no Egito, e Mrs. Hills – Anna, era o nome dela – morava basicamente sozinha em Corby. Era uma mulher dura e mundana, vestida severamente de cetim preto em Londres; em Corby, era uma *lady* de condado, que colecionava caixas de rapé esmaltadas e ambições de fazer amizade com os homens intelectuais. Detestava as mulheres; dava-se muito bem com Andrew Lang. Ele a visitava com frequência, e ela descreveu uma festa em que o dentista local foi de sobrecasaca – “todos os outros homens pareciam tão pitorescos de calças curtas bufantes”. E ela disse: “Estive de luto por nove pessoas na Páscoa”; e também, de olhos fixos nos cavalos no campo, “Este é o *segundo* par”; da mesma maneira enfatizou o “*segunda* criada”, para nos impressionar com o fato de ter várias; e falava sem parar sobre a nobre descendência dos Curwens, de quem eram aparentados; e ia todas as semanas a Naworth para dispor uma coroa de flores sobre a sepultura de Christopher Howard. Ela lhe era entregue na carruagem, como uma cesta de piquenique – a coroa de flores semanal. Ainda a vejo de cetim preto resplandecente e chapéu vitoriano de penas, debruçada sobre a sepultura em Naworth; e Susan

sussurrando, agitada: “Imagine se Lady Carlisle ou algum dos outros aparece e nos apanha!”. Essas recordações brotam daquela semana aterrorizante e triste em Corby após a morte de Stella, no outono de 1897. Eles arrendavam Corby dos Howards; o leão permanecia com a cauda perfeitamente esticada em cima do telhado. O rio corria pelo terreno; e ali vi Jack apanhar um salmão; pela primeira vez depois daqueles meses desesperados, ele parecia triunfante; e, depois de vê-lo adquirir uma aparência tão derrotada, fiquei surpresa com sua alegria repentina quando a linha se retesou e ele imobilizou o peixe ali no rio. Mais tarde nós o vimos na despensa de caça; e Mrs. Hills perguntou: “Tem aqueles bichinhos?”. Era indício de frescor, creio eu, a presença de piolhos num salmão. Tuddenham, o guarda-caça, que estava ao nosso lado na margem, disse: “Ele o fisgou”.

Voltando a Anna Hills. Ela odiava mulheres. Mas duvido que tivesse ambições sexuais. Creio que só desejava governar uma cortezinha de homens bem escovados e medianamente conhecidos; à maneira vitoriana decorosa e esnobe. Sentia-se grata, lembro que ela nos disse certa vez, por não ter tido filhas; e era evidente que detestava ter de nos receber, nós, duas garotas um tanto desajeitadas, em sua casa. “Seu cabelo está mal dividido”, ela me disse, fixando-me aqueles seus olhinhos negros. Ainda bem que tinha três filhos; que foram mandados a Eton e Oxford. Gostava sobretudo de Eustace, de voz doce e arrastada, e maneiras agradáveis, corteses. Jack e ela tinham uma relação distante. Portanto, era natural que, quando morava sozinho em Ebury Street, em grande exaustão, em grande penúria, gaguejante e solitário, ele procurasse consolo com a minha mãe. Os dois eram muito íntimos. Kitty Maxse chegou mesmo a dizer, falando sobre minha mãe e suas maneiras magistras: “Por exemplo, como Mrs. Hills poderia ter gostado disso – de Jack tratando sua mãe como se fosse a dele?”. Ele era, grosso modo, afetuoso, honesto, caseiro e um perfeito cavalheiro. Era também um autêntico homem do campo; nada afetado; um apaixonado homem do campo. Cavalgava muito bem; pescava muito bem; e tinha certa veia poética, além de tudo. Uma vez, quando nos encontramos anos mais tarde, ele

me disse que lia cada novo volume de poesia que era lançado; e achava os jovens poetas (na época Siegfried Sassoon, Robert Graves [\[58\]](#) e De la Mare tão bons quanto os antigos. Lia filosofia também; Nettleship, [\[59\]](#) o filósofo de Oxford, tinha sido como um deus para ele. “Ele era como Cristo”, lembro-me de ele dizer, à sua maneira enfática e sentenciosa, enquanto tentava muito laboriosamente explicar a filosofia de Nettleship; emprestou-nos o livro; lembro que foi em Warboys que explicou Platão para mim e Nessa e Marny Vaughan. [\[60\]](#) Gerald, que estava sentado embaixo da janela, mais tarde zombou: “Ora, ora, e como foi a pregação dominical?”. Mas, em comparação com meus próprios amigos, ele não passava de um homem simples, de mentalidade primitiva. Ao contrário deles, contudo – teria sido por esse motivo que ele me agradava, mas que eu jamais conseguia me sentir à vontade em sua presença? – ele era um homem integral; sem nenhum talento dominante, fazia uma imensa quantidade de coisas diferentes. Era artilheiro. “Contaram-me que ele é capaz de conduzir três cavalos sustentando-se em um pé só”, Ethel Dike escreveu depois que o noivado veio a público, “e não tenho a menor dúvida de que seja capaz de fazer outras coisas igualmente bem.” Era bom advogado. Com obstinação subiu na firma de advocacia Roper and Whateley; de Whateley costumava contar muitas histórias: “Um homem repugnante, mas de certa maneira o homem mais competente que já conheci. Era um grande pescador, assim dizem. E gosto dos seus livros de pesca”. A política veio depois. Era também muito habilidoso com as mãos. Mas, como ouvi minha mãe contar numa ocasião ao meu pai, intelectualmente não era “nada de extraordinário”. Sua aparência era condizente com esse esboço grosseiro. Tinha lindos olhos castanhos, um nariz com uma bola obstinada na ponta; rugas curiosas, como as de um dachshund, ao redor do seu queixo retraído. (Ele, é claro, gostava muito de cães.) Gaguejava, e seu gaguejar tornava ainda mais categóricas suas afirmações bastante categóricas – “Um pato precisa de água” –, quando por fim ele conseguia dizê-las. Ríamos dele e aprendemos a imitá-lo com o tempo. Era escrupulosamente limpo; lavava-se sabe-se lá quantas vezes por dia e vestia-se

escrupulosamente bem, como um advogado vitoriano da City,^[61] e também como um homem do campo. A palavra “escrupuloso” surge naturalmente quando penso em Jack Hills. Era escrupulosamente honesto, honrado, no sentido de Eton e Balliol, mas em seus escrúpulos havia algo mais. Foi ele quem primeiro falou comigo aberta e deliberadamente sobre sexo – em Fitzroy Square,^[62] com o carpete verde e as cortinas chinesas vermelhas. Ele abriu meus olhos de propósito, do modo como eu vejo, para o papel que o sexo representava na vida do homem comum. Aquilo me chocou um pouco, ainda que de modo salutar. Ele me disse que os rapazes conversavam sem cessar sobre as mulheres; e que “as possuíam” sem cessar. “Mas eles são...”, hesitei na busca da palavra e depois arrisquei: “... honrados?” Ele riu: “Mas é claro... claro”, garantiu. As relações sexuais não tinham nada a ver com honra. Possuir mulheres era algo sem a menor importância na vida de um homem, ele explicou, que em nada afetava sua honradez – ou sua reputação entre os demais homens. Eu era incrivelmente inocente, ainda que apenas em parte. Nada sabia da vida dos homens comuns, e julgava que todos os homens, como meu pai, amavam somente uma mulher, e perdiam a “honra” caso deixassem de ser castos, tal como as mulheres; no entanto, ao mesmo tempo, eu sabia da existência da sodomia desde que tinha uns 16 anos, graças à leitura de Platão. Assim era a franqueza de Jack; muito diferente da de George ou Gerald. Nenhum deles teria conversado sobre sexo com uma garota de maneira tão franca, bem-humorada, fácil e aberta. Essa qualidade nos impressionou muito quando crianças, e além disso ele também trouxe a vida campestre até o nosso mundo distintamente literário e amante dos livros. Ele nos ensinou a colocar açúcar nas árvores; deu-nos sua cópia de *Butterflies and Moths*, de Morris,^[63] sobre a qual passei muitas horas debruçada, tentando encontrar as que caçávamos em meio a todas aquelas imagens de corações e flechas e caracteres hebraicos hirsutos. Pois eu tinha o cargo de localizadora de nomes em nossa Sociedade de Entomologia; e era repreendida severamente por Thoby, segundo me lembro, por desleixo. Uma noite durante o jantar, Gerald revelou, com sua risada

zombeteira e traiçoeira, que tínhamos um estoque de insetos moribundos em velhos potes de vidro de pó dental, guardados no fundo do poço. Para nosso grande alívio, em vez de repreender e proibir, mamãe aceitou nossa mania – e, me parece, também papai –, que então foi legalizada; comprou-nos redes e tábuas de madeira, e chegou até mesmo a ir com Walter Headlam [\[64\]](#) até o bar de St. Ives para nos comprar rum. Que cena mais estranha – minha mãe comprando rum. Ela, que se preocupava com o açúcar depois que estávamos na cama.

Mas voltando a Jack – quando Stella o aceitou, nós, os membros da nossa república, que embora estivesse se desintegrando rapidamente continuava de pé após a morte de mamãe, demos nossa aprovação. Teria sido um casamento muito feliz, acredito. Teriam tido muitos filhos. E ela ainda poderia estar viva. Ele com certeza estava loucamente apaixonado; ela, de início, de maneira passiva. E foi graças a esse noivado que tive a minha primeira visão – tão intensa, tão excitante, tão arrebatadora que bem merece o nome de visão –, minha primeira visão do amor entre um homem e uma mulher. Para mim parecia um rubi; o amor que detectei naquele inverno do seu noivado, cintilante, rubro, claro, intenso. Deu-me um conceito de amor; um padrão de amor; a percepção de que nada no mundo inteiro é tão lírico, tão musical, quanto um homem jovem e uma mulher jovem em seu primeiro amor recíproco. Eu o relaciono aos noivados respeitáveis; o amor extraoficial nunca me desperta a mesma sensação. *“My Love’s like a red, red rose, that’s newly sprung in June”* [\[65\]](#) – era esta a sensação que me dava, a sensação que sempre me volta quando recebo a notícia de “um noivado”; não quando escuto falar de “um caso”. E deriva de Stella e Jack. Brota do êxtase que senti, em meu esconderijo, atrás das portas-camarão da sala de estar de Hyde Park Gate. Fiquei ali sentada, protegida, sentindo-me um tanto insana de timidez e nervosismo; lendo o diário de Fanny Burney; e a sensação tomava conta de mim em ondas intermitentes de emoção muito intensa – às vezes de raiva; com que frequência eu sentia raiva de papai então!, mas também de amor, ou do reflexo do amor. Era incorpórea, uma luz, um êxtase. Mas

também extraordinariamente duradouro. Uma vez encontrei uma carta dele que ela havia escondido entre as folhas do mata-borrão – um sinal da falta de privacidade em que vivíamos – e a li. “Não há nada mais doce no mundo do que o nosso amor”, ele escreveu. Abaixei a página, não tanto por culpa de ter espiado, mas num êxtase trêmulo diante da revelação. Ainda sou incapaz de ler duas vezes palavras que me causam o mesmo estremecimento. Se recebo uma carta que me agrada intensamente, jamais torno a lê-la. Por que, eu me pergunto? Por medo de que se arrefeça? Essa cor, essa incandescência, estava no corpo inteiro de Stella. Sua palidez se acendeu; o azul de seus olhos se acentuou. Ela tinha qualquer coisa de enlutarada naquele inverno, ao caminhar pela casa. “Nunca existiu nada igual a isso no mundo”, eu disse – ou algo do tipo – quando ela me surpreendeu acordada certa noite. E ela riu, com ternura, muito suavemente, e me beijou e disse: “Ah, existem muitas pessoas tão apaixonadas quanto nós. Você e Nessa um dia também serão”. Uma vez ela me disse: “Esperem receber muitos olhares das pessoas”.

“Nessa”, disse ela, “é muito mais bonita do que eu jamais fui” – aos 26, falava da própria beleza como se fosse coisa do passado. Disse para tia Mary – me parece que li isso também, nefastamente, em alguma carta entre o papel mata-borrão – que agora ela podia ser limpa e organizada; que nos iniciaria à vida amorosa; que nos lançaria para a vida da mulher comum, que prometia tais tesouros. Em alguma festa, talvez a primeira festa de Nessa, uma festa em que ela se vestiu de branco com ametistas, talvez; uma festa onde Desmond [\[66\]](#) lhe disse que ela estava parecendo “uma escrava grega”, Stella teve certeza de que George Booth [\[67\]](#) se apaixonara por Nessa, e já temia, prevendo cheia de ternura, mas também de orgulho e alegria, o quanto os Booths se ofenderiam caso ela o rejeitasse. Essa recordação me leva agora a refletir: tivesse Stella vivido, como seriam distintas as “saídas”, e esses anos de escravidão grega, com todo o seu trabalho duro, sua tirania e sua rebelião!

Por algum motivo, o noivado de Stella e Jack se prolongou de julho até abril. Foi uma provação desajeitada, cruel e

desnecessária para os dois. Em retrospecto, tenho a impressão de que tudo foi feito sem cuidado ou consideração, de maneira desajeitada e brutal. Do modo como vejo, à medida que os meses daquela longa espera se passavam, ela lentamente saiu daquele estado dormente e congelado em que a deixara a morte de mamãe. De início ela encontrou em Jack apoio e consolo; um refúgio de todas as preocupações e responsabilidades “da família”, além de alívio das escuridões que papai nunca conseguia controlar e que descontava nela. Pouco a pouco, ela tornou-se mais positiva e menos passiva; e defendeu os direitos de Jack, e também seu desejo de ter sua própria casa, seu próprio marido, uma vida; um lar só deles. Por último, a promessa, aparentemente exigida por papai e aceita tacitamente, de que os dois deveriam morar conosco depois do casamento – um arranjo que parece hoje inacreditável, mas que na época foi aceito – tornou-se intolerável; ela procurou papai certa noite em seu gabinete e assim o disse; e houve “uma explosão”.

À medida que o noivado avançava, papai se tornava mais e mais tirânico. O nome “Jack” não lhe agradava, eu me lembro dele dizendo; era como o estalar de um chicote. Sentia ciúmes, era óbvio. Porém naqueles tempos nada era óbvio. Ele envergava sua pose costumeira; era o solitário; o desertado; o velho infeliz. Na verdade, era um possessivo, magoado, um homem com ciúme do jovem rapaz jovem. Daria todo tipo de justificativas para suas explosões, caso lhe tivesse sido perguntado. E à medida que, por volta dessa época, ele se entrincheirava para além de toda a verdade num mundo que é quase impossível de descrever, pois não conheço ninguém agora capaz de habitá-lo, o noivado se viu incrivelmente complicado, frustrado e impedido. Por fim, em abril de 1897 o casamento foi celebrado – segundo todas as cerimônias e convenções, com sinos dobrando, convidados e convites de casamento gravados com letras prateadas – em St. Mary Abbots. Nessa e eu oferecemos flores aos convidados; papai marchou pelo corredor com Stella pelo braço.

“Nem duvidou de que seria ele que a entregaria no altar”, queixaram-se George e Gerald. Ele ignorou o fato de que os dois teriam qualquer direito. Ninguém teria ousado questionar aquele seu privilégio. De alguma maneira, isso era típico dele – essa presunção, e o seu prazer com tal atitude. O casal viajou para a Itália; nós, para Brighton. Uma quinzena durou a lua de mel. E, tão logo voltaram de viagem, ela caiu doente. Era apêndice; ela estava grávida. E isso também não foi bem conduzido; após três meses de intermitências da doença, Stella morreu – no número 24 de Hyde Park Gate, em 27 de julho de 1897. [\[68\]](#)

* * *

O presente. 19 de junho de 1940. Quando estávamos prestes a sentar para o almoço dois dias atrás, segunda-feira, dia 17, John [\[69\]](#) chegou, parecendo lívido e com os olhos mais pálidos que de costume, dizendo que os franceses baixaram as armas. Hoje os ditadores ditam seus termos na França. Contudo, nesta manhã abafada, enquanto uma varejeira zumba e um órgão desdentado toca e os vendedores gritam oferecendo morangos na praça, eu me sento em meu quarto no 37 de M[ecklenburgh] S[quare] e retorno ao meu pai.

Chegou a hora de descrever meu pai, pois foi durante os sete anos entre a morte de Stella, em 1897, e a dele, em 1904, que Nessa e eu nos vimos completamente expostas, sem proteção, ao impacto total daquela estranha personalidade. Quando Stella morreu, Nessa tinha apenas 18 anos, e eu, 15 e meio. Para explicar por que eu disse que estávamos “expostas”, e por que, apesar de a palavra não ser correta – porém não consigo encontrar qual seria –, eu o chamo de personalidade estranha, preciso ser capaz de mais uma vez habitar a carapaça rota de meu corpo e minha mente infantis. Agora estou muito mais próxima da idade dele do que da minha própria naquela época. Mas será que por esse motivo eu o “compreendo” melhor do que então? Ou terei apenas perdido a perspectiva daquela relação importantíssima, de modo que já não consiga descrevê-la, nem do ponto de vista dele, nem do meu? Eu o vejo agora dobrando a

esquina; não diretamente à minha frente. Ademais, do mesmo modo que arranquei uma boa parcela da intensidade da lembrança de minha mãe em *Ao farol*, também arranquei boa parte da lembrança dele. No entanto, ele também me obcecava durante anos. Até eu o escrever, eu surpreendia meus lábios se movendo; discutia com ele; irritava-me com ele; dizia a mim mesma o que jamais cheguei a lhe dizer. Quão fundo elas estavam cravadas em mim, as coisas que era impossível dizer em voz alta! Algumas ainda consigo dizer; quando Nessa, por exemplo, reaviva a lembrança de quarta-feira e seus relatórios semanais, eu ainda me vejo invadida por aquela fúria antiga e frustrada. [\[70\]](#)

Mas em mim, embora não nela, a raiva se alternava com amor. Somente dia desses, quando li Freud pela primeira vez, foi que descobri que esse conflito violentamente perturbador de amor e ódio é um sentimento comum, e se chama ambivalência. Porém antes de analisar nossa relação de pai e filha, tentarei esboçá-lo como ele deve ter parecido, não a mim, mas ao mundo em geral.

Ele foi um menininho do princípio da era vitoriana, criado em uma família Stephen intensamente limitada, evangélica mas política, altamente intelectual e no entanto desprovida de qualquer senso estético, que tinha um pé na seita de Clapham e outro em Downing Street. [\[71\]](#) Essa seria a frase óbvia para iniciar sua biografia. Mas no final das contas é tão óbvia que não consigo seguir em frente a partir dela – e contar como ele foi para Eton e sentiu-se infeliz; estudou em Cambridge e sentiu-se em seu elemento; não foi eleito um Apóstolo, era muscular; praticava remo; era cristão, mas despiu seu cristianismo – com tamanha angústia, segundo certa vez Fred Maitland [\[72\]](#) me sugeriu, que pensou em suicídio; na época, tal como Pendennis ou qualquer outro rapaz vitoriano inteligente – ele era típico nesse sentido – deu para escrever para jornais, foi para a América, e foi, até onde vejo, o próprio estereótipo, ou molde, de tantos intelectuais de Cambridge – como George Trevelyan, Charlie Sanger e Goldie Dickinson, que conheci mais tarde. Escrever sobre ele, tentar descrevê-lo, me entedia, em parte porque tudo me é familiar demais; e em parte porque é para

mim um tipo que carece do elemento pitoresco, estranho, romântico. É como uma gravura em metal, desprovido de cor, calor e volume, mas com uma infinidade de linhas claras e precisas. Não há quebras nem atalhos capazes de acender minha imaginação; nada que me lance uma faísca. Está tudo contido e completo e já resumido. Naturalmente, digo a mim mesma, eu admiro essas pessoas. E vou além: eu as respeito, digo; admiro sua honestidade, sua integridade, seu intelecto. A impressão que tenho delas na superfície é tão clara que tenho a sensação de saber exatamente onde estou pisando; e, dito e feito, se estou em um mesmo ambiente com outros tipos, como Harold Nicolson ou Hugh Walpole, [\[73\]](#) tenho à mão meu metro intelectual de Cambridge. E digo em silêncio: quão terrivelmente vocês deixam a desejar. Como erram o alvo aqui, aqui e aqui. Mas ao mesmo tempo me sinto seduzida, e tenho a impressão de que, no final, meu metro resultou defeituoso. Os Harolds Nicolson e os Hughs Walpoles emprestam-me cor e calor, me divertem e estimulam. Ainda assim, eu não os respeito tanto quanto respeito George Moore. [\[74\]](#)

No entanto, posso acrescentar algo à gravura em metal do meu pai: um temperamento violento. Mesmo quando criança, disse-me tia Anny, [\[75\]](#) ele era acometido por surtos tão violentos de raiva que... esqueço como ela terminou a frase, mas acho que tinha algo a ver com quebrar um vaso de flores em uma estufa; e ninguém – ninguém – era capaz de controlá-lo, disse ela. Esse temperamento que ele não conseguia controlar, levando em conta sua adoração à racionalidade, e o seu ódio pelo exagero, pela adulação, por todos os superlativos, parece inconsistente. Creio que isso se devia ao fato de ele ter sido mimado quando criança, por causa de seus nervos delicados; e essa delicadeza justificava sua extrema irritabilidade. Mas também, acredito que se devia à convenção, sustentada pelos grandes homens da época – Carlyle, Tennyson –, de que os homens de gênio eram naturalmente descontrolados. E a ideia de gênio, quando meu pai era jovem, estava em pleno auge. Um homem de gênio era um homem que tinha surtos de inspiração. Lembro-me bem de meu pai falando de Stevenson: “Ah, mas ele era um homem de

gênio”. Aqueles que tinham gênio no sentido vitoriano do termo eram como os profetas: diferentes, de outra raça. Vestiam-se de modo diferente; usavam cabelo comprido, grandes chapéus pretos, capas e mantos. Eram, invariavelmente, “de difícil convivência”. Mas acredito que a meu pai jamais ocorreu o pensamento de que havia algum problema em ser de difícil convivência. Creio que ele dizia a si mesmo inconscientemente, quando estava prestes a ter uma daquelas explosões violentas: “Isso é um sinal da minha genialidade”, invocava Carlyle para confirmá-lo, e deixava-se voar. Fazia parte da convenção que, após tais explosões, o homem de gênio se tornasse “comoventemente arrependido”; mas ele tomava como certo que sua esposa ou sua irmã aceitariam suas desculpas; tomava como certo que, graças à sua genialidade, ele estava isento das leis do bom convívio. Mas teria sido ele um homem de gênio? Não; não era esse, desgraçadamente, o caso. “Apenas uma boa cabeça de segunda categoria”, ele me disse certa vez, enquanto rodeávamos o campo de croqué em Fritham. E disse que teria feito melhor sendo um cientista.

Esse desejo frustrado de ser um homem de gênio, e a certeza de que ele na realidade não pertencia ao primeiro escalão – certeza que o levava a um grande abatimento e a um estado autocentrado que, pelo menos mais tarde, tornou-o tão ávido por elogios quanto uma criança, e que o levava a lamentar de modo desproporcional o seu fracasso, a extensão desse fracasso e os seus motivos – são qualidades que rompem com a bela gravura em metal do típico intelectual de Cambridge. Ele tinha consideravelmente mais idiossincrasias e mais caráter como homem – pois estou tentando enxergá-lo como homem, e não como pai – do que esse intelectual de Cambridge. Pois homens como Lowell e Fred Maitland e Herbert Fisher [\[76\]](#) não apenas o admiravam, mas sentiam por ele um afeto protetor e bem-humorado; ou assim julgo pelo seu poder de gerar histórias, de criar uma lenda em torno de si. Fred Maitland, por exemplo, contou como eles caminharam pelas charnecas o dia inteiro na Cornualha e Leslie ia em silêncio, “mas eu sentia que tínhamos ficado amigos”; e Lytton me disse que certa prima Strachey

tinha observado meu pai sentado diante da lareira balançando o pé, e sempre que o pé balançava batia em um trasfogueiro, e a cada vez meu pai dizia: “Maldito”, mas nunca nenhuma outra palavra. E a prima Strachey sentiu-se atraída. Mrs. Cornish também, conversando com Fred Benson sobre o grande poder de atração de meu pai, disse: “Ele fazia instintivamente todas as pequenas coisas que agradam as mulheres”.

Era evidente que ele possuía aquele “algo” que não é nem essa nem aquela qualidade, e sim qualidades de todos os tipos sintetizadas naquilo que se pode chamar de “caráter”, “personalidade”, um modo de impressionar o silêncio, um modo de destacar a palavra “maldito”, de modo que, se apontamos suas qualidades óbvias – sua honestidade, sua ingenuidade, seu encanto, sua perfeita sinceridade –, estamos destacando de um todo qualidades individuais que integravam aquele todo; e o todo é diferente das qualidades que o integram. Seja como for, a partir de histórias e de lembranças, presumo que Leslie Stephen, longe de seus livros, era uma figura; um homem que ao entrar em uma sala provocava uma mudança nos sentimentos e nas conversas; e que levava uma vida bastante real na mente de homens como Walter Headlam [\[77\]](#) ou Herbert Fisher, para quem ele era um homem representativo, um homem cujos critérios eles tinham frequentemente como referência. Se um homem como Leslie Stephen gosta de *Tristram Shandy*, Walter Headlam escreveu a alguém, então deve ser bom. Isso expressa o que quero dizer.

E assim, conforme avanço pouco a pouco, deixando de propósito minha mente fluir, estou introduzindo um elemento pitoresco na gravura em metal, algo que não se pode analisar. Será que eu não era consciente disso quando criança? Não seria essa a origem da metade amorosa do meu sentimento ambivalente? Eu também sentia o poder de atração dele. Nascia – para nomear alguns elementos ao acaso – da sua simplicidade, sua integridade, sua excentricidade, e com isso quero dizer que ele dizia exatamente o que pensava, por mais inconveniente que fosse; e fazia o que queria. Tinha sentimentos claros, diretos. Certas paixões dominantes. Lá ia

ele marchando para alguma tremenda caminhada, carregando seus sanduíches. Lá vinha ele com algum fato, ou opinião, não importando quem estivesse presente. E ele tinha opiniões muito fortes; e ele era extremamente bem-informado. O que dizia era, portanto, escutado com grande respeito. Tinha uma posição de deus, e ao mesmo tempo infantil, na família. Era uma posição extraordinariamente privilegiada. Eu torcia o cabelo, imitando-o. “Papai faz isso”, disse a minha mãe quando ela me repreendeu. “Ah, mas você não pode fazer tudo o que seu pai faz”, foi sua resposta, dando a entender que ele tinha licença especial, que não era regido pelas leis das pessoas comuns.

Era uma figura curiosa, portanto, sentada com frequência em completo silêncio na cabeceira da mesa de jantar da família. Às vezes era cáustico; às vezes, com Thoby, especialmente instrutivo. Perguntava qual era a raiz cúbica de tal e tal número; pois sempre resolvia problemas matemáticos em bilhetes de trem; ou nos ensinava a encontrar o “número dominical” – de quando cai a Páscoa, é isso? E mamãe protestava; nada de matemática nas refeições, dizia. Às vezes gargalhava com algum velho amigo, desconfio que de alguma história de faculdade, até as veias de sua testa saltarem. Sim, certamente eu sentia sua presença; e experimentava grandes ondas de prazer quando ele fixava seus olhinhos muito miúdos e muito azuis em mim, de alguma maneira me fazendo sentir que nós dois estávamos no mesmo time. Tínhamos algo em comum. “O que você tem aí?”, ele perguntava, espiando por cima do meu ombro para ver que livro eu estava lendo; e quão orgulhosa, pedante, eu ficava se ele soltasse aquele seu pequeno arquejo de diversão e surpresa ao se dar conta que eu estava lendo um livro que nenhuma criança da minha idade poderia compreender. Eu era uma esnobe, sem dúvida, e lia em parte para fazê-lo pensar que eu era uma pestinha muito inteligente. E recordo o seu prazer, como ele parava de escrever e levantava-se e se mostrava todo gentil e satisfeito, quando eu entrava no gabinete com um livro que tinha terminado e pedia outro. Sim, frequentemente eu ficava do lado dele, mesmo em meio a uma de suas explosões. Recordo que um dia ele havia voltado de um passeio de

domingo, ainda com o cheiro do vento e da lama em seu terno simples, e bem ali no tapete da lareira estava o corpulento e imperturbável Dermot O'Brien, [\[78\]](#) apaixonado por Stella, a quem por cortesia convidaram que ficasse para o jantar. Meu pai começou a andar de um lado para o outro na sala de estar, resmungando, xingando. Ele era capaz de dizer muito mais do que qualquer um seria capaz de acreditar, sem se importar se acaso a vítima – o robusto Dermot – estava ouvindo. O temperamento do gênio estava nele, e devia ser aceito. Acaso ele se importaria se não fosse? Por alguma razão naquela noite, embora eu tivesse percebido a desaprovação meio risonha de minha mãe – era ela a culpada pela hospitalidade impulsiva –, eu me solidarizei com o sentimento dele, não com o dela. Você tem razão, você tem razão, eu repetia, examinando a cena do meu posto, no degrau elevado. Afirmei a minha empatia, senti a minha semelhança com ele. E para coroar, embora eu nunca o tenha visto com a mesma clareza com que enxergava a minha mãe, de vez em quando, principalmente quando seu cabelo estava preso em cachos fartos por detrás das orelhas, ele fazia uma figura muito impressionante, realmente magnífica; elegante com suas roupas da Hill Brothers; de fraque; muito magro e alto e curvado; a barba flutuando, de modo que mal se via a gravatinha fina. Seu queixo parecia retraído; talvez sua boca, que eu nunca via, fosse um pouco flácida; porém sua testa era alta e destacada; seu crânio era magnífico, com um pequeno abaulamento sobre o arco do cérebro, que ele me deixou apalpar certa vez; e embora seus olhos fossem miudinhos, com sobrancelhas espessas que lhes caíam por cima, eram de um tom azul puro e brilhante de miosótis. Suas mãos tinham um belo desenho; e ele usava um anel de selo com seu brasão de duas águias gravado numa pedra azul clara. Como prova da sua despreocupação com as aparências, continuou usando o anel mesmo depois que a pedra se perdeu. Devia vestir suas roupas automaticamente, recitando poesia, suponho; muitas vezes o colete estava desabotoado; às vezes também os botões da braguilha; e o casaco, frequentemente manchado de cinzas de fumo. Fumava cachimbo sem cessar enquanto escrevia, mas

nunca na sala de estar. Lá sentava-se em sua própria poltrona, com uma mesinha ao seu lado sobre a qual havia um abajur e dois ou três livros, e minha mãe sentava-se atrás dele em sua escrivaninha embutida em um canto bastante escuro da sala, [\[79\]](#) com os apagadores de velas da Lowell, e enquanto meu pai lia, balançava o pé para cima e para baixo, e torcia e retorcia o cacho atrás da orelha. Sempre estava absorto, sempre parecia completamente alheio ao seu entorno, e vivia de modo mecânico – ou seja, em determinado momento sempre ia embora: ou para o andar de cima, escrever, ou para caminhar. Todo sábado visitava James Payn [\[80\]](#) ou ia a alguma reunião. E lá se ia ele porta afora, tantas vezes balançando enfaticamente a cabeça enquanto recitava poemas, fazendo um floreio com a bengala. Sempre usava um chapéu-coco, que se acomodava de modo bastante esquisito sobre aquela cabeça grande, com cabelo farto saindo dos dois lados. E também recordo dele vestido muito respeitavelmente para sair para jantar com minha mãe, com seu colete preto que tinha um cordão ao redor da borda, e ele calçava botas com laterais de elástico. “Como serei feliz quando acabarem esses jantares, Jinny”, ele me disse, parado ao lado do abajur esperando; e eu me senti lisonjeada pela sua confiança, embora me parecesse que ele gostava de tudo aquilo.

Naqueles tempos, os dois saíam para jantar com bastante frequência, e ofereciam jantares em casa também. De fato, apesar de seu caráter pouco convencional, ele aceitava as convenções sociais de modo muito mais integral do que nós, de modo que me pergunto como é possível que hoje eu tenha a sensação de que ele era alheio a tudo aquilo. [\[81\]](#) Era muito natural para ele sair de traje de gala num cabriolé, não reclamava de jantares para oito ou dez pessoas, nem de contratar uma copeira, nem de jantares com um imenso número de pratos e vinhos diferentes. Eu o vejo com uma dama pelo braço descendo as escadas, rindo. Ele não pode ter sido tão severo e melancólico e moroso quanto o imagino. Deve ter puxado assunto e contado anedotas, e agora que paro para pensar, carregava um estojo de cartões ao fazer visitas, como

qualquer outro cavalheiro vitoriano, em uma tarde de domingo. Sem dúvida são escuras demais as tintas com que eu pinto o meu retrato, e o Leslie Stephen que o mundo viu nos anos 80, e também nos 90 até a morte de minha mãe, deve ter sido mais do que a gravura em metal de um mero intelectual de Cambridge. Deve ter sido [\[82\]](#) um homem atraente aos cinquenta, um homem que tinha quatro filhos pequenos e uma linda esposa, um homem que entrava em uma sala de estar de traje de gala e marchava para jantar com Mrs. Gosse, ou Lady Romer, ou Mrs. Booth, ou Lady Lyttleton, do mesmo modo como presidia as reuniões da Biblioteca de Londres e comparecia ao jantar de Ad Eundem em Oxford ou Cambridge. Existia um Leslie Stephen que desempenhava seu papel com normalidade, sem desconforto ou explosões, em salas de estar, salas de jantar e comitês. Ainda assim, não consigo imaginar meu pai com traje de gala. Não consigo imaginar meu pai escutando tudo o que era dito, gracejando e comportando-se como um intelectual, é claro, mas ao mesmo tempo como um homem daquela sociedade bem de vida do mundo de fins da era vitoriana. Recordo meu assombro, minha inveja, quando as Booth disseram que o pai delas as levava aos bailes. O quanto fiquei atônita quando Charles Booth fez um comentário bem-humorado sobre “pastorear meu rebanho”, e eu me dei conta de que Charles Booth levava Meg e Imogen a festas. Quando meu pai e minha mãe se afastavam no cabriolé que Amy, de pé na rua com seu chapéu e avental, chamava assoviando, dando dois assovios agudos até que o cabriolé viesse apressado – às vezes havia uma disputa entre dois deles para ver quem chegaria primeiro –, quando eles descem os muitos degraus que separam a porta da entrada da rua, meu pai ultrapassa o meu horizonte. Nunca conheci ninguém que o tenha visto de traje de gala; nunca o vi assim nas minhas lembranças. No entanto, ele exercia um grande encanto nas mulheres, e costumava se sentir atraído pelas jovens e belas, como eu podia perceber por algum gesto galante e terno seu. O nome de uma americana, Mrs. Grey, me vem à cabeça, e minha mãe de alguma maneira dando a entender que, enquanto eu catava migalhas de sua barba, eu

poderia caçoar dele por “flertar com as mocinhas bonitas”. Essas foram as palavras que eu usei, e ele olhou para mim sem raiva, uma vez que eu estava apenas sendo um papagaio; ainda consigo me lembrar do choque repentino; depois ele reprimiu o que deve ter sido um arquejo e disse qualquer coisa cheio de ênfase, como se para demonstrar que não toleraria brincadeiras sobre esse assunto. A esse choque se sucede uma lembrança da ênfase intensa com que ele disse certa vez, quando discutíamos se os olhos de mamãe eram pequenos ou grandes: “Os olhos da sua mãe são os mais bonitos do mundo”. De todo modo, gosto de recordar, pois isso empresta humanidade à sua figura austera, que ele ficou tão afetado, tão convencional e masculinamente afetado pela beleza de Mrs. Langtry, [\[83\]](#) que chegou a ir ao teatro para vê-la. De outro modo, nunca ia ao teatro, nunca ia a galerias, não tinha ouvido para a música – quando Joachim tocava violino em Little Holland House, ele perguntava: quando vai começar?; aos ouvidos dele, Beethoven ou Mozart eram apenas um exercício de “afinação”. Em toda sua vida, nunca se importou em visitar a Itália ou a França. Para ele, viajar ao estrangeiro significava tão somente ir à Suíça escalar montanhas, ou ir à Suíça contemplar montanhas.

Mecklenburgh Square mais uma vez, um dia quente de julho de 1940. A invasão continua sendo iminente. Meu livro [\[84\]](#) saiu; e, exausta e distraída, retorno a esta página livre. [\[85\]](#)

O pai sociável, portanto, eu não conheci. Consigo captar meu pai como escritor, é claro, em seus livros. O pai relacionado ao homem Leslie Stephen, suponho. O Leslie que tantos escritores e acadêmicos admiravam – embora houvesse tantos que o julgassem frio e cheio de desdém, quanto os que o consideravam formidável e indômito e inatingível. Aparece aqui e ali, em biografias. Jamais dizia uma palavra quando Stevenson e Gosse almoçavam com ele, e ficava sentado em silêncio com suas mãos frias e compridas e sua barba em leque movendo-se sobre o peito. Quando li seus livros pude entender seu pensamento crítico; sempre leio *Hours in a Library* [\[86\]](#) para preencher minhas ideias, digamos, de Coleridge, se estou lendo Coleridge; e sempre encontro algo para preencher; corrigir;

endurecer a minha visão fluida. Encontro ali não uma mente sutil, uma mente imaginativa, uma mente sugestiva. Mas uma mente forte, uma mente saudável, forjada ao ar livre, andarilha de charnecas, uma mente impaciente e limitada, uma mente convencional que aceita por inteiro o seu próprio parâmetro do que é honesto e do que é moral, aceitando sem a menor sombra de dúvida que este é um bom homem, aquela uma boa mulher. Tenho uma percepção de Leslie Stephen, o agnóstico muscular, animado e robusto, sempre estalando racionalidade e masculinidade, e enxotando o sentimentalismo e a imprecisão, porém emprestando uma pitada de sentimento no lugar certo: “Não direi mais nada... sensibilidade belíssima... cabalmente masculino... delicadeza feminina...”. Isso demonstra uma visão de mundo construída de modo bastante simples; e o mundo era então, eu imagino, mais simples. Era um mundo preto e branco, se comparado com o nosso; com coisas óbvias a destruir – classificadas de disparates, e coisas óbvias a preservar – classificadas de virtudes domésticas. Admiro (divertida) esse Leslie Stephen; e algumas vezes, nos últimos tempos, eu o invejei. Não é, contudo, um autor por quem eu tenha um gosto natural. No entanto, do mesmo modo como um cão come um pouco de grama, eu ingiro um pouco dele medicinalmente, e com frequência se imiscui aí um afeto, não filial, mas de leitora: pela sua coragem, sua simplicidade, sua força e indiferença, e seu descaso pelas aparências.

Graças aos seus livros, ainda consigo acessar algo do pai escritor, mas quando eu e Nessa herdamos a administração da casa, eu nada conhecia do pai sociável, e o pai escritor era muito mais exigente e insistente do que é hoje, quando o encontro somente nos livros. E era o pai tirano – o pai exigente, violento, histriônico, demonstrativo, autocentrado, autodepreciativo, surdo, apelativo, o pai alternadamente amado e odiado – que me dominava na época. Era como estar presa em uma jaula com uma fera selvagem. Imagine que eu, aos 15 anos, era uma macaquinha nervosa, tagarela, sempre cuspiendo ou quebrando nozes e espalhando as cascas ao redor, careteando e saltando para cantos escuros e depois balançando-me enlevada

pela jaula; ele era o leão perigoso, moroso, que caminhava de um lado para o outro, um leão ressentido, furioso e ferido, agora subitamente feroz, depois muito humilde, em seguida majestoso, e depois deitando-se poeirento e coberto de moscas num canto da jaula.

Agora tentarei descrever a jaula – o número 22 de Hyde Park Gate –, tal como era em julho de 1897. Duas noites atrás, acordada na cama em Mecklenburgh Square, eu ia relembando cada um dos cômodos. Comecei pelo porão, pela sala de estar dos criados. Ficava nos fundos, muito baixa e muito escura; encostado à parede havia um pufe forrado de linóleo negro brilhante; e logo acima um grande quadro de tinta rachada de Mr. e Mrs. Pattle. Recordo de um rapaz muito alto com calças apertadas presas sobre o dorso do pé e meias brancas. O quadro fora relegado àquela sala por ser tão grande, tão rachado e tão medíocre – em comparação com os retratos de Watts lá de cima. Mal dava para vê-lo – quem era a mulher? Não consigo vê-la – nem nada mais, pois as trepadeiras pendiam diante da janela, enrodilhadas no verão com folhas semitransparentes em formato de mãos. Uma treliça de ferro as sustentava, e lá fora ficava o quintalzinho rodeado por muros, irregular e cheirando a pó. Eu me lembro do armário de madeira no corredor, com pilhas de feixes de lenha amarrados com cordão alcatroado; uma vez, quando eu estava vasculhando por ali atrás de um pauzinho para esculpir, dois olhos cintilaram num canto, e Sophie me avisou que um gato selvagem morava ali. Gatos selvagens bem podiam ter mesmo morado ali. O porão era um lugar escuro e insalubre para acolher sete criadas. “Parece um inferno!”, explodiu uma delas para minha mãe quando estávamos tendo aula na sala de jantar. Minha mãe imediatamente assumiu a dignidade gélida da matrona vitoriana e disse (talvez): “Saia”, e ela (garota desafortunada) sumiu por detrás da cortina de veludo vermelho que, presa por um anel de metal semicircular, e suportada por uma grande peça dourada, escondia a porta que levava da sala de jantar à despensa.

Era na sala de jantar, na longa mesa coberta de baeta, que tínhamos aulas. O dedo da minha mãe com o anel de opala que eu tanto adorava apontava a lição nas gramáticas de língua francesa e alemã. A sala de jantar tinha duas janelinhas repletas de vidro de garrafa em uma das extremidades. Embutido na alcova, havia um aparador intrincadamente entalhado, e sobre ele um elevador de comida de porcelana azul e uma lata de biscoito em forma de barril. A sala cheirava ligeiramente a vinho, charuto e comida. Era iluminada também por uma claraboia, e uma de suas vidraças abria-se com o vento, me fazendo estremecer, com medo de que caísse em nossa cabeça. Ao redor, nas paredes, havia gravuras de Sir Joshua; no canto, em um pedestal de mármore salpicado de amarelo, o busto de Sir James – [\[87\]](#)um homem branco sem olhos que ainda preside o hall de entrada da casa de Adrian em Regents Park. Era uma sala de jantar bastante vitoriana, com um conjunto completo de cadeiras entalhadas em carvalho, de espaldar alto, com estofamento de veludo vermelho. No jantar, com todas as suas velas de prata, louças de prata, talheres e guardanapos, a mesa de jantar tinha uma aparência bastante festiva. Uma escada em caracol levava ao vestíbulo. No vestíbulo havia um cão, e ao seu lado uma tigela de água com um naco de enxofre amarelo. Em frente à entrada havia uma cristaleira com louças de porcelana azul, e sobre ela um relógio de mostrador dourado. Ali havia uma cadeira de três pontas e um baú no qual se guardavam tapetes, e sobre o baú uma bandeja de prata com cartões de visita e uma luva felpuda para alisar a lã dos chapéus de George e Gerald; e também me lembro de uma longa tira de papel-cartão cor de chocolate pregada acima da lareira onde se lia: “O que é ser um cavalheiro? É ser terno com as mulheres, cavalheiresco com os criados...” – o resto não consigo lembrar, embora eu soubesse aqueles dizeres de cor. Que inocência, que incrível simplicidade intelectual aquilo revelava – ter aquela citação pregada – era de Thackeray, acho – eternamente à mostra, como se fosse o frontispício de um livro – pregada à parede no vestíbulo da casa.

As duas salas de estar – a da frente e a dos fundos – se abriam para o corredor. A da frente, que dava para a rua, era iluminada,

se comparada à outra. O retrato de papai pintado por Watts estava diante da porta, um quadro lisonjeiro e idealizado, ao qual papai conduzia damas cheias de admiração e então parava para contemplá-lo, com certa complacência: “Lowell disse que estou parecendo uma doninha”, ele disse certa vez. Havia o grande piano sobre o qual dispúnhamos os presentes de Natal; e a escrivaninha de Stella junto à janela; e a mesa redonda no meio, que fazia as vezes de mesa do chá quando acompanhada por uma mesinha dobrável que me seguiu, contra a vontade, até mesmo para Monks House. A mesa do chá, o próprio centro da vida familiar, a mesa do chá redonda ao redor da qual se deram festas inumeráveis, sobre a qual, quando chegava o domingo – o dia do chá festivo –, punham-se pratos cor-de-rosa cheios de pãezinhos negros, cheios de fatias muito finas de pães branco e integral e manteiga.

A mesa do chá, e não a de jantar, era o centro da vida familiar vitoriana – ao menos na nossa família. Suponho que os selvagens se congreguem em torno de alguma árvore ou fogueira; a mesa redonda marcava aquele ponto focal, sagrado, em nossa casa. Era o centro, o coração da família. O centro ao qual os filhos retornavam de seu trabalho à noite; o lar de cujo fogo a mãe se ocupava, ao servir o chá. Da mesma maneira, o quarto – o quarto com a cama de casal do primeiro andar – era o centro sexual da casa; o centro do nascimento; o centro da morte. Não era grande, mas suas paredes deviam estar impregnadas, se paredes pudessem absorver imagens e acumular o que se diz e se faz de mais intenso, de mais íntimo, da vida familiar. Naquela cama quatro filhos foram gerados; ali foram paridos; ali primeiro minha mãe morreu; depois meu pai, com uma foto de mamãe pendurada diante dele. A casa tinha três andares de dormitórios acima daquele quarto. Acima do quarto de minha mãe e meu pai ficavam os quartos de George, Gerald e Stella; acima dos quartos deles, nossos quartos de crianças; acima destes o grande gabinete com seu teto alto de madeira amarelada e manchada; e os quartos das criadas. Havia diferentes cheiros nos diferentes patamares daquela casa escura e alta. Um dos patamares cheirava eternamente a sebo

de vela; pois em um armário alto eram guardadas todas as velas dos quartos. Em outro patamar, na metade da escada, ficava o lavatório, com todas as latas de metal de água quente apoiadas ao lado de uma pia. Em outro patamar na metade da escada ficava o único banheiro da família. (Meu pai durante toda a sua vida lavou-se em uma tina de estanho amarela com apoiadores para sabão.) Mais acima havia um filtro de água marrom do qual antigamente se obtinha água potável: em nossa época, ele somente gotejava um pouco. Naquela altura – o patamar do gabinete – os tapetes e quadros tinham sumido, e o patamar mais alto era um tanto vazio. Houve uma ocasião em que um cano estourou e algum jovem visitante – Peter Studd? – ofereceu-se para ajudar, e correu para os andares de cima com um balde. Entrou nas dependências dos criados, e minha mãe, eu percebi, pareceu um tanto afrontada, talvez com um pouco de vergonha por ele haver visto o que deviam ser os aposentos mais desarranjados da casa. O grande gabinete do meu pai – aquele gabinete foi acrescentado ali quando a família aumentou – era um aposento amplo, muito alto, com três janelas e coberto de livros de alto a baixo. A velha cadeira de balanço dele forrada de linóleo era o centro do aposento, que era o cérebro da casa. Ele havia escrito todos os seus livros afundado naquela cadeira que balançava para frente e para trás, e que era tão funda que os pés dele ficavam suspensos no ar. Sobre ela ficava sua tábua de escrever, com folhas de papel sempre dobradas ao meio, de modo que ele pudesse fazer correções às margens. E a sua caneta de ponta de aço fina e o curioso tinteiro de porcelana, com um recipiente com uma tampa ao lado. Todos os livros dele saíram da ponta de canetas-tinteiro Joseph Gillot molhadas naquele recipiente. E eu me lembro da superfície lisa e calosa que a caneta havia formado na articulação do indicador dele. O retrato de Minny [\[88\]](#) pintado por Watts – um rosto tímido encantador, escondendo-se – estava pendurado sobre a lareira, nem nobre, nem heroico, mas acanhado e doce; e no canto junto à janela havia uma pilha de bastões de caminhada enferrujados. Das três compridas janelas, viam-se os telhados de Kensington até a igreja de St. Mary Abbots, a igreja onde se celebravam

nossos matrimônios convencionais – e um dia meu pai avistou uma águia pousada ali. Acho típico que ele tenha reconhecido de imediato que aquilo era uma águia; e que tenha verificado o fato de imediato no jornal: aquela era realmente uma águia, fugida do zoológico. Ele não inventaria histórias sobre águias selvagens sobrevoando Londres. O gabinete cheirava sempre a fumaça de tabaco.

A rua abaixo era sem saída. Nossa casa se localizava perto do muro de tijolos aparentes situado no fundo. Hyde Park Gate, que levava a lugar nenhum, formando em vez disso um circulozinho fechado a partir da grande rua principal que ia de Hammersmith a Piccadilly, parecia uma rua do interior. Ouviam-se os passos na calçada. A maioria dos passantes se cumprimentava com um aceno de cabeça ao se encontrarem. Quando se chegava mais perto era possível reconhecer quem era quem. Aquela era Mrs. Muir-MacKenzie; bonita e distinta. Aquela era a pálida Miss Redgrave; ou a Miss Redgrave do nariz vermelho; ou a velha Mrs. Redgrave, coberta com véu e roupa de viúva, saindo na cadeira de rodas acompanhada por uma das Misses Redgraves – quando chovia, protegiam-na com uma vidraça, de modo que ela parecia um espécime de museu preservado numa redoma de vidro. Em uma casa com um lance de escadas anguloso e esquisito, havia ainda “Sua Graça”, como a chamavam as babás – uma velha duquesa de Grafton. E também havia a casa da famosa – e de certo modo infame – Mrs. Biddulph Martin, a americana rica, cujo muro do jardim sobressaía-se para fora. “Por que não consertam isso?”, perguntou George aos trabalhadores que estavam assentando o muro com argamassa. Eles responderam que apenas cumpriam ordens; o muro continuou para fora. Mrs. Biddulph Martin tinha uma mancha na reputação, talvez por sua relação com os direitos das mulheres. O mesmo acontecia com Mrs. Ashton Dilke, nossa vizinha de porta. Um homem chegou a atirar-lhe uma pedra em uma reunião, e minha mãe, que tinha assinado um manifesto antissufragista sustentando que as mulheres já tinham muito com que se preocupar em casa para ainda terem de votar, interrogou a governanta dos Dilke indiretamente, por

nosso intermédio. Porém Mrs. Dilke, salvo essa excentricidade, estava sempre na última moda: uma mulher muito linda e tão bem-vestida que reparávamos em seus vestidos novos e dizíamos “Mrs. Dilke tem muito mais roupas que a senhora” para minha mãe, que nunca tinha roupas novas e, me parece, estava sempre com um vestido preto muito simples feito por uma costureira. E subindo um pouco a rua estava a casa de tia Minna, [\[89\]](#) onde ela vivia solitária com seu eterno papagaio e seu eterno criado italiano. Ele mudava; mas sempre se chamava Angelo; e era sempre miúdo e grisalho; e jogava bagatela conosco em mangas de camisa no porão. A casa com o portão trancado e a escada comprida no meio da rua era famosa pelo “cachorro grande”. Uma gente chamada Maude vivia ali; gente pobre, desconfiada e de má fama, que não conseguia pagar as contas; e por isso mantinham o portão fechado com o cachorro por detrás para assustar os credores. Quando alguém passava na frente da casa, o cão saltava os degraus, latindo; e um dia me derrubou, e mordeu ou bateu no meu braço. Então os vizinhos se reuniram e levaram o caso à polícia; e Mr. Plowden, o juiz, impressionou-se tanto com minha declaração – ou melhor, com o meu estado de ânimo – que declarou que o cachorro fosse sacrificado. “Mas não queremos que ele seja sacrificado”, Mrs. MacKenzie insistiu, “apenas que seja preso.” Pois todos concordavam que a culpa não era das pobres garotas Maude – as belas garotas morenas que moravam atrás do portão trancado, assustando os credores, eram dignas de pena pelas vidas enclausuradas, vergonhosas e mal afamadas de seus pais.

Em Hyde Park Gate, todo mundo conhecia todo mundo e sabia tudo sobre todo mundo. Era um suplício, se você desgostasse tanto quanto eu da aproximação gradual de algum rosto conhecido, ver os MacKenzies ou os Redgraves chegando mais e mais perto até que você fosse obrigado a parar ou pelo menos sorrir. As casas eram todas individuais; algumas muito altas, como a nossa; outras, como a dos Redgraves, baixas e compridas, quase como casas de campo; algumas tinham faixas de jardim, outras estavam ao nível da rua. Mas tornavam-se todas estereotipadas, pomposas, cheias de colunatas no início

da rua, na altura da rua principal. Por mais incrível que pareça agora, recordo que uma daquelas casas pomposas tinha uma carruagem com dois cavalos, e um cocheiro e um laçao de libré que usavam perucas empoadas, calções amarelos felpudos e meias de seda. Ainda que os donos não fossem pessoas de nenhuma importância especial, e ainda que ninguém achasse estranha tanta magnificência. Talvez uma a cada seis casas em Hyde Park Gate tivesse carruagem, ou alugasse uma em Hobbs, cuja grande quadra de seu estábulo abria-se para o meio da rua. Pois havia apenas o ônibus vermelho para transportar as pessoas até “a cidade”, como chamava meu pai, ou, se houvesse dinheiro para isso, um cabriolé ou uma carruagem de quatro rodas da fila na rua. O metrô, um túnel enfumaçado com cheiro de enxofre no qual os trens passavam, suponho, com pouquíssima frequência, ficava distante – em Kensington High Street ou Gloucester Road. Meu pai e minha mãe sempre tomavam o ônibus vermelho; para eles, andar de cabriolé durante o dia era um luxo desconhecido. Minha mãe fazia todos os seus longos trajetos – para ir às compras, visitas, passar em hospitais e abrigos – de ônibus. Era uma especialista em ônibus. Trocava do vermelho para o azul, do azul para o amarelo, e fazia com que eles de alguma maneira se conectassem e a levassem por toda Londres. Por vezes voltava exausta para casa, por ter perdido o ônibus ou apanhado algum muito lotado, ou por ter ido além do perímetro das suas linhas preferidas. Mas o mais frequente é que tivesse alguma história para contar de suas aventuras nos ônibus – uma conversa com o motorista, ou uma passageira que lhe dissesse isto ou aquilo. “Ficou sentada chorando”, recordo que ela disse uma vez, “e só pude oferecer-lhe meu frasco de perfume.” Meu pai sempre ia no piso de cima, fumando seu cachimbo; ela, acredito, jamais fazia isso, mas se pudesse escolhia um assento na janela e ia conversando com o motorista. Ele lhe contava seus problemas, enquanto os dois cavalos atarracados iam seguindo pela rua com dificuldade; aqueles velhos cavalos dos ônibus que, assim se dizia, viviam apenas um ou dois anos, pois o esforço de transportar os passageiros destruía sua constituição física. Uma vez por ano,

perto do Natal, víamos um par de faisões balançando no assento do motorista – presente dos Rothschilds.

As ruas eram lotadas de cavalos. As ruas eram cobertas de montinhos de esterco quente de cavalo que meninos removiam com pás, enfiando-se correndo por entre as rodas. Os cavalos pateavam, recuavam e relinchavam. Muitas vezes fugiam. Recordo de carruagens se chocando na High Street; os cavalos esparramavam-se para todos os lados; assustavam-se; recuavam; as rodas se soltavam. Os cavalos e o cheiro de cavalos tomavam as ruas. Os cavalos eram com frequência reluzentes, impecáveis, com orelheiras; os lacaios levavam rosetas nos chapéus; espuma salpicava os arreios prateados brilhantes.; nos painéis, havia coroas e escudos pintados, e em meio aos sons da rua – o bater dos cascos, o barulho das rodas – ouvia-se um tilintar e um ruído metálico quando os arreios se sacudiam. Mas somente os cabriolés solitários, os carrinhos altos dos açougueiros ou os coches particulares desciam pela tranquila rua sem saída de Hyde Park, nosso “remanso”, como dizia meu pai.

Meu quarto naquela casa altíssima ficava nos fundos. Quando Stella se casou, Vanessa e eu fomos promovidas a quartos separados; isso demarcou o fato de havermos nos tornado, ela aos 18 e eu aos 15, jovens damas. Meu quarto, o antigo quarto de dormir das crianças, era comprido e estreito e tinha duas janelas; a metade da lareira era a parte de sala de estar; a metade do lavatório era a parte de dormir. Foi “reformado” com o dinheiro de George, creio eu; e todos os traços do quarto das crianças foram apagados. Na parte da sala de estar, ficava minha cadeira de vime e a escrivaninha com pernas cruzadas de Stella, que ela mesma projetou, pintou de verde e decorou com um desenho de folhas castanhas (na época, esmaltar, pintar e decorar móveis causavam furor). Sobre ela ficava meu léxico de grego, uma ou outra peça de teatro grega, diversos vidrinhos de tinta, inúmeras canetas e, provavelmente escondidas embaixo do papel mata-borrão, folhas de papel repletas de escritos íntimos em uma letrinha tão pequena e retorcida que era a piada da família.

O lado de dormir era dominado pelo longo espelho estilo Chippendale (uma imitação), que George me dera na esperança de que eu me olhasse nele e aprendesse a arrumar o cabelo e a cuidar da minha aparência de modo geral. Entre ele e o lavatório, sob a janela, ficava minha cama. Nas noites de verão, eu me deitava com a janela aberta, olhando para o céu, pensando, pois recorro a uma história que escrevi naquela época sobre as estrelas e um nativo do Egito que as olhava e também as escutava. Muito distante dali, ouvia-se o rumor do trânsito. Das cavaliças ouvia-se o patear dos cavalos e o barulho das rodas e baldes. Na janela de um quarto, uma das janelas dos fundos da Queen's Gate que havia em frente, eu podia ver Sir Alfred Lyall vestindo-se e despindo-se. Uma das janelas estava quebrada; as criadas diziam que ali se conservava intocado um banquete de casamento, porque o noivo não apareceu ou a noiva havia morrido. Com certeza havia uma janela quebrada e empoeirada. Nas noites de verão às vezes eu ouvia música de baile e via os bailarinos sentados aguardando sua vez; via-os passando e tornando a passar diante da janela nas escadas. Uma noite fiquei acordada, horrorizada e incapaz de dormir, ouvindo o que imaginava ser um velho obscuro ofegando, rouquejando e murmurando indecências senis – era um gato, me disseram mais tarde. O som angustiado da cópula de um gato. George, no andar de baixo, guardava um punhado de lâmpadas velhas que atirava nos gatos – *pop, pop*, estouravam elas no muro. Muitas vezes eu ficava acordada até as duas ou três, esperando que Nessa viesse me ver depois de chegar de uma festa. Lia à luz de uma vela e a apagava assim que a escutava se aproximar com Gerald. Mas Gerald tocava o topo da vela, descobria a cera ainda mole e, portanto, me desmascarava.

Qual deveria descrever primeiro – a metade de sala de estar do quarto ou a metade de dormir? Elas devem ser descritas em separado, ainda que estejam sempre entrelaçadas. Como disputavam uma com a outra, isto é, com que frequência eu me lançava à fúria naquele quarto, e ao desespero, e ao êxtase; como lia até cair em um transe de felicidade perfeita, para então entrar alguém – Adrian, George, Gerald, Jack, meu pai; como era

para ali que eu me retirava quando meu pai me enfurecia, e caminhava vermelha de um lado para o outro. E ali veio Madge [90] uma vez à noite, e eu mal podia falar de tanta felicidade; e ali passava aquelas longas manhãs solitárias lendo grego em tom monótono... E foi naquele quarto que Gerald veio me chamar quando meu pai morreu. Ali ouvi pela primeira vez aquelas vozes terríveis...

Se aquele quarto, que hoje acredito ter sido dividido em cubículos para os hóspedes – depois que partimos a casa foi convertida em pensão –, pudesse despertar seus fantasmas, o executivo de Birmingham e a mulher de Cheltenham que viera conhecer a Real Academia se divertiriam. E também se compadeceriam. E quiçá um deles diria que vida estranha, que vida insalubre para uma garota de 15 anos. Suponho que também acrescentariam: “Uma vida assim hoje em dia é impossível”. E imagino que, se um deles tivesse lido *Ao farol*, ou *Um teto todo seu*, ou *O leitor comum*, ele ou ela diriam: “Este quarto explica muita coisa”.

Mas é evidente que, quando morava no meu quarto dos fundos em Hyde Park Gate, eu não estava pensando em executivos de Birmingham ou mulheres de Cheltenham. Mas pensava, sentia, vivia aquelas duas vidas que as duas metades simbolizavam, com a intensidade, a intensidade abafada, que uma borboleta ou mariposa sente quando sai do casulo com suas patas e antenas pegajosas e trêmulas, e imóvel, tremendo por um instante, queda-se ao lado da crisálida em farrapos; as asas ainda pregadas, os olhos cegos; incapaz do voo.

Qualquer pessoa, quer tenha 15 anos ou não, quer seja sensível ou não, teria sentido algo muito intenso simplesmente a partir do que aconteceu. A morte da minha mãe fora uma tristeza latente – aos 13 anos não era possível dominá-la, visualizá-la, lidar com ela. Mas a morte de Stella, dois anos depois, caiu em uma substância diferente, um material de vida, um material de espírito, que era extraordinariamente desprotegido, imaturo, desamparado, apreensivo, receptivo, antecipatório. Isso deve ser próprio da maior parte dos espíritos e dos corpos aos 15 anos. Mas sob a superfície desse espírito e desse corpo

específicos jazia, submersa, a outra morte. Ainda que eu não fosse plenamente consciente do significado da morte da minha mãe, eu passara dois anos absorvendo-a inconscientemente; por meio da tristeza silenciosa de Stella; pela tristeza manifesta do meu pai; por meio, mais uma vez, de todas as coisas que se alteraram e interromperam: o fim do convívio social, da alegria, a entrega de St. Ives, as roupas pretas, as supressões, a porta trancada do quarto dela. Tudo isso tingira meu espírito e o enchera de apreensão. Tornara-o, imagino, anormalmente receptivo à felicidade de Stella e à promessa que significava para ela e para nós, a promessa de escapar daquele estado de sombras. E então, uma vez mais, inacreditavelmente – incrivelmente –, como se uma promessa tivesse sido quebrada com violência – mais que isso, como se tivessem nos dito de modo brutal para que não fôssemos tão idiotas a ponto de termos esperança. Eu me lembro de dizer a mim mesma depois que ela morreu: “Mas isso é impossível; as coisas não são, não podem ser, assim” – o golpe, o segundo golpe da morte, atingiu-me; trêmula, de olhos vidrados como eu estava, com as asas ainda grudadas, imóvel na borda de minha crisálida em farrapos.

* * *

Ontem (18 de agosto de 1940) cinco aviões alemães passaram tão perto de Monk’s House que roçaram a árvore próxima do portão. Mas, estando viva hoje, e tendo uma hora vaga nas mãos – pois estou escrevendo ficção, e não consigo escrever depois do meio-dia –, darei prosseguimento a esta história solta. [\[91\]](#)

Na época em que eu tinha aquele quarto, ou seja, quando eu tinha 15 anos, “nós quatro”, como nos chamávamos então, havíamos nos separado. O símbolo disso eram nossos quartos separados. Mas não estávamos tão separados quanto meninos e meninas, irmãos e irmãs, costumam se tornar depois que os meninos vão para o internato e as irmãs ficam em casa. As mortes de minha mãe e de Stella nos uniram, suponho. Nunca falávamos delas. Eu me lembro da estranheza com que Thoby evitou dizer “Stella” quando um navio chamado *Stella*

naufraçou. (Quando Thoby morreu, Adrian e eu concordamos que continuaríamos a falar dele, “pois agora já há muita gente morta”.) Esse silêncio, sentíamos, encobria algo; algo que a maior parte das famílias não tinha encoberto. Sem esse vínculo, porém. Eu estava tão unida desde a mais terna infância a Nessa e Thoby que se descrevo a mim mesma preciso descrevê-los.

Quando Stella morreu Thoby tinha 17 anos – dois a mais que eu. Mas muito antes eu já tinha uma consciência intensa dele. Mesmo quando era muito pequeno, ele era dominante entre nós. Ele se impunha. Não era inteligente, não era um menino tagarela e engraçado; era um menininho desajeitado, esquisito e muito gordo que transbordava do paletó estilo Norfolk. Ele dominava e mandava em nosso mundo. Mas até mesmo para os adultos ele era formidável. Tivemos de mandar chamar papai uma ou duas vezes: eu me lembro de Thoby engalfinhando-se como um tigre com Gerald. Ele era grande e desajeitado. Abandonou muito rapidamente as maneiras de criança. Não consigo me recordar dele infantil, como Adrian. Mas, enfim, mamãe não se sentia tão à vontade com ele como se sentia com Adrian. Nem ele com ela. Ele não era inteligente, mas era talentoso. E seus talentos eram naturais para ele, ele tinha naturalmente uma aparência distinta, a capacidade de silenciar, de desenhar. Apanhava uma folha de papel, segurava-a em um ângulo estranho e começava facilmente, naturalmente, a desenhar um pássaro, não onde eu esperaria, mas em algum outro lugar esquisito, de modo que eu não era capaz de prever como o pássaro se tornaria um pássaro. Não era precoce, mas ganhava prêmios de vez em quando, ainda que não tenha conseguido uma bolsa em Eton. Seu latim e seu grego eram muito toscos, acho que foi o que os professores disseram. Mas seus ensaios revelavam grande inteligência. No entanto, foi graças a ele que ouvi falar nos gregos pela primeira vez. No dia seguinte à volta dele de Evelyns, a primeira vez, ele estava muito tímido, e estranho, e ficamos conversando subindo e descendo as escadas, e ele me contou a história de Heitor e de Troia. Senti que ele era tímido demais para contar a história sentado, de modo que continuamos subindo e descendo as

escadas, e ele me contou a história aos arrancos, mas cheio de empolgação. Também me contava histórias dos meninos em Evelyns. Essas histórias continuaram durante todo o período em que ele estudou em Evelyns, em Clifton, em Cambridge. Eu conhecia todos os seus amigos por essas histórias. Ele tinha um imenso poder de gostar das pessoas, de admirá-las. E elas o divertiam. Creio que eu sentia que ele gostava de Evelyns, e de Clifton, pois gostava de ficar a sós e sabia se defender. E era admirado, mas também ali agia de modo dominante. Sabia defender-se e lidar com desentendimentos. Era muito mais filosófico do que Adrian, por se sentir mais em seu elemento na escola. E exigia seus direitos. O cachorrinho [\[92\]](#) teve de se desculpar quando nomeou outro garoto como líder da casa; ele não aceitaria ser passado para trás. Ele não era fácil de tolerar, ainda que não tivesse motivo para se impor. Não esperava ganhar nada, admirava os garotos bons no futebol, bons no latim, mas sem invejá-los. Eu tinha a impressão de que ele havia se apossado de seus próprios dons, que se apropriaria deles na hora certa, e que desfrutava lenta e deliberadamente do que lhe aparecia pelo caminho em Clifton, sem se preocupar ou se frustrar. Era tolerante, não crítico nem precoce; ganhava tempo e ia conquistando suas posições com serenidade. E sob sua reserva, quando ele estava conosco, muito embora ele não dissesse jamais uma palavra sequer sobre seus sentimentos, eu sentia um afeto mudo, um orgulho de nós e também certa melancolia – talvez as mortes de mamãe e de Stella o tenham tornado mais velho que sua idade. E o amor extraordinariamente expressivo de meu pai por ele.

* * *

Sigo adiante (22 de setembro de 1940), nesse dia chuvoso – pensamos no tempo no sentido do quanto afeta as invasões, do quanto afeta os ataques aéreos, e não mais como algo que nos agrada ou desagrada pessoalmente –, sigo adiante, pois estou em um momento decisivo de meu romance, [\[93\]](#) a fim de preencher mais uma página. Eu ia escrevendo sobre Thoby quando me interrompi. E noite passada, tentando me acalmar

para dormir (pois eu estava amuada, como diz Clive, com a vinda dos Anreps [\[94\]](#) para cá), pensei em St. Ives. Escreverei sobre St. Ives, e, de modo conveniente, ainda que indireto, serei conduzida uma vez mais a Thoby. St. Ives irá preenchê-lo.

Em uma de suas caminhadas, papai, creio que em 1881, descobriu St. Ives. Deve ter se hospedado ali e visto Talland House para arrendar. Viu a cidade praticamente como era no século XVI, sem hotéis ou casas de veraneio; e a baía como foi desde o início dos tempos. Foi o primeiro ano, creio, em que funcionou a linha de St. Erth a St. Ives – antes disso, St. Ives ficava a 8 milhas da linha de trem. Mastigando seus sanduíches em Tregenna, quicá, meu pai deve ter ficado impressionado, à sua maneira silenciosa, com a beleza da baía; e pensado: deve ser o lugar ideal para nossas férias; e agiu com sua cautela e suas estratégias costumeiras para arrendá-la. Eu nasceria em janeiro seguinte, e, embora meus pais desejassem limitar o tamanho da família, e tenham feito o que puderam para me evitar, ele devia saber que eles não tinham tido êxito nas medidas tomadas – Adrian nasceu no ano seguinte (1883), mais uma vez a despeito das precauções. Isso demonstra a facilidade e abundância de meios daqueles tempos, em que um homem para quem o dinheiro era uma obsessão achou viável alugar uma casa na unha do pé da Inglaterra, como ele dizia, de modo que todo verão tivesse de enfrentar as despesas para mudar as crianças, as babás e as criadas de um extremo da Inglaterra a outro. E, no entanto, ele o fez. Meus pais arrendaram a casa da Great Western Railway Company. A distância provou-se de fato um inconveniente, pois só podíamos ir até lá no verão. Nosso quinhão de natureza estava, portanto, limitado a dois ou no máximo três meses por ano. Os outros meses eram passados inteiramente em Londres. Olhando em retrospecto, contudo, nada que tivemos na infância fez tanta diferença e foi tão importante para nós quanto os verões na Cornualha. A natureza era intensificada, depois dos meses em Londres, por ir à Cornualha. Ter nossa própria casa, nosso próprio jardim, ter a baía, o mar, as charnecas, Clodgy, o brejo de Halestown, a baía de Carbis, Lelant, Trevail, Zennor, a ponta de Gunnard, ouvir as

ondas quebrando na primeira noite por trás da persiana amarela, cavar na areia, velejar em um barco de pesca, subir nas pedras e ver as anêmonas vermelhas e amarelas ondulando suas antenas, ou grudadas como bolhas de geleia no rochedo, encontrar um peixinho se agitando numa poça, apanhar búzios, levantar os olhos da gramática na sala de jantar e ver mudar as luzes na baía, as folhas da escalônia cinzentas ou de um verde intenso, ir até a cidade e comprar por um centavo uma caixa de tintas de pintura ou um canivete, rondar a loja dos Lanhams – Mrs. Lanham usava cachos falsos que balançavam ao redor da sua cabeça; as criadas diziam que Mr. Lanham tinha se casado com ela “por um anúncio”, sentir todos os cheiros de peixe nas ruazinhas íngremes, e ver os inúmeros gatos com suas espinhas de peixe na boca, e as mulheres nos degraus elevados diante das casas derramando baldes de água suja pelas sarjetas, todos os dias comer uma tigela imensa de creme da Cornualha com nata amarela e um punhado de açúcar mascavo com mirtilos... Eu seria capaz de preencher páginas com uma recordação após a outra. Juntas, todas fazem do verão em St. Ives o melhor início de vida que se possa conceber. Quando alugaram Talland House, meu pai e minha mãe nos deram – ou pelo menos me deram – algo que é eterno, de valor incalculável. Imagine se eu tivesse apenas Surrey, ou Sussex, ou a Ilha de Wight em que pensar, quando penso em minha infância.

A cidade era naquela época praticamente o que deve ter sido no século XVI, desconhecida, pouco visitada, um aglomerado de casas de granito incrustadas na encosta na depressão abaixo da ilha. [\[95\]](#) Deve ter sido construída como um abrigo, para alguns poucos pescadores, pois a Cornualha era mais distante da Inglaterra do que a Espanha ou a África são hoje. Era uma cidadezinha íngreme. Muitas casas tinham um lance de escadas, com um gradil levando à porta. As paredes eram blocos grossos de granito, construídas para suportar as tempestades marítimas. Eram pintadas com um tom lavado da cor do creme da Cornualha e sua aspereza se assemelhava à nata do creme. Não havia nada de suave nelas, nenhum tijolo vermelho, nenhum sapé macio. O século XVIII não deixara nenhum rastro

em St. Ives, diferente do modo tão definitivo como o fizera em todas as cidadezinhas do sul. St. Ives podia muito bem ter sido construída ontem, ou nos tempos do conquistador. Não tinha arquitetura, nem projeto. A praça do mercado era um lugar aberto irregular com calçamento de pedra, a igreja ficava num dos lados, feita de granito e atemporal como as casas, com o mercado do peixe ao lado. Não tinha nenhum gramado em frente. Ficava no mesmo nível da praça do mercado. Não havia portas entalhadas, grandes janelas, dintéis. Não havia musgo, nenhuma casa profissional garbosa. Era uma cidade de ventos, barulhenta, vociferante, de ruas estreitas; da cor de um mexilhão ou de craca, como um punhado de mariscos duros apinhados em uma parede cinzenta.

Nossa casa, Talland House, ficava nos limites da cidade, sobre o morro. Para quem a Great Western Railway a construía, não sei. Deve ter sido nos anos 40 ou 50; era uma casa quadrada, semelhante ao desenho que uma criança faria de uma casa, em que a única coisa notável era o telhado plano e a varanda, cruzada por tábuas em zigue-zague que a rodeavam, num padrão também parecido com o desenho de uma criança. Ficava em um jardim que descia a encosta do morro e que se dividira em dois jardins separados e rodeados por sebes espessas de escalônia, cujas folhas, quando pressionadas, soltavam um odor extremamente doce. Tinha tantos cantos e gramados ao redor que cada qual tinha sido batizado com seu próprio nome: havia o jardim do café, a fonte – uma bacia com um funil que gotejava, instalada nas sempre-vivas úmidas, o campo de críquete, o cantinho do amor, embaixo da estufa, onde cresciam as violetas clemátides e onde Leo Maxse pediu Kitty Lushington em casamento (“Acho que ouvi Paddy contar isso ao filho, dizendo que escutou o pedido por acaso”, disse Thoby). Havia também a horta da cozinha, os canteiros de morangos, o lago onde Willy Fisher punha para navegar com uma pá impulsional por um elástico os navios em miniatura que ele fazia, e a grande árvore. Todos esses lugares distintos se abrigavam naquele único jardim de não mais que dois ou três acres. Entrava-se por um grande portão de madeira, cujo barulho do ferrolho era um dos

sons familiares, subia-se pela trilha das carruagens, sob o muro alto de pedra inclinado e salpicado com as folhas robustas do *Mesembryanthemum*, [\[96\]](#) e em seguida chegava-se ao mirante, entre arbustos de capim-dos-pampas. O mirante era um morro gramado que se sobressaía do muro alto do jardim. Para lá nos mandavam com frequência para ver se tinham baixado o sinal. Quando o sinal baixava era hora de partir para a estação e esperar pelo trem. Era o trem que trazia Mr. Lowell, Mr. Gibbs, os Stillman, os Lushington, os Symonds. Mas isso era tarefa dos adultos – receber os amigos. Nunca trazíamos amigos para ficar conosco. E nem queríamos. “Nós quatro” éramos completamente autossuficientes. Certa feita, quando Mrs. Westlake trouxe uma menina chamada Elsie para brincar conosco, eu “usei-a para varrer o jardim”. Recordo que a empurrava como se fosse um monte de folhas secas na minha frente.

Do mirante tinha-se, então, uma vista perfeitamente desimpedida da baía. (Mr. Symonds disse que a baía o fazia lembrar a baía de Nápoles.) Era grande, cheia de curvas, bordeada de praias de areia com dunas de areia verde por detrás; e as curvas entravam e saíam de dois grandes rochedos negros, um dos quais abrigava a torre preta e branca do farol; no outro extremo, o rio Hayle abria uma veia azul pela areia, e estacas, sobre as quais sempre pousavam gaivotas, marcavam o canal no porto de Hayle. Esse grande volume móvel de água estava constantemente mudando de cor: azul profundo, verde-esmeralda, roxo, e em seguida cinza-tempestade com cristas brancas. Havia um intenso ir e vir pela baía, quase sempre algum barco da linha Haines com uma faixa vermelha ou branca na chaminé indo a Cardiff para buscar carvão. Quando o tempo estava ruim, às vezes ao acordar encontrávamos a baía inteira coalhada de barcos, que tinham vindo procurar abrigo durante a noite – a maioria vapores de cabotagem, barquinhos com uma depressão no meio. Mas por vezes ancorava ali algum grande vapor; uma vez um enorme veleiro e outra, um famoso iate branco. E todas as manhãs saíam os pesqueiros desajeitados para pescar em alto-mar. E à noitinha vinha a frota de

pesqueiros de cavala, com suas luzes dançando para baixo e para cima, e a frota que retornava, rodeando a ilha e arriando as velas. Ficávamos no mirador com mamãe, observando-as.

Todos os anos, por volta da primeira semana de setembro, gritávamos: “Os barcos de sardinha partiram!”. Depois de passar quase o ano inteiro recostados sobre a areia, lá vinham eles sendo agora arrastados praia afora, puxados com esforço por cavalos. Ficavam ancorados perto do quebra-mar, mais parecendo longos sapatos negros, pois cada um tinha um toldo de vigia numa das extremidades e um grande emaranhado de redes de pesca – chamadas de arrastão – na outra. A calafetagem dos barcos de sardinha era uma ocupação habitual e fazia com que a praia sempre cheirasse vagamente a alcatrão. Lá ficavam eles, semana após semana, e ali ainda estavam quando partíamos em outubro, à espera de que o vigia sentado diante do telescópio no alto de seu abrigo branco na baía de Carbis sinalizasse um banco de areia.[\[97\]](#) Ficava sentado ali, com uma espécie de grande chifre ao seu lado, atento a que uma mancha arroxada de sardinhas se aproximasse da baía. Ano após ano, os barcos quedavam na baía. As redes de arrastão jamais eram lançadas. Os pescadores resmungavam que os barcos a vapor de Newlyn tinham (talvez) assustado as sardinhas e feito com que voltassem para o alto-mar. Uma vez, porém, no meio da nossa aula, ouvimos o chamado do vigia – um ulular comprido e distinto. Então os pescadores remaram até os barcos. A aula foi interrompida. As redes de arrastão foram lançadas. Um círculo pontilhado de rolhas flutuava aqui e ali sobre a rede escura submersa. Mas as sardinhas passaram ao largo da baía daquela vez; e as redes foram recolhidas novamente. (Somente em 1905, quando nós quatro alugamos uma casinha na baía de Carbis, foi que as sardinhas vieram. Remamos até lá de manhã cedinho. O mar era todo cusparadas e borbulhas de prata. Um estranho no barco ao lado derramou braçadas daquela massa borbulhante em nosso barco. “Que tal peixe fresco para o café da manhã?”, ele disse – e o entusiasmo e o júbilo foram gerais; e, barco após barco, chegaram ao quebra-mar carregados de peixe. E descemos até o porto e vimos como

os encaixotavam. Escrevi uma descrição dessa cena e a enviei a algum jornal, que a rejeitou. Mas Thoby disse a Nessa, que por sua vez me disse, que me considerava uma espécie de gênio.) Em todos os anos que passamos em St. Ives as sardinhas nunca vieram até a baía, e os barcos de pesca de sardinha jaziam ali, ancorados, expectantes. E costumávamos nadar até eles e nos pendurar na borda, para ver o velho deitado em sua tenda de lona marrom, de vigia. Os barcos de sardinha à espera eram um espetáculo que fazia meu pai dar muxoxos à mesa. Ele tinha uma curiosa simpatia pela pobreza dos pescadores: um respeito pelos pescadores, como o que sentia pelos guias alpinos. E minha mãe, é claro, ia conhecê-los em suas casas, e andava pela cidade “fazendo o bem”, como Stella desejava que estivesse escrito na lápide dela. Ela os visitava, os ajudava e criou uma associação para seu auxílio. Após a morte dela, a associação foi rebatizada de Julia Prinsep Stephen Nursing Association; Meredith [\[98\]](#) e os Symonds e Stillmans participaram dela; e Ka Arnold-Forster [\[99\]](#) não faz muito tempo me contou que ela ainda existe.

Todos os anos, em agosto, organizava-se uma regata na baía. Assistíamos aos barcos dos juízes assumirem seu posto, com cordas de bandeiras penduradas de mastro a mastro. Os notáveis de St. Ives iam a bordo. Uma banda tocava. Lufadas de música atravessavam a baía. Todos os barquinhos saíam do porto. Então soava um disparo e as regatas começavam. Lá se iam os barcos – os lugres, os barcos de passeio, os barcos a remo, navegando pelos diferentes percursos demarcados por bandeiras ao redor da baía. E, enquanto disputavam, os nadadores se punham em fila no barco da regata para a sua competição. Soava o disparo; eles mergulhavam e víamos as cabecinhas afundando e subindo e os braços lampejando, e ouvíamos os gritos das pessoas quando um nadador ganhava a dianteira. Num dos anos o nosso charmoso e jovem carteiro de cabelos cacheados (recordo a bolsa marrom de linho onde ele carregava a correspondência) devia ter sido o vencedor; mas mais tarde ele explicou a Amy, “deixei o outro vencer, porque era a última chance do camarada”.

Era um espetáculo muito festivo, com as bandeirolas agitando-se, os disparos, os barcos ao mar e os nadadores mergulhando ou sendo puxados de volta a bordo. Uma multidão de gente de St. Ives se reunia no Malakoff, o espaço octogonal na extremidade da esplanada, que fora presumivelmente construído durante a Guerra da Crimeia e era a única tentativa que a cidade fizera em termos de ornamentação. St. Ives não tinha nenhum passeio à beira-mar, nenhum desfile; somente aquele terreno anguloso com calçamento de cascalho e alguns assentos de pedra, nos quais os pescadores aposentados, de malhas azuis, se sentavam para fumar e falar da vida alheia. O dia da regata permanece na minha mente, com sua música ao vento, suas cordinhas com bandeirolas, os barcos ao mar e as pessoas espalhadas pela areia, como num quadro francês.

Naqueles tempos St. Ives, salvo por nós e um ou outro pintor ocasional, não recebia veranistas. Seus costumes eram próprios, seus festivais também. Tinha a regata de agosto. Depois, uma vez a cada 12 anos ou algo do tipo, [\[100\]](#) velhos e velhas acima dos 70 dançavam ao redor do Monumento de Knills – uma torre de granito numa clareira – e o casal que dançasse por mais tempo recebia um *shilling*? meia coroa? – do prefeito – o Dr. Nicholls, que na ocasião usava um manto longo com bordas de pele. St. Ives possuía uma relíquia do passado, mas uma relíquia ainda em uso – Charlie Pearce, o pregoeiro da cidade. Vez ou outra ele arrastava-se diante das casas agitando um sino e gritando: “Oyez, Oyez, Oyez”. O que ele dizia em seguida eu não sei, exceto aquela única ocasião em que uma hóspede de Talland House perdeu um broche e pediu que Charlie Pearce gritasse a notícia. Ele era cego, ou quase; com um rosto comprido e devastado, olhos cinzentos como os olhos de um peixe cozido, e usava uma cartola estropiada, uma sobrecasaca abotoada firmemente ao redor de seu corpo anguloso, e arrastava os pés de modo estranho, de um lado para o outro, enquanto ia tocando seu sino e gritando: “Oyez, Oyez, Oyez”. Nós o conhecíamos, tal como conhecíamos vários personagens da cidade, graças às criadas, especialmente Sophie, que tinha muitos amigos entre eles. Conhecíamos todos

os comerciantes, que subiam a trilha das carruagens até a porta da cozinha trazendo seus embrulhos – Alice Curnow, com a roupa lavada em um grande cesto, Mrs. Adams, a pescadora, que trazia peixes em outro cesto – as lagostas ainda vivas, ainda azuis, reviravam-se ali dentro. A lagosta era posta na mesa da cozinha, e a grande garra se abria e fechava e beliscava alguém. Não sei se é mesmo uma lembrança, mas será que me recordo de um peixe comprido e gordo debatendo-se em um gancho na despensa e Gerald batendo nele até a morte com um cabo de vassoura?

A cozinha, a cozinha de Sophie, pois ela dominava todos os outros “habitantes da cozinha”, como os chamávamos no *Hyde Park Gate News*, ficava exatamente embaixo do quarto das crianças. Na hora do jantar descíamos um cesto preso em uma corda e o deixávamos balançar diante da janela da cozinha. Se Sophie estivesse de bom humor, o cesto era puxado para dentro e enchido com alguma coisa do jantar dos adultos, e em seguida ela o devolvia. Mas se estivesse “em um de seus humores”, trazia o cesto para dentro com um puxão, cortava a corda e nós [ficávamos] apenas com a outra ponta vazia. Eu me lembro da sensação da cesta pesada e da corda leve.

Todas as tardes “saíamos para uma caminhada”. Mais tarde essas caminhadas se tornaram uma penitência. Meu pai tinha de levar um de nós consigo, insistia minha mãe. Obcecada demais com a saúde dele, com os prazeres dele, ela estava sempre muito disposta, como agora vejo, a nos sacrificar por ele. Foi assim que minha mãe nos deixou o legado da dependência dele, que, depois da morte dela, tornou-se uma imposição tão árdua. Teria [sido] muito melhor para nossa relação se ela o tivesse deixado lidar com os problemas sozinho. Porém, durante muitos anos a saúde dele foi uma ideia fixa para ela; e então – deixando para nós os resultados desse acerto de contas – ela se desgastou e morreu aos 49 anos, enquanto ele continuou vivo, achando muito difícil, tão saudável que era, morrer de câncer aos 72. Mas, embora eu insira aqui esse parêntese, desabafando ainda esse antigo rancor, St. Ives apesar disso nos proporcionava o “puro deleite” que tenho diante dos

meus olhos neste exato momento. As folhas cor de limão do olmo, as maçãs no pomar, o murmúrio e o farfalhar das folhas me fazem pausar aqui e pensar em quantas forças humanas nos afetam a todo instante. Enquanto escrevo isso a luz muda, uma maçã assume um verde vívido, reajo a tudo através de mim; mas como? Então uma corujinha [canta] [\[101\]](#) embaixo da minha janela. Outra vez, reajo. Figurativamente eu poderia tirar um instantâneo do que quero dizer com isso por meio de uma imagem; sou uma embarcação porosa flutuando sobre as sensações, uma chapa sensível exposta a raios invisíveis, e assim por diante. Ou então me debato com alguma ideia vaga sobre uma terceira voz. Falo com Leonard, Leonard fala comigo, nós dois ouvimos uma terceira voz. Em vez de trabalhar a manhã inteira para analisar o que desejo dizer, para descobrir se o que quero dizer constitui algo de real; se invento coisas ou digo a verdade quando percebo que uso o hálito dessas vozes para inflar as minhas velas e tomar este ou aquele rumo por meio da vida cotidiana ao render-me a elas, percebo apenas a existência dessa influência. Desconfio que seja de grande importância, não consigo descobrir se ela exerce algum poder nas outras pessoas – será que Louie a sente? Que Percy a sente? Quantas pessoas que assistiram a bomba incendiária extinguir-se na colina ontem à noite entenderiam o que quero dizer, se lessem isto? – Ergo um dedo neste ponto, para marcar uma ideia que um dia tentarei desenvolver; e retorno à superfície; ou seja, a St. Ives.

A caminhada habitual de domingo era para Trick Robin, ou, como meu pai gostava de chamar, Tren Crom. [\[102\]](#) Do alto, viam-se os dois mares, o monte de St. Michael de um lado, o farol no outro. Como todas as colinas da Cornualha, era salpicada de blocos de granito. Dizia-se que algumas eram túmulos e altares antigos; em outras, buracos tinham sido abertos, como se para instalar portões. Outras eram rochas empilhadas. O *logan* [\[103\]](#) ficava no alto de Tren Crom; nós o balançávamos; diziam que o oco da sua superfície áspera e coberta de líquens talvez servisse para conter o sangue das vítimas. Mas meu pai, com seu amor severo pela verdade, não acreditava nisso; dizia que em sua

opinião aquele não era um *logan* genuíno; mas apenas a disposição natural de rochas comuns. Pequenas trilhas levavam até o alto do morro, entre as urzes e a vegetação; o tojo arranhava nossos joelhos ao subir – o tojo amarelo vivo, com seu cheiro doce de nozes. Outra caminhada, uma caminhada curta para crianças, levava até o País das Fadas, como chamávamos aquele bosque solitário rodeado por um muro largo. Caminhávamos sobre o muro e olhávamos para o bosque de carvalhos lá embaixo, e para as enormes samambaias, mais altas que nossas cabeças. Cheirava a bolotas de carvalho; era escuro, úmido, silencioso, misterioso. Uma caminhada mais longa e aventureira era para o brejo de Halestown. Mais uma vez meu pai nos corrigia: brejo de Helston era como o chamávamos, mas o nome verdadeiro era Halestown. Naquele pântano saltávamos de trecho a trecho de mato, e eles chapinhavam, e mergulhávamos até o joelho nas águas pardas do pântano. Ali crescia a *Osmunda*, e as raras *avencas*. Melhor que aquelas caminhadas, e um agrado anunciado talvez a cada 15 dias, era uma tarde de navegação. Alugávamos um pesqueiro, o pescador ia conosco. Porém, uma vez deixaram Thoby pilotar até em casa. “Mostre a eles que você é capaz de trazê-la de volta, meu filho”, disse meu pai, com sua confiança e seu orgulho costumeiros por Thoby. E Thoby assumiu o lugar do pescador, manobrando o barco; corado e com os olhos azuis muito azuis, a boca resoluta, sentou ali e nos fez rodear a ponta e entrar no porto, sem deixar a vela desinflar. Um dia, o mar se encheu de águas-vivas pálidas, como luminárias, com cabeleiras esvoaçantes; mas elas queimavam se tocadas. Às vezes nos davam linhas de pesca, com iscas de pedacinhos de peixe; e a linha alegrava-se nos nossos dedos enquanto o barco atirava para os lados e disparava pelas águas; e depois – como transmitir a emoção? – vinha um puxãozinho saltitante; em seguida outro; puxávamos a linha para cima. E por cima das águas surgia o peixe branco retorcendo-se; e o lançávamos ao chão. Ali jazia, debatendo-se para lá e para cá naqueles dois ou três dedos de água.

Certa vez, depois de termos navegado e trazido para dentro bacamarte após bacamarte, linguado após linguado, meu pai me

disse: “Da próxima vez, se vocês forem pescar eu não venho; não gosto de ver peixes sendo apanhados, mas você pode ir se quiser”. Foi uma lição perfeita. Não foi uma bronca, nem uma proibição: somente uma declaração do seu próprio sentimento, acerca da qual eu poderia pensar e decidir por mim mesma. Embora meu arrebatamento pelo entusiasmo, pelo puxão do peixe, talvez tenha sido o mais intenso que eu já experimentara até então, as palavras dele lentamente o extinguiram. Sem rancor, deixei de sentir vontade de pescar. Mas a partir da lembrança desse meu arrebatamento consigo entender a paixão pela pesca e a caça esportiva. É uma dessas sementes valiosas a partir das quais, uma vez que é impossível viver plenamente todas as experiências, se pode criar algo que represente a experiência de outra pessoa. Frequentemente temos de nos arranjar com sementes: os germes daquilo que poderia ter sido, tivesse sido diferente a nossa vida. Portanto, classifico “pescar” junto com outros vislumbres momentâneos; como aqueles olhares rápidos, por exemplo, que lanço para os porões ao caminhar pelas ruas de Londres.

As bolotas de carvalho, as samambaias apinhadas de sementes na parte de trás, a regata, Charlie Pearce, o som do ferrolho do portão do jardim, os bandos de formigas no degrau quente da porta de entrada; comprar tintas; navegar a vela; o cheiro do pântano de Halestown; peixe com creme da Cornualha durante o chá na casa da fazenda em Trevail; o fundo do mar mudando de cor durante as aulas; o velho Mr. Wolstenholme em sua cadeira de vime; as folhas manchadas do olmo sobre o gramado; as folhas da escalônia expondo suas partes de baixo cinzentas: o arco no ar, como o da semente de uma laranja, quando estourou o armazém de pólvora em Hayle; o som surdo da boia – por algum motivo, agora é isto que sobe primeiro à minha mente ao pensar em St. Ives: um catálogo incongruente e variado, pequenas rolhas que indicam a existência da rede submersa.

E para puxar essa rede até a praia, deixando seu conteúdo misturado, de modo a criar um fim onde ele não existe, eu acrescento: durante dois ou três anos antes da morte de minha

mãe (ou seja, 1892-3-4), chegaram ao quarto das crianças sinais agourentos de que os adultos falavam em abandonar St. Ives. A distância se tornara um inconveniente. Naquela época, George e Gerald trabalhavam em Londres. As despesas, a escola de Thoby, a escola de Adrian, tornaram-se mais urgentes. E então, ao chegarmos lá em julho, bem em frente ao nosso mirante surgiu um grande hotel quadrado cor de aveia. Minha mãe declarou com seus gestos dramáticos que a vista estava arruinada, que St. Ives seria destruída. Por todos esses motivos, portanto, uma placa de imobiliária apareceu no nosso jardim em um mês de outubro; e como precisava de retoques, me deixaram preencher algumas das letras – Passa-se Esta Casa – com uma lata de tinta. A alegria de pintar misturou-se ao pavor de partir. Mas, durante um ou dois verões, não apareceu nenhum interessado. O perigo, assim esperávamos, fora evitado. E então na primavera de 1895 minha mãe morreu. Meu pai imediatamente decidiu que nunca mais desejaria ir a St. Ives de novo. E talvez um mês mais tarde Gerald foi até lá sozinho; acertou o repasse do nosso contrato para uns tais de Mille Dows, e St. Ives desapareceu para sempre.

* * *

Recupero então hoje (11 de outubro de 1940), um dia fresco de outono (Londres foi bombardeada ontem à noite), graças a estas notas rápidas, uma única imagem de Thoby; manobrando nosso barco ao redor da ponta sem deixar a vela desinflar. Recupero a imagem de um menino cujo paletó era um tanto apertado; cujos braços sobravam nas mangas. Parecia emburrado, soturno; os olhos se tornavam mais azuis quando ele estava com aquele humor, seu rosto corava um pouco. Sentia, antes dos outros garotos, o peso do orgulho de seu pai sobre ele; o fardo, a responsabilidade de ser tratado como um homem.

Por que me esquivo da tarefa, que não pode ser tão difícil assim para quem é profissional como eu – acaso não expressei a vida de Roger de uma extremidade à outra? –, de soprar esse garoto do barco até a minha sala de estar no meu quarto em Hyde Park Gate? Porque desejo continuar pensando em St. Ives.

Tenho a desculpa de que poderia relembrar muitas outras imagens, caso seguisse pensando. Poderia trazê-lo de novo e de novo. E não se trata apenas de uma desculpa, pois sempre ao redor dele, como o orvalho se reúne em gotas num casaco áspero, está a natureza; borboletas; pássaros; estradas lamacentas; botas lamacentas; cavalos.

Mas é verdade, não desejo entrar em meu quarto em Hyde Park Gate. Encolho-me diante dos anos 1897–1904, os sete anos infelizes. Não houve muitas vidas como as nossas foram naquela época, tão torturadas, tão afligidas, tão embotadas de não ser. Isso, na minha taquigrafia, foi o legado daqueles dois grandes disparates desnecessários; daqueles dois açoites imprudentes e irrefletidos da estrela d'alva [\[104\]](#) que, brutal e sem sentido, matou as duas pessoas que deveriam ter tornado aqueles anos “normais” e naturais, se não “felizes”.

Não estou pensando em minha mãe e Stella, estou pensando no dano infligido pelas suas mortes. Eu o descreverei com maior cuidado mais à frente, eu o ilustrarei com uma cena ou duas. É por isso que não desejo trazer Thoby do barco para o meu quarto.

Sem aquelas mortes, para retomar uma ideia anterior, é bem verdade que ele não teria sido tão genuinamente, embora de um modo cego, ligado a nós. Se existe algo de bom (o que duvido) naquelas mutilações, é que elas sensibilizam. Se para ter consciência da insegurança da vida, para recordar algo que se perdeu, para sentir às vezes, esmagadoramente, uma conexão apaixonada e desajeitada, como a que senti pelo meu pai, sem que ele o pedisse... se é algo bom ter consciência disso aos 15, 16, 17 anos, aos arrancos... se, se, se... Mas teria sido algo bom? Não teria sido melhor (se é que existe sentido em dizer bom ou melhor quando não existe nenhum árbitro possível, nenhum padrão) continuar sentindo, como em St. Ives, a urgência e os tropeços da vida familiar? Estar rodeado pela família; continuar explorando e aventurando-se em segredo enquanto a família como um todo avançava de modo prosaico e ruidoso ano a ano. Isso não teria sido melhor do que ter aquela proteção retirada, do que ser expulso do abrigo familiar, do que o ver sendo

esmagado e retalhado, do que se tornar crítico e cético dos laços familiares...? Talvez permanecer na família, acreditar nela, aceitá-la, como teríamos feito não fossem aquelas duas mortes, tivesse nos dado mais escopo, mais diversidade e certamente mais confiança. Por outro lado, há outra questão: teriam essas mortes nos proporcionado uma experiência que, apesar de mutilante e embotadora, significava que os deuses (como eu costumava dizer) estavam nos levando a sério e nos entregando uma tarefa que não acharam digna de entregar a, digamos, os Booths ou os Milmans? Eu tinha minha costumeira maneira visual de considerar isso. Via (após a morte de Thoby) duas grandes pedras de moer (enquanto dava voltas pela Gordon Square) [\[105\]](#) e eu no meio delas. Encenava um conflito entre “elas” e eu. Refletia que, se a vida fora feita para dar coices dessa maneira, ela devia ser cavalgada; ninguém poderia dizer que “eles” tinham me engabelado, dando um pedacinho esfarrapado e anêmico daquela matéria preciosa. Por isso passei a pensar na vida como sendo algo de extrema realidade. O que, é claro, aumentou a minha percepção da minha própria importância. Não em relação aos seres humanos; em relação à força que me respeitara o suficiente para fazer com que eu me sentisse esmagada entre duas pedras de moer. [\[106\]](#)

Parece-me, portanto, que nossa relação (minha e de Thoby) foi mais séria do que teria sido sem aquelas mortes. O pensamento tácito – eu o visualizei grosseiramente – estava ali, nele; em mim; quando ele vinha até o meu quarto em Hyde Park Gate. Sentíamos, decerto, uma atração natural um pelo outro. Para além de seu sentimento de irmão (e ele era protetor), Thoby tinha, eu acho, uma atitude divertida, surpresa e curiosa em relação a mim enquanto indivíduo. Eu era um ano e meio mais nova; e menina. Uma criaturinha sem carapaça, creio que era assim que ele me via; tão protegida, em meu quarto, em comparação a ele. Uma ouvinte ávida e ingênua das suas histórias da escola, desprovida de qualquer experiência própria capaz de contrapor-se às dele; mas não passiva; pelo contrário, borbulhante, inquisidora, inquieta, contraditória. Nós nos afastamos, depois daquele subir e descer escadas, para ler cada

qual no seu canto. Ele havia devorado Shakespeare, de uma maneira ou de outra, sozinho. Tinha se apossado dele, à sua maneira grandiosa e desajeitada, e nossas primeiras discussões, depois que escutei passivamente a história dos gregos nos degraus em frente ao patamar do lavatório, em frente ao patamar com cheiro de sebo de vela, foram sobre Shakespeare. Ele caía em cima de mim com sua afirmação de que tudo estava em Shakespeare. Deixava toda a massa que ele havia contido entre as mãos cair numa avalanche sobre mim. Eu me indignava. Mas como poderia me opor a tudo aquilo? Um tanto debilmente, ficando vermelha e agitada. Naquela época eu ainda tinha a sensação genuína de que as peças de teatro me desagradavam. Como começavam? Com alguma fala monótona a centenas de milhas de distância de qualquer coisa interessante. Para provar isso, abri [*Noite de Reis*] [\[107\]](#) e li: “Se a música é o alimento do amor, não deixem de tocar...”. [\[108\]](#) Fui derrotada daquela vez. E ele foi inclemente, exasperante, derrotou-me, dominou-me, com intensidade suficiente para deixar a nós dois exaltados. De modo que minha oposição não deve ter sido assim tão ineficaz. Senti o seu orgulho de Shakespeare; era semelhante ao orgulho que ele sentia de seus amigos – Shakespeare desvencilhara-se de Falstaff, observou ele, sem a menor simpatia. Aquela desumanidade imensa e natural de Shakespeare o deleitava. Era como uma árvore se desvencilhando de suas folhas. Por outro lado, quando Desdêmona volta a acordar, ele achava possível que Shakespeare houvesse sido “sentimental”. Essas são as únicas críticas específicas de que recordo; pois ele não era, como eu, alguém que destaca palavras ou frases, não era do tipo que faz anotações. Era mais casual, rústico, rápido e abrangente. E, desse modo, eu nunca obtinha dele comentários detalhados. Mas sentia, apesar disso, que Shakespeare era para ele o seu outro mundo, o lugar de onde ele retirava a medida do seu mundo cotidiano. Encontrava o seu norte ali, e media-nos a partir daquele padrão. Certa vez, tive a impressão de que ele meio que pensava em Falstaff e Hal e a Madame Quickly e os demais, num vagão de terceira classe para fumantes do metrô,

quando uns bêbados começaram uma discussão. Ele ficou sentado num canto, com o cachimbo na boca, olhando por cima de seu jornal, inspecionando-os, imperturbável, preparado, como se estivesse tudo aquilo em seus devidos lugares. Senti (e não só nesse momento) que ele tinha consciência de sua própria posição, que desfrutava de sua herança; senti que farejou a batalha, que já era, antes do tempo, um legislador, orgulhoso da sua posição de homem, preparado para desempenhar seu papel entre os homens. Se posto à prova, teria feito um grande reinado. As palavras que Walter Lamb usou para descrevê-lo foram muito adequadas. [\[109\]](#)

Discutíamos, portanto; sobre Shakespeare, sobre muitíssimas coisas; e frequentemente perdíamos as estribeiras; mas uma admiração comum nos atraía. O lugar em Gray's Inn onde, ao caminhar para casa certa noite, ele me disse: “Sempre me pego a imaginar o que o homem de verde está pensando” – (de onde terá vindo isso?), e eu fiquei exultante, sabendo que isso significava que ele queria que eu dissesse algo – [desejava] minha opinião – aquela pedra de calçamento no escuro continua sendo uma de minhas ilhas não submersas. Mas como éramos reservados! Irmãos e irmãs hoje conversam bastante livremente sobre... ah, tudo. Sexo, sodomia, menstruação, e por aí vai. Nunca conversávamos muito nem sobre nós mesmos; não recordo de nenhuma confidência, nenhum elogio; nenhum beijo; nenhuma autoanálise dele ou minha. Quanto à sexualidade, ele passou da infância para a adolescência, e da adolescência para a idade adulta embaixo dos nossos olhos, na nossa presença, sem dizer uma única palavra que pudesse revelar o que ele estava sentindo. Teriam outros garotos se apaixonado por ele? Ele não se apaixonara por eles, isso era certo. Por Clive vim a saber mais tarde (quando conversávamos sobre tudo) que a sodomia de Lytton fazia parte do estoque de piadas de Thoby; um dos absurdos risíveis e ilógicos “do Strache”. [\[110\]](#) No entanto, por baixo desse silêncio – que podia ser mantido sereno e doce, ou podia ganhar profundidade e seriedade, um poder emocional e uma qualidade que a fala destrói – residia, era a minha impressão, uma grande

suscetibilidade, uma grande sensibilidade, um grande orgulho de nós, cujas fotos estavam sempre sobre a lareira de seu quarto em Cambridge. E todos os desejos que o teriam transformado em um amante, em um marido, em um pai. Seus amores já estavam distintamente traçados, ainda que tão submersos – houve uma amante rondando em Cambridge, trazida à tona por Gerald, que encontrou sua fotografia? E depois, é claro, Elena; e então Irene. Mas, novamente, que cerimoniosa, que formal, era a sua abordagem das mulheres que amava. Quão extremamente contido em suas palavras; no entanto, quão aparente em seu estremecimento, sem palavras. Essa deve ter sido sua vida íntima. Publicamente, ele teria sido, tivesse ele sido entronizado, um juiz, com certeza. O senhor juiz Stephen é o que seria hoje; com diversos livros publicados; um ou dois sobre legislação; alguns ensaios expondo disparates; quem sabe um livro sobre pássaros, ilustrado por ele mesmo. A essa altura, aos 60 anos de idade, ele seria uma figura distinta; mas não proeminente; pois era melancólico demais, independente demais, inconformista demais, para aceitar qualquer molde pré-fabricado. Seria mais um personagem que um homem de sucesso, imagino; tivesse ele sido entronizado.

O badalar dessas palavras afeta a minha memória de um tempo em que, na verdade, elas não seriam ouvidas. Não poderíamos prever que ele morreria quando tinha 26 anos e eu 24. Essa é uma das falsificações – o badalar que constantemente escuto e transmito – contra a qual não podemos nos proteger, exceto reconhecendo-a. Seja como for, eu não o enxergava como o enxergo agora, com toda a sua promessa extinta. Naquela época eu enxergava apenas o momento; ele ali no quarto, recém-chegado de Clifton, ou de Cambridge, vindo discutir comigo. Era um momento empolgante, não importa a data que eu lhe dê, em que nós dois abríamos passagem pelas névoas da infância e víamos o outro emergindo, e sentíamos novas qualidades, ele em si mesmo, eu em mim mesma; e os dois um no outro. Eram tempos de descoberta. Tempos entusiasmantes, quer os chamássemos de felizes ou infelizes, ou agitados. No lado exterior, recordo quando descobri que ele ficava

surpreendentemente belo no seu novo terno da J. Hills de sarja azul. Foi em outubro de 1899, quando ele começou a estudar em Cambridge. No verão em Warboys, descobri que ele fumava cachimbo. Nunca o tirava da boca. Depois, termo após termo, descobri Bell, “o Strache” e Sydney-Turner. [\[111\]](#) Mas estou correndo demais à frente de mim mesma em Hyde Park Gate. Voltarei ao ano em que Stella morreu – 1897.

Eu poderia resumir tudo em uma cena. Sempre vejo, quando penso nos meses que se seguiram à morte dela, um arbusto sem folhas, o esqueleto de um arbusto no escuro de uma noite de verão. Essa arvorezinha bem desenhada e cheia de ramos está em frente a uma casa de jardim. Estou lá dentro, com Jack Hills. Ele segura minha mão entre as dele. Aperta a minha mão. Lamenta: “Isso rasga alguém por dentro...”. Aferrava-se à minha mão para tornar seu sofrimento suportável, tal como as mulheres em trabalho de parto se aferram a um lençol. “Mas não há como você possa entender”, ele interrompeu. “Sim, eu posso”, murmurei. Inconscientemente, eu sabia que ele queria dizer que seus desejos sexuais o rasgavam por dentro; sabia que ele sentia aquilo ao mesmo tempo que o sofrimento pela morte de Stella. Ambos o torturavam. E a árvore lá fora no verão de agosto, semi-iluminada, me oferecia, enquanto ele se lamentava, um símbolo da sua agonia; da nossa agonia estéril; ela resumia tudo aquilo. Até hoje aquela árvore sem folhas é para mim o emblema, o símbolo, daqueles meses de verão.

Ele vinha todos os fins de semana à casa que tínhamos em Painswick. Todas as noites eu ou Vanessa saíamos sozinhas com ele após o jantar. Todos os dias ele escrevia para uma ou para a outra. Suportamos o fardo da sua angústia. Ele estava em agonia. “Pobre rapaz, está péssimo”, meu pai murmurou em voz alta certa vez. E Jack, ouvindo aquilo, gaguejou alguma frase estranha para disfarçar, para que ele não dissesse mais nada. Parecia angustiado; e ao mesmo tempo obstinado; todo vestido de preto como carvão. George, Gerald e Jack usavam preto da cabeça aos pés. A árvore sem folhas e a mão de Jack agarrada ao meu pulso: ambas voltam a mim quando penso naquele verão.

A árvore sem folhas esteve por detrás de nossas vidas ostensivas durante muitos meses. Mas as árvores não permanecem sem folhas. Nelas começam a crescer brotinhos vermelhos. Com essa imagem eu expressava a tristeza, as discussões, as irritações, semi encobertas, depois jorradas, as insinuações, que, tão logo a vida familiar foi retomada, começaram a provar que a morte de Stella não nos tinha unido ainda mais, como insistia meu pai; mas nos deixara desajustados, aprofundando dolorosamente as relações que a morte dela distorcera.

Outra cena no jardim – desta vez em Fritham – me vem à lembrança. George me tomara pelo braço. Lá dentro, papai jogava seu uíste noturno com os demais. George havia me chamado e me levava a passear pelo jardim. Não consigo recordar nenhuma frase exatamente. Um som murmurante retorna a mim; a pressão de George em minha mão; então consegui entender, de modo bastante emocional e ambíguo, em meio a muitas palavras como “querida cabritinha”, “velha companhia” e por aí afora, que ele dizia que as pessoas estavam comentando que Vanessa tinha se apaixonado por Jack; e que isso era ilícito, isto é, o casamento dos dois. Será que eu poderia conversar com ela, persuadi-la? Foi uma conversa noturna borrada, com a ressonância dos acordes emocionais habituais, e eu me senti lisonjeada, talvez tenha me sentido importante, e devo ter prometido que diria o que quer que ele quisesse. O quê? Não lembro o que eu disse, apenas a resposta de Vanessa e sua amargura: “Então você também está do lado deles”.

Então me dei conta de que ela tinha o lado dela; e, se este era o caso, obviamente eu estava do lado dela. Toda confusa, de imediato saí vacilante do lado de George e fui para o dela. Mas minha vagueza e confusão demonstram como eu sabia muito pouco do estado das coisas. Eu não havia sido chamada antes que George tentasse outras medidas – por exemplo, conforme me contou Nessa mais tarde, ele havia ido conversar com meu pai. E meu pai, com aquela espinha dorsal de intelecto que teria feito dele, caso tivéssemos vivido o bastante para nos sentir à vontade com meu pai, tão confiável em relacionamentos sérios,

dissera simplesmente: ela que faça o que desejar; ele não iria interferir. Era isso o que eu admirava nele; sua dignidade e sua sensatez nos assuntos importantes, encobertos com tanta frequência por suas irritações, vaidades e egoísmos.

Essas cenas, aliás, não são de todo um recurso literário – um meio de resumir e amarrar os inumeráveis fiozinhos soltos. Sim, havia inumeráveis fiozinhos soltos; se eu parasse para desemaranhá-los, conseguiria reunir um bom número deles. Mas, seja qual for a razão, considero que criar cenas é minha maneira natural de demarcar o passado. Uma cena sempre sobe à superfície, organizada, representativa. Isso confirma a minha noção intuitiva – é irracional; não sustenta argumentação – de que somos embarcações seladas vagando sobre o que se convencionou chamar de realidade. Em alguns momentos, sem motivo, sem esforço, a matéria selante racha; a realidade inunda; isso é uma cena – pois elas não sobreviveriam inteiras durante tantos anos corrosivos, a menos que fossem feitas de algo comparativamente permanente; essa é uma prova da sua “realidade”. Tal suscetibilidade minha para captar cenas se encontraria na origem do meu impulso de escrever? São questões sobre realidade, sobre cenas e sua conexão com a escrita, para as quais eu não tenho resposta, nem tampouco tempo para trabalhar a questão com mais cuidado. Talvez, se eu revisar e reescrever isto como tenciono fazer, consiga tornar a questão mais exata, e extrair algo que sirva de resposta. Evidentemente desenvolvi essa faculdade, pois em tudo o que escrevi (romances, crítica, biografia) quase sempre preciso encontrar uma cena. Quando estou escrevendo sobre uma pessoa, preciso encontrar uma cena representativa em sua vida. Se estou escrevendo sobre algum livro, preciso encontrar a cena em seus poemas ou narrativa. Ou não se trata então da mesma qualidade?

De modo que esse foi um dos brotinhos vermelhos, ou espinhos, no esqueleto da árvore. Vanessa estava apaixonada por Jack; Jack a absorvia de modo egoísta; as pessoas comentavam; e George e Gerald (de modo menos intenso) eriçavam suas penas. Esse é um dos aspectos da morte que é

desconsiderado quando as pessoas falam – tal como meu pai falava – na mensagem ou no ensinamento da dor. Elas nunca mencionam sua face indecorosa, seu legado de amargura, de irritação, de desajuste; e o que para mim é o pior de tudo: seu tédio.

* * *

(15 de novembro de 1940) Nunca falávamos, durante aqueles anos infelizes, de tais cenas. (As cenas, observo, muito raramente ilustram minha relação com Vanessa; ela é profunda demais para “cenas”.) Imagino que Thoby nunca sequer suspeitou da existência delas. Provavelmente teve uma vaga noção de que alguma coisa, nas palavras dele, estava “acontecendo” entre Jack e Vanessa. Mas sua atitude geral era alheia e julgadora – não era ele um homem? E os homens não ignoravam as pequenezas domésticas? De sua posição remota, como garoto de escola, como estudante universitário, ele acreditava de modo geral que deveríamos aceitar nosso fardo. Se George desejava que fôssemos a festas, ora, por que não? Se papai – que não era, ele me disse certa vez, um espécime masculino normal – desejava que caminhássemos, era o que deveríamos fazer. Certa vez em Salisbury, quando os Fisher eram nossos vizinhos, Vanessa, que os detestava – especialmente tia Mary, que interferira maliciosamente escrevendo cartas às escondidas para o estúdio de Cope [[112](#)] criticando o comportamento dela em relação a George e Jack... Quando Vanessa recusou-se a visitá-los e deixou de cumprimentá-los na rua, Thoby professou um de seus raros julgamentos admiráveis. Ele disse, asperamente, que não era certo tratar tia Mary daquela maneira.

Foi assim que veio a público que eu e Vanessa formávamos uma conspiração. Naquele mundo de muitos homens, que iam e vinham, naquela grande casa de inúmeros quartos, nós duas formávamos nosso núcleo privado. Eu o imagino como um pequenino centro sensível de vida intensa; de empatia instantânea, no interior da grande concha ecoante de Hyde Park Gate. A concha permanecia vazia o dia inteiro. À tardinha

todos retornavam; Adrian de Westminster; Jack de Lincoln's Inn Fields; Gerald de Dents; George do correio ou do Tesouro; até o fogo, a mesa do chá, que Nessa e eu presidíamos. Passávamos o básico do dia (após o trabalho da manhã) juntas. Juntas moldávamos nossa própria perspectiva, e a partir dela observávamos um mundo que nos parecia, às duas, o mesmo. Pouco depois da morte de Stella nós nos demos conta de que deveríamos fincar os pés em alguma posição naquele redemoinho desnorteante, frustrante. Todos os dias, lutávamos por aquilo que estava sempre sendo arrancado, ou distorcido, de nós. O obstáculo mais iminente, a pedra mais opressiva posta sobre nossa vitalidade e nossa luta para viver era, logicamente, nosso pai. Imagino que quase nunca se passava um dia da semana sem o nosso planejamento conjunto: por acaso ele estaria fora de casa quando Kitty Maxse ou Katie Thynne viessem? Devo passar a tarde caminhando em Kensington Gardens? O velho Mr. Bryce virá para o chá? Poderíamos levar nossas amigas diretamente para o escritório – ou seja, para o quarto das crianças? Seria possível evitar ir a Brighton na Páscoa? E assim por diante – dia após dia, tentávamos retirar a pressão do tremendo obstáculo que ele representava. E durante a semana inteira ruminávamos o horror, o terror recorrente da quarta-feira. Naquele dia, os livros semanais da contabilidade eram entregues a ele. De manhã cedo já sabíamos se estávamos acima ou abaixo da marca perigosa – onze libras, se bem me lembro. [\[113 \]](#) Numa quarta-feira ruim almoçávamos na expectativa da tortura. Os livros contábeis eram apresentados logo após o almoço. Ele punha os óculos. Depois lia os números. Então seu punho descia sobre o livro contábil. Suas veias inchavam; seu rosto se avermelhava. Então vinha um rugido inarticulado. Então ele berrava: “Estou falido”. Então batia no peito. Então se lançava a uma dramatização extraordinária de autocomiseração, horror e raiva. Vanessa ficava ao lado dele em silêncio. Ele a criticava com reprimendas, ofensas. “Não tem pena de mim? Aí fica você como uma pedra” e coisas do gênero. Ela permanecia absolutamente em silêncio. Ele atirava nela todas as frases sobre matar o Niagara, sobre a miséria dele,

sobre a extravagância dela, que lhe viessem à mão. Ainda assim ela permanecia estática. Então ele adotava outra atitude. Com um lamento profundo apanhava a caneta, e com mãos ostensivamente trêmulas, preenchia o cheque. Lentamente, com muitos lamentos, a caneta e o livro contábil eram guardados. Então ele afundava em sua cadeira; e ficava ali sentado, espetacularmente, com a cabeça em seu peito. E então, farto daquilo, apanhava algum livro; lia por algum tempo; e a seguir dizia meio melancolicamente, apelativamente (pois desgostava que eu presenciasse aquelas explosões): “O que você vai fazer esta tarde, Jinny?”. Eu ficava sem fala. Jamais senti tanta raiva ou tanta frustração. Pois nenhuma palavra poderia expressar o que eu sentia – aquele ódio incontido dele e a pena de Nessa.

Isso, na medida em que consigo descrevê-lo, é, sem nenhum exagero, um relato de uma quarta-feira ruim. E as quartas-feiras ruins sempre pendiam sobre nossas cabeças. Ainda hoje não consigo encontrar outro modo de expressar o comportamento dele a não ser dizendo que era brutal. Se, em vez de palavras, ele usasse um chicote, a brutalidade não poderia ter sido maior. Como explicar isso? A vida dele explica algumas coisas. Ele fora mimado, desde o momento em que quebrou um vaso de flores e atirou os cacos em sua mãe (não sei o que é verdadeiro nessa história, mas era mais ou menos assim que se contava). A delicadeza dos nervos era a desculpa, na época. Logo veio a lenda do “gênio”, à qual já me referi. Primeiro a irmã dele, Carry, em seguida Minny, e depois minha mãe, ao aceitarem a lenda e resignarem-se, aumentaram a carga uma para a outra. Apesar disso há que se fazer acréscimos e considerações. Em primeiro lugar, é digno de nota que ele nunca se permitia representar tais cenas diante de homens. Fred Maitland, portanto, recusou-se resolutamente a acreditar nelas, apesar de Carry haver tentado insinuar que os humores de Leslie eram algo mais do que o que ele chamara (em sua biografia) de chuvas de faíscas coloridas. Se Thoby tivesse sido encarregado de apresentar os livros de contabilidade, ou George, as explosões teriam sido refreadas. Por que, então, ele não sentia vergonha de exibir sua raiva

diante das mulheres? Em parte, é claro, porque na época as mulheres eram (apesar de banhadas com uma superfície angelical) escravas. Porém isso não explica o elemento histriônico daquelas exhibições; os golpes no próprio peito; os lamentos; a dramatização. Sua dependência em relação às mulheres ajuda a explicá-lo. Ele sempre precisava de alguma mulher diante da qual encenar; que o compreendesse, que o consolasse (“Ele é um desses homens que não conseguem viver sem a gente”, sussurrou tia Mary para mim certa vez. “E é muito bom para nós que seja assim.” Descendo as escadas de braços dados com ela, reservei aquele comentário para análise futura.) Por que precisava delas? Porque tinha consciência de seu fracasso como filósofo. Aquele fracasso o roía por dentro. Mas seu credo, isto é, a atitude adotada por ele em suas relações sociais, fazia com que ele escondesse sua necessidade de ser elogiado; de modo que, para Fred Maitland e Herbert Fisher, ele parecia cabalmente autodepreciativo, modesto e absurdamente humilde. Conosco ele era exigente, ávido e despudorado [\[114\]](#) em sua necessidade de elogio. Portanto, se combinarmos tais supressões e necessidades, parece possível que a razão da sua brutalidade para com Vanessa era uma necessidade ilícita [\[115\]](#) de compaixão, desencadeada e estimulada pelas mulheres; e a recusa de Nessa de aceitar seu papel, parte escrava e parte anjo, o exaltava; represava o fluxo de autocomiseração que se tornara necessário para ele e despertava instintos dos quais ele era inconsciente. No entanto, também o envergonhava. “Você deve pensar que sou...”, ele me disse depois de uma daquelas explosões – creio que a palavra que usou foi “tolo”. Fiquei em silêncio. Eu não o considerava tolo. Eu o considerava brutal.

Se alguém tivesse lhe dito, simples e diretamente: “Você é um bruto por tratar uma garota assim...”, o que ele teria dito? Não consigo imaginar que essas palavras teriam significado alguma coisa para meu pai. A razão dessa inconsciência completa de seu próprio comportamento se encontra na disparidade, tão óbvia em seus livros, entre sua capacidade crítica e sua capacidade criativa. Se lhe dessem um conceito para analisar, um conceito, digamos, de Mill ou Bentham ou Hobbes, ele seria

(assim me disse Maynard) [\[116\]](#) um modelo de precisão, clareza e imparcialidade. Se lhe dessem um personagem para explicar, ele seria (para mim) tão raso, tão elementar, tão convencional, que uma criança com uma caixa de giz conseguiria fazer um retrato muito mais sutil. Para explicar isso, seria necessário discutir o efeito incapacitante de Cambridge e de sua formação unilateral. Seria preciso em seguida discutir a profissão de escritor no século XIX e as mutilações causadas pelo trabalho cerebral intenso. Ele jamais usava as mãos. [\[117\]](#) E seria preciso mostrar o efeito dessas duas influências sobre uma natureza já naturalmente alheia à música e à arte, e criada de modo puritano. [\[118\]](#) Tudo isso deveria ser levado em conta, bem como seu efeito em intensificar certas sensibilidades e atrofiar outras.

O fato é que aos 65 anos de idade ele era um homem em uma prisão, isolado. Havia ignorado ou disfarçado de tal maneira seus próprios sentimentos que ele não tinha ideia de quem era; nem ideia de quem os outros eram. Daí o horror e o terror daquelas violentas explosões de raiva. Nelas havia qualquer coisa de cego, de animalesco, de selvagem. Roger Fry disse que civilização significa consciência; ele era incivilizado em sua extrema inconsciência. Não percebia o que fazia. Ninguém era capaz de iluminá-lo. No entanto, sofria. De dentro das paredes de sua prisão, experimentava momentos de consciência.

Disso tudo eu extraí uma concepção obstinada e duradoura: que não existe nada a se temer tanto quanto a egolatria. Nada fere tão cruelmente a própria pessoa; nada machuca tanto os que são forçados a ter contato com ela.

Mas, com a distância do tempo, também vejo o que não conseguíamos enxergar então – o golfo entre nós, talhado pela diferença de idade. Duas idades diferentes se confrontavam na sala de estar em Hyde Park Gate: a idade vitoriana e a idade eduardiana. Nós não éramos suas filhas, éramos suas netas. Deveria ter existido outra geração no meio para amortecer o atrito. Por esse motivo nós percebíamos tão agudamente, quando ele explodia, que seu comportamento era de certo modo ridículo. Nós o olhávamos com olhos que miravam o futuro. O que víamos era algo tão óbvio hoje para qualquer rapaz ou moça

de 16 ou 18 anos que mal se pode descrever. Mas embora mirássemos o futuro, estávamos completamente esmagadas pela força do passado. Exploradoras e revolucionárias que éramos por natureza, vivíamos sob a marcha de uma sociedade que era uns 50 anos demasiado velha para nós. Era esse fato curioso que tornava nosso embate tão amargo e tão violento. Pois a sociedade em que vivíamos ainda era a sociedade vitoriana. Papai em si era um típico vitoriano. George e Gerald eram vitorianos que consentiam e aprovavam aquele modo de viver. De modo que tínhamos duas batalhas para travar; duas lutas para lutar; uma com eles enquanto indivíduos; e outra com eles como representantes da sociedade. Vivíamos, digamos, em 1910; eles viviam em 1860.

Hyde Park Gate em 1900 era um modelo perfeito de sociedade vitoriana. Se eu tivesse o poder de destacar do passado um único dia como o vivíamos em 1900, ele ofereceria um recorte da vida vitoriana da classe média alta, como uma dessas caixas com tampas de vidro em que se veem abelhas e formigas realizando suas tarefas. Nosso dia começava com um café da manhã em família, por volta das 8h30. Adrian embrulhava o seu e quem de nós, Vanessa ou eu, estivesse lá embaixo, despedia-se dele. De pé na porta de entrada, acenávamos até que ele desaparecesse atrás do muro saliente da casa dos Martins. Aquela mão acenando era uma relíquia deixada por Stella para nós – um agitar da mão morta que jazia sob a superfície da vida familiar. Meu pai tomava seu café da manhã suspirando e soltando muxoxos. Se não houvesse correspondência – “Todos me esqueceram”, exclamaria. Um envelope comprido da Barkers significaria, claro, um rugido repentino. George e Gerald viriam depois. Vanessa desaparecia por detrás da cortina com âncora dourada. Depois de dar ordens para o jantar, saía correndo para tomar o ônibus vermelho que a levaria até a Academia. Se os horários de Gerald coincidissem, ele lhe daria uma carona em seu cabriolé diário, geralmente o mesmo; no verão o cocheiro levava um cravo vermelho. George, depois de comer com mais calma, às vezes me convencia a sentar na cadeira de três pontas e me contava trechos das fofocas da festa

da noite anterior. Depois me dava um beijo, abotoava a sobrecasaca, alisava a cartola com a luva de veludo e desaparecia, belo, airoso, com as meias caneladas e os sapatos pequeninos e bem lustrados, a caminho do Tesouro.

Deixada sozinha naquela grande casa, com papai trancado em seu gabinete no alto, Lizzie polindo os corrimões de metal das escadas, outra criada arrumando os quartos, Shag dormindo em seu tapete, enquanto Sophie, imagino, ia para a porta dos fundos receber os cortes de carne, o leite e os legumes dos comerciantes em suas carretas, eu subia até meu quarto. Abria meu Liddell & Scott sobre a mesa, e me acomodava para ler Platão, ou preparar um texto sobre alguma cena de Eurípedes ou Sófocles para Clara Pater ou Janet Case. [\[119\]](#)

Das dez à uma a sociedade vitoriana não exercia nenhuma pressão especial sobre nós. Vanessa, sob o olhar de Val Prinsep [\[120\]](#) ou de Mr. Oules, [\[121\]](#) ou de quando em vez do grande sargento em pessoa, fazia aqueles desenhos detalhados de estátuas gregas que ela trazia para casa e fixava com um spray de cheiro estranho; ou pintava a óleo um modelo masculino histriônico um tanto parecido com Sir Henry Irving. Eu lia e escrevia. Durante três horas vivíamos no mundo que ainda habitamos. Pois neste momento (novembro de 1940), ela está pintando em Charleston, e eu estou escrevendo aqui, em meu quarto no jardim de Monk's House. Nem os nossos vestidos poderiam ser muito diferentes; as saias um pouco mais curtas, quem sabe. Meu cabelo não muito mais desarrumado naquela época que agora; e Vanessa de bata de trabalho de algodão azul, como sem dúvida está neste momento.

A sociedade vitoriana começava a exercer sua pressão por volta das quatro e meia. Em primeiro lugar, precisávamos estar em casa – uma com certeza, as duas de preferência. Pois às cinco era preciso servir o chá de meu pai. E tínhamos de estar arrumadas e em nossos lugares, ela à mesa do chá, eu no sofá, pois Mrs. Green viria; ou Mrs. Humphrey Ward; se não viesse ninguém, era igualmente necessário que estivéssemos ali, pois meu pai não podia servir-se ele mesmo o chá na sociedade daqueles tempos.

A pressão da sociedade tornava-se mais aparente assim que tocava a campainha e Lizzie, também vestida com seu vestido preto de avental branco da tarde, anunciava a visita. Pois nesse mesmo instante nos tornávamos jovens damas detentoras de certas maneiras. Ainda detemos essas maneiras. Nós as aprendemos em parte por recordar as maneiras de mamãe, as de Stella, e em parte elas nos eram impostas pela visita que chegava. Porque o modo como um rapaz – digamos, Ronny Norman [\[122\]](#) – se dirigia às jovens damas era marcado. As visitas daquele dia eram, suponhamos, Ronny Norman, Eveline Godley, Elsa Bell e Florence Bishop. Nós é que primeiro precisávamos entabular conversa. Não seria uma discussão, nem uma fofoca. Seria um jogo, uma criação; leve, cerimoniosa; e obviamente ininterrupta. O silêncio era uma quebra da convenção. No momento exato, uma de nós apanharia a trombeta acústica de papai e lhe transmitiríamos o trecho mais adequado da conversa. E então, se conseguíssemos encontrar uma maneira, a trombeta era passada habilmente para Florence Bishop. E nosso jogo recomeçava, com Ronny Norman. Ele comentava qualquer coisa sobre uma peça tremendamente alegre, ou um quadro tremendamente alegre. Comentários leves sobre amigos eram permitidos. Elsa Bell, para recordar uma frase exata, dizia à sua maneira de dama da alta sociedade: “Meus irmãos sempre tiram o chapéu quando me encontram na rua”. Seguia-se uma leve discussão sobre os irmãos e suas maneiras. Naquele ponto meu pai, gemendo, interviria. [\[123\]](#)

[... Meu pai se mostrava irritado: Florence Bishop também, e [retiraria] sua observação infeliz – que o aspecto dele era bom. Ronny Norman perguntava a ele se acaso se recordava de Mill. Meu pai se levantava – porque gostava de Ronny Norman – e contava como tinha conhecido Mill com seu pai no Chelsea. [\[124\]](#)] “Oh, meu caro, essas velhas histórias...”, diria ele. Bem, a conversa tinha suas pequenas inclinações e quedas d’água – seus perigos: mas dava-se mais ou menos assim; e o todo era encerrado nas maneiras vitorianas. Pode ter sido natural para Ronny Norman, para Eveline Godley, para Miss Bishop, mas não era natural para Vanessa ou para mim. Nós as aprendemos.

Aprendemos em parte de memória; e minha mãe tinha aquelas maneiras: foi imposta sobre nós em parte pelo outro lado – se Ronny Norman disse isso, tínhamos de responder no mesmo estilo. Ninguém jamais quebrava as convenções. Se você escutasse aquilo, como eu, perceberia que era como assistir a um jogo. Era preciso conhecer as regras.]

Nós duas aprendemos as regras do jogo da sociedade vitoriana de maneira tão absoluta que jamais as esquecemos. Ainda jogamos esse jogo. É útil. Também tem a sua beleza, pois foi fundado na contenção, na compaixão, no altruísmo – todas essas qualidades civilizadas. É útil ao efeito de transformar um conjunto de coisas díspares e não refinadas em algo decente. O major Gardner, Mrs. Chavasse e Mr. Dutton precisam de certa reflexão para serem transformados em um conjunto agradável. Mas as maneiras vitorianas talvez representem – não tenho certeza – uma desvantagem para escrever. Quando leio meus antigos artigos para o *Literary Supplement*, [\[125\]](#) culpo meu treinamento na mesa do chá pela suavidade, pela cortesia, pela abordagem indireta do tema. Vejo a mim mesma não resenhando um livro, mas oferecendo pratos de pãezinhos a rapazes tímidos e perguntando-lhes: aceitam creme ou açúcar? Por outro lado, as maneiras superficiais permitem, como vim a descobrir, inserir coisas que seriam inaudíveis se alguém as dissesse em alto e bom som.

A sociedade – a sociedade vitoriana de classe média alta – vinha à vida quando as luzes se acendiam. Por volta das sete e meia a pressão da máquina era categórica. Às sete e meia subíamos para nos vestir. Por mais frio ou névoa que fizesse, tirávamos nossas roupas diurnas e nos postávamos, tremendo, diante das bacias. Cada bacia tinha sua caneca de água quente. O pescoço e os braços deviam ser esfregados, pois teríamos de entrar na sala de estar às oito com vestido de noite, de braços e colo de fora. Às sete e meia os vestidos e o penteado superavam a pintura e a gramática grega. Eu me punha diante do espelho Chippendale de George tentando me tornar não arrumada, mas apresentável. Com uma mesada de cinquenta libras era difícil até mesmo para as habilidosas, e eu não tinha nenhuma

habilidade no assunto, estar bem-vestida à noite. Um vestido caseiro de Jane Bride podia custar uma ou duas libras, mas um vestido de festa, feito por Mrs. Young, custava 15 guinéus. Desse modo, o vestido caseiro podia ser confeccionado de forma barata, mas excêntrica, de tecido verde comprado na loja de móveis Story's, tal como em certa noite que me vem à memória. Não era veludo, nem pelúcia, mas algo a meio caminho entre uma coisa e outra, feito presumivelmente para cadeiras, não para vestidos. E pelas escadas descí numa noite de inverno por volta de 1900 com meu vestido verde; apreensiva e, no entanto, eufórica, pois um vestido novo excita até a mais desqualificada. Todas as luzes estavam acesas na sala de estar; e, sentado perto da lareira, George, com seu paletó de gala e gravata preta, acariciava o dachshund, Schuster, sobre o seu joelho. Ele imediatamente fixou em mim aquele olhar de extraordinário escrutínio com que sempre inspecionava as nossas roupas. Olhou-me de alto a baixo por um instante como se eu fosse um cavalo trazido para a arena. Então sua expressão se fechou, numa expressão que transmitia não apenas desagrado estético, mas algo mais profundo. Era uma expressão de desaprovação moral, social, como se ele tivesse farejado algum tipo de insurreição, de desafio a suas normas sociais. Percebi que estava sendo condenada de muito mais pontos de vista do que eu então seria capaz de analisar. Enquanto eu estava ali, de pé, tive consciência do medo, da vergonha, de algo semelhante a angústia – uma sensação, como tantas outras, totalmente desproporcionada com sua causa superficial. Por fim ele disse: “Saia e rasgue isso”. Falou com uma voz curiosamente áspera, rouca e rabugenta; a voz do macho enfurecido; a voz que expressava seu grave desprazer diante da infração ao código que para ele significava muito mais do que seria capaz de admitir.

George aceitava a sociedade vitoriana de modo tão implícito que para um arqueólogo ele teria sido um objeto fascinante. Tal como um fóssil, ele havia assumido cada ruga e sulco das convenções da classe média alta entre 1870 e 1900. Presume-se que era feito do material certo. Sem dúvida encaixava-se no

molde com fluidez, sem estragar o padrão. Se é verdade que meu pai havia gravado nele certas marcas gerais daquela época – a crença de que as mulheres deviam ser puras e os homens, másculos; o ódio aos palavrões – “Maldição!”, Gerald disse certa vez, e atirou as mãos para cima em protesto, quando Rezia Corsini fumou um cigarro após o chá, “Não permitirei que minha sala de estar seja transformada em um bar!”, exclamou –, ele suavizava os detalhezinhos do código vitoriano com seu intelecto admirável, com seu respeito à razão: ninguém era menos esnobe do que ele, ninguém se importava menos com a hierarquia ou o luxo. De modo que, se meu pai gravou as linhas gerais da época sobre ele, George as preencheu com um ziguezague, com minúsculas linhas finas repletas dos mais mínimos detalhes. Fóssil mais perfeito da era vitoriana não poderia haver. E assim, enquanto meu pai preservou a estrutura de 1860, George preencheu essa estrutura com toda espécie de mínimos dentezinhos de serra; e a máquina na qual nossos corpos rebeldes foram inseridos em 1900 não apenas nos prendia em sua estrutura, como também nos mordida com inúmeros dentes afiados.

Mas de que material George era feito de modo a ter aceitado o modelo tão completamente? Em primeiro lugar, ele quase não tinha cérebro; em segundo, tinha uma abundância de sentimentos. Suas paixões físicas eram intensas. Essa mistura foi vertida em um recipiente físico perfeitamente adaptado. Ele era, do ponto de vista convencional, tão belo quanto um homem pode ser. Tinha exatamente um metro e oitenta; era bem proporcionado e, como diziam as velhas senhoras, bem formado em todos os aspectos. Seus olhos eram pequenos demais e estúpidos demais para apreenderem essa grande estrutura. Ele ganhava mais de mil libras por ano de rendimentos imerecidos. Podia comprar sobrecasacas, chapéus, sapatos, gravatas, armas, bicicletas, de acordo com a necessidade da ocasião. Assim provido e equipado, a alta sociedade o recebia de braços abertos. Nunca deve ter encontrado oposição em Eton, em Cambridge ou em Londres. E não oferecia nenhuma. Não tinha nenhum instinto, nenhuma

capacidade de aventurar-se mais além dos salões da classe média alta. Nunca foi objeto de reprovação ou crítica, pois nunca se pôs em nenhuma situação em que pudesse ser alvo de crítica. Qualquer desafio, portanto, era-lhe não familiar; e meu vestido verde fez disparar nele mil sininhos de alarme. Era extremo; era artístico; não era o que as pessoas de bem consideravam bonito. Seria essa a fórmula, disse ele a si mesmo, quando me viu entrar na sala? Sentiria ele também que aquilo ameaçava algo em si mesmo? Estaria eu de alguma maneira lançando uma sombra em seu mundo, apontando um dedo desdenhoso para ele? Não sei. Gerald, recordo, veio falar comigo de bom humor. “Não estou de acordo”, disse ele. “Gosto de você com aquele vestido.” Para meu descrédito, nunca mais o usei na frente de George. Eu me ajoelhei diante da sua autoridade. [\[126\]](#)

É bem verdade que George tinha 36 anos quando eu tinha 20. E ganhava mil libras por ano, enquanto eu ganhava cinquenta. Eis boas razões para explicar por que eu me curvava diante de qualquer coisa que ele decretasse. Porém havia outro elemento em nosso relacionamento. Além de sua idade e seu poder, também senti o que vim a chamar de sentimento do marginal. [\[127\]](#) Eu senti o que sente um cigano ou uma criança de pé junto à entrada de uma tenda de circo, vendo que o espetáculo está acontecendo lá dentro. De pé na sala de estar em Hyde Park Gate, eu via a alta sociedade a todo vapor. Via George como um acrobata saltando de aro em aro. Via-o, talvez com medo, talvez com admiração. A sociedade patriarcal da era vitoriana encontrava-se a todo vapor em nossa sala de estar. Ela se compunha, claro, de muitas partes distintas. Vanessa e eu não éramos convocadas para participar de alguns desses atos. Só nos exigiam que admirássemos e aplaudíssemos enquanto nossos convidados do sexo masculino se movimentavam pelas diferentes posições do jogo intelectual. Eles o jogavam com grande habilidade. A maioria deles era versada nesse jogo. Conheciam as regras, e davam enorme importância aos que o venciam. Meu pai, por exemplo, emprestava um peso imenso aos boletins da escola, às bolsas de estudo, aos exames finais de Cambridge, a chegar a ser membro das sociedades acadêmicas.

Os Fisher homens passavam com perfeição por todos aqueles aros. Ganhavam todos os prêmios, todas as honras. O que teria sido de Herbert Fisher, eu perguntava a mim mesma, quando li a sua autobiografia outro dia, sem Winchester, o New College e o gabinete? Qual teria sido sua forma se não tivesse sido modelado e estampado por aquela imensa máquina patriarcal? Cada um de nossos parentes masculinos era atirado dentro daquela máquina aos dez anos e dela emergiam aos 60 como diretor acadêmico universitário, almirante, ministro do governo ou diretor administrativo de alguma universidade. É tão impossível pensar neles como seres humanos naturais quanto é pensar em um cavalo de carroça galopando com a crina ao vento, livre pelos pampas.

George não fora hábil para entrar na máquina intelectual. Fez tentativa atrás de tentativa para entrar no serviço diplomático, mas fracassou. Havia, contudo, a outra máquina – a máquina social. Nessa ele entrou; e aprendeu as regras do jogo tão bem e o jogou tão assiduamente que dela emergiu aos 60 com uma Lady Margaret como esposa, um título de cavaleiro com alguma espécie de sinecura, três filhos e uma casa de campo. De maneiras tão indefinidas que não consigo expressá-las, eu sentia, aos 20 anos, que George, tal como Herbert Fisher, estava saltando de aro em aro, executando os movimentos necessários. De mil maneiras, ele me dava a impressão de que acreditava na sociedade. Uma crença que é tão comumente aceita, como a dele era por todos os seus amigos, adquire profundidade, agilidade, inevitabilidade. Impressiona até mesmo o marginal com a força de sua correnteza. Às vezes, quando escuto Deus Salve o Rei, também eu me sinto ser arrastada por essa correnteza, mas quase que imediatamente penso em meu interior dividido em dois, e uma das partes critica a outra. George jamais questionou sua crença na velha melodia tocada pela alta sociedade. Punha-se de pé e tirava o chapéu. Não apenas jamais questionava seu próprio comportamento como também o aplaudia, o impunha.

Essas percepções, por mais ligeiras e transitórias que tenham sido na época, torceram de modo estranho a minha atitude em

relação a George. Eu devia obedecer, porque atrás de si ele tinha força – idade, dinheiro, tradição. Porém, mesmo enquanto eu obedecia, eu me maravilhava: como era possível que alguém acreditasse no que George acreditava? Em mim existia uma espectadora que, ao mesmo tempo em que se revoltava e obedecia, seguia observando, fazendo anotações para revisão futura. O espetáculo de George ditando leis em sua poltrona de couro de modo tão instintivo, tão confiante, fascinava-me. Sozinha em meu quarto lá em cima, escrevi um esboço do que seria provavelmente a carreira dele; que sua carreira real seguiu quase ao pé da letra. [\[128\]](#)

Mas infelizmente, embora pudéssemos, e devêssemos, nos sentar passivas aplaudindo os machos vitorianos enquanto eles passavam pelos aros intelectuais, os aros de George – seus triunfos sociais – precisavam da nossa ajuda. Aqui, sem dúvida, seus motivos eram – como na verdade eram sempre – híbridos. Naturalmente, aos 18 anos mais ou menos, tínhamos de sair acompanhadas. E naturalmente ele, uma vez que não tínhamos mãe, assumiu o lugar dela. O que se provou antinatural, no entanto, foi sua insistência de que fôssemos aonde ele desejava que fôssemos e fizéssemos o que ele desejava que fizéssemos. Aqui entrava o outro motivo: seu desejo de que compartilhássemos seus pontos de vista, de que aprovássemos suas crenças. Nem mesmo hoje consigo entender por que ele investia de tanta emoção o seu desejo. Não, e isso me intriga, mas não consigo encontrar o verdadeiro motivo. Alguma vontade crua de dominação encontrava-se ali. Certa inveja de Jack, sem dúvida. Certa vontade de levar o prêmio; e, como se tornou óbvio mais tarde, um desejo sexual. Seja como for, levar-nos para sair tornou-se uma obsessão para ele. E portanto, quando começava a temporada social londrina, várias vezes por semana subíamos para nossos quartos depois do jantar – depois que a correspondência fora entregue, que o chá fora tomado e que meu pai tivesse se recolhido em seu gabinete – e vestíamos longos vestidos de cetim, pelos quais Sally Young cobrava 15 libras, calçávamos luvas brancas compridas e sapatos de cetim, e púnhamos uma volta de pérolas ou de ametistas ao redor do

pescoço. Chamavam o cabriolé; e lá íamos nós pelas ruas de pavimento prateado, uma vez que o pavimento de madeira se convertia em prata nas noites secas de verão, até a casa onde as janelas estavam iluminadas, e havia um toldo, e quiçá um tapete vermelho, além de um grupinho de passantes que parava para admirar.

A sociedade exercia a sua pressão máxima por volta das onze horas de uma noite de junho de 1900. Recordo a sensação deslumbrante, paralisante, eufórica, quando as luzes me iluminavam enquanto eu subia as escadas, com George seguindo atrás. Ele sempre levava seu chapéu de ópera sob o braço. Apresentava-me com uma inclinação ligeira: “E esta é minha irmã, Virginia”. Conseguirei me lembrar de mais que isso – alguma palavra, alguma emoção humana? Ali, no Savoy, estava Mrs. Joseph Chamberlain, a própria imagem do encanto feminino. Estávamos indo à ópera, *O anel*, em plena luz do dia, e George, com uma falta de tato pela qual se repreendeu mais tarde – ele contabilizava os êxitos e fracassos da noite – instalou-a em frente à janela; e na época ela não estava exatamente em seu auge. Ao meu lado sentou-se Eddie Marsh, suponho agora. Naquela noite eu o chamei de Richard Marsh e o relacionei vagamente com escrever ficção. Depois de uma pausa, ele cumpriu seu dever comigo: “O que seu pai está escrevendo no momento?”. Vem então um branco. Mas visualizo meus próprios esforços de manter a conversa como um patinador novato que não sabe patinar e tenta deslizar de um lado a outro no gelo. Nos Chamberlain, eu me sentei ao lado de um rapaz gorducho bem-arrumado, talvez algum secretário particular. Conversamos sobre discursos públicos. “Nosso anfitrião”, ele me recordou, já que eu estivera denunciando a morte da oratória, “costuma ser considerado um bom orador.” E então mergulhei, e disse a ele – as palavras agora me retornam – que o esnobismo e o fazer dinheiro deviam ser causa de prisão tanto quanto o roubo e o assassinato. Mas eu havia mergulhado fundo demais; a cola prendia meus pés trêmulos. Nos degraus de um salão de baile vejo a figura romântica de Geoffrey Young, de olhos azuis, sem graça, imaculado. “Ora, mas que amável de

sua parte ter vindo!”, respondeu ele com desdém; pois então eu não havia lhe dito que odiava dançar? Em seguida ele me deixou. Na casa de Lady Sligo eu me lembro de pressionar algum rapaz bem arrumado para que me contasse como era a vida no pariato e se levavam a sério a Ordem da Jarreteira. Silêncio mais uma vez. Na casa de Lyulph Stanley fiquei à porta sem que ninguém reconhecesse minha presença. Veio Elena Rathbone [129] e bateu o último prego do caixão do fracasso ao me apresentar a uma garota, que também estava sem companhia. Logo ela descobriu, como todas as minhas companhias logo descobriam, que eu não sabia dançar. A humilhação de ficar sozinha volta até mim. Mas ao mesmo tempo recordo que a boa amiga que continua dentro de mim me apoiou; e aquela sensação de me ver diante de um espetáculo, a sensação desapaixonada e desconectada que eu estava vendo algo que seria útil mais tarde – eu era capaz de até mesmo encontrar as palavras para descrever aquela cena enquanto estava ali. Ao mesmo tempo sentia a emoção; e a estranheza. Pela primeira vez entrava-se em contato com um rapaz de colete branco e luvas; e eu também usava branco e luvas. Se era irreal, havia uma euforia naquela irrealidade. Pois quando por fim eu retornava ao meu quarto, ele parecia pequeno, desarrumado. E eu navegava as ondas daqueles sentimentos esfarelados – repetia aqueles cacos de conversa – dizia-os a mim mesma em voz alta – o que eu tinha dito – o que ele tinha dito –, e na manhã seguinte ainda estava repassando aquilo na cabeça enquanto lia meu Sófocles para Miss Case.

Nada disso é estranho; se isso houvesse sido tudo, não haveria tanto que recordar dessas festas. Elas teriam deslizado pelas nossas costas como água borbulhante. Mas tinha George. Ele nos fazia sentir que cada festa era uma prova; se fosse um sucesso, o prêmio era nosso; tínhamos deixado Lady Sligo satisfeita; estávamos lindas; tal e tal pessoa dissera que nunca vira garota mais adorável, e assim por diante. Mas se fosse um fracasso, então caía a tragédia sobre nós; despencávamos nas profundezas da sordidez; da excentricidade. A importância da festa, seja de uma maneira, seja de outra, era imensa. Mas por

quê? Essa pergunta não podia ser feita. Se, reunindo coragem, uma de nós, abrindo um daqueles envelopes rígidos contendo um cartão gravado em seu interior, dissesse: “Mas eu odeio ir a festas, por que deveria aceitar esse convite?”, imediatamente as linhas da mandíbula dele se retorceriam, e ele declararia asperamente: “Você é jovem demais para se dar ao luxo de escolher...”. Haveria silêncio. Depois, mudando de humor, abrindo os braços, ele exclamaria: “Além do mais, quero que venha. Odeio ir sozinho... querida. Diga-me que você irá”. O dever e a emoção enlameavam a correnteza. E sobre esses redemoinhos turbulentos, os fantasmas de minha mãe e de Stella presidiam. Como poderíamos lutar contra todos eles?

Daí que aos poucos tais festas, tais provas, para as quais era preciso se preparar tão cuidadosamente, converteram-se em provações. “Apenas três semanas até o final de julho”, eu diria, à medida que iam chegando os cartões. Mas antes que as três semanas chegassem ao fim, tudo seria mimos e conselhos; e quando chegava a noite, uma batalha, e Vanessa sairia com passo altivo, se derrotada, para vestir-se com o famoso vestido de veludo preto, e George, abandonado na sala de estar, caminharia de um lado para o outro; e protestaria que não poderia levá-la se ela estivesse vestida daquela maneira. E, no entanto, as outras garotas dariam os olhos para serem convidadas – seja lá onde fosse. Será que eu me dava conta, volto ao mistério, de que criticávamos a concepção dele? Seria aquilo, mais uma vez, a inveja sexual que fermentava no seu íntimo? Seja como for, essas festas produziam nele uma extraordinária gama de emoções. Ele nos censurava de modo egoísta, com estreiteza de espírito. Frases cáusticas davam pistas de seu desagrado. Reclamava com seu círculo de viúvas. Invocava a ajuda delas. [\[130 \]](#) E tinha sucesso, claro, em impressionar os que assistiam de fora. Como poderíamos resistir aos seus desejos? Não era George Duckworth maravilhoso? E, de todo modo, o que mais queríamos? A alta sociedade naqueles tempos era uma máquina cruel, perfeitamente competente, perfeitamente complacente. Uma garota não tinha chance sob suas presas. Nem tampouco outros

desejos – digamos pintar, ou escrever – poderiam ser levados a sério. Mesmo Beatrice Thynne, quando lhe contei que eu desejava ser escritora, disse de pronto: “Vou pedir a Alice para que convide você para conhecer Andrew Lang”, e quando me mostrei surpresa, pensou que eu fosse excessivamente tola.

A divisão que se dava em nossas vidas era curiosa. Lá embaixo era tudo pura convenção; em cima, puro intelecto. Mas não havia conexão entre ambos. Isso se dava, em parte, devido à surdez de meu pai, que cortara seu diálogo com a geração mais jovem de escritores. Jovens escritores, jovens pintores, jamais frequentavam Hyde Park Gate. Quando Will Rothenstein de alguma forma foi até o gabinete de meu pai, ficou aterrorizado. Leslie Stephen abriu um livro atrás do outro e apontava em silêncio, tentando, aparentemente, mostrar-lhe uns desenhos de Thackeray. No entanto, ele conservava sua própria atitude intelectual – a velha atitude de Cambridge – perfeitamente intacta. Não havia ninguém que se importasse menos com as convenções. Ninguém menos esnobe. Ninguém com maior respeito ao intelecto. Dessa maneira, eu ia da sala de estar, onde George contava algum de seus pequenos triunfos – “Mrs. Willie Grenfell convidou-me para um fim de semana em sua casa. E eu disse que, de modo geral, achava que não poderia... e ela ficou bastante surpresa...” – até o gabinete de papai lá em cima apanhar um livro. Eu o encontraria balançando-se na cadeira de balanço, cachimbo na boca. Ele desenrugava a testa lentamente, baixava à terra e se dava conta com um sorriso muito terno que eu estava ali. Levantando-se, ia até as estantes, devolvia aquele livro e me perguntava com gentileza, com bondade: “O que você achou dele?”. Talvez eu estivesse lendo Boswell; sem dúvida, estaria abrindo caminho a duras penas pelo século XVIII. Então, cheia de orgulho e estímulo, e de amor por aquele homem alheio ao mundo, muito distinto e solitário, que eu tinha alegrado com minha presença, eu voltava à sala de estar para ouvir o matraquear de George. Não havia conexão alguma. Havia profundas divisões.

Ao fundo, grandes figuras. Meredith, Henry James, Watts, Burne-Jones, Sidgwick, Haldane, Morley. Mas com elas, mais

uma vez, não tínhamos um vínculo próximo. Minhas lembranças delas são intensas; mas apenas enquanto figuras, assomando gigantescas ao longe. Ainda vejo Symond como o vi no patamar da escada de Talland House. Olhei para baixo para seu rosto amarelado cheio de rugas; e notei sua gravata – uma gravata de linha amarela em que se prendiam duas borlas de lã amarela. Recordo o som ritmado da voz de Meredith, apontando para uma flor e dizendo, “essa donzela de anáguas púrpuras”. Recordo com ainda maior clareza a cerimônia de nossas visitas aos homens ilustres. Pois meu pai e minha mãe respeitavam da mesma maneira a grandeza. E a honra e o privilégio de nossa posição imprimia-se em nós. Recordo de Meredith acrescentando rodela de limão em seu chá. Recordo de Watts comendo grandes tigelas de creme batido e um prato de carne moída. “Eu o beijei”, disse minha mãe, “antes que mergulhasse o bigode no creme.” Ele usava babados nos punhos e uma toga cinzenta. E íamos a Little Holland House sempre nas manhãs de domingo. Recordo que Lowell levava uma bolsa comprida de lã presa com dois aros; e que por entre a trama sempre escapava uma moeda de seis pence. Recordo o grunhido de Meredith; e as hesitações e esboços com que Henry James fazia a sala de estar parecer mais rica e sombria. A grandeza ainda me parece um bem positivo; retumbante; excêntrico; apartado; algo a que sou conduzida obedientemente pelos meus pais. É uma presença corpórea, não tem nada que ver com o que é dito. Existe em certas pessoas. Mas agora já não existe. Não me recordo de ter sentido a grandeza desde meus tempos de menina. [\[131\]](#)

[Ali estavam, à margem da sala de estar, esses grandes homens: enquanto, em torno da mesa do chá, George, Gerald e Jack conversavam sobre os correios, a editora e os tribunais. E eu, sentada à mesa, de maneira alguma conseguia estabelecer uma relação. Estavam ali mundos tão distintos: porém distantes de mim. Eu não conseguia lhes emprestar coerência; nem me sentir em contato com eles. E passei muitas horas de minha juventude comparando-os, inquieta. Sem dúvida, a distração e as diferenças foram úteis; enquanto instrumento educativo, enquanto meio de revelar os contrastes. Pois, tão logo me

sentava para estudar um texto grego, eu era interrompida para escutar os argumentos de George; e em seguida chamada ao gabinete para ler alemão; e então irrompia o mundo alegre de Kitty Maxse.]

© Editora NÓS, 2020

Direção editorial SIMONE PAULINO
Assistente editorial JOYCE DE ALMEIDA
Projeto gráfico BLOCO GRÁFICO
Assistente de design STEPHANIE Y. SHU
Preparação ANA LIMA CECILIO
Revisão LUISA TIEPPO
Produção de ebook [S2 BOOKS](#)

Imagem de capa: © Peter Lofts Photography / National Portrait Gallery, London

*Texto atualizado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

W913E
Woolf, Virginia
Um esboço do passado / Virginia Woolf
Título original: *A sketch of the past*
Tradução: Ana Carolina Mesquita
São Paulo: Editora Nós, 2020
160 pp.

ISBN: 978-65-86135-03-9

1. Autobiografia. 2. Ensaio autobiográfico. 3. Ensaio
I. Mesquita, Ana Carolina. II. Título.

CDD 920

2020-1417
CDU 929

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva, CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Autobiografia 920
2. Autobiografia 929

Todos os direitos desta edição
reservados à Editora NÓS
www.editoranos.com.br

[01] Em 6 de maio de 1935, quase um ano após a morte de Roger Fry. *The Diary of Virginia Woolf*, v. 4, p. 309. Virginia comentara a respeito da dificuldade de uma vez mais encarar a morte – que agora se apresentava na forma da morte do amigo: “Desta vez Roger torna ainda mais difícil que de costume. (...) Que muro vazio. Que silêncio. Que pobreza. Como ele reverberava!” (entre 16–17 out. 1934, *ibid.*, p. 253).

[02] Noite passada comecei a ler Freud; para aumentar a circunferência, ampliar o escopo do meu pensamento, torná-lo objetivo; escapar para fora. E, assim, derrotar o encurtamento da velhice.” (*The Diary of Virginia Woolf*, v. 5, p. 248. Tradução minha.)

[03] V.W. elabora sua ideia de personagem como Mrs. Brown no ensaio *Mr. Bennet and Mrs. Brown*. “Acredito que todos os romances comecem com uma senhora idosa sentada em frente. Acredito que todos os romances, portanto, tratam do personagem, e que tratam de expressar o personagem (...), não de pregar doutrinas, cantar louvores ou celebrar as glórias do Império Britânico.” (Tradução livre minha. *Mr. Bennet and Mrs. Brown*. Londres: Hogarth Press, 1924) [N. T.]

[04] WOOLF, Virginia. *Moments of Being*. A collection of autobiographical writing. Ed. Jeanne Schulkind. 2ª ed. Nova York: Harcourt, 1986.

[05] Lady Strachey, mãe de Lytton Strachey, um dos grandes amigos de Woolf e integrante do Grupo Bloomsbury, morreu aos 89 anos, em 1928. Já na velhice, ela escreveu o curtíssimo “Some Recollections of a Long Life” [Algumas recordações de uma longa vida], que tinha apenas uma dúzia de páginas e foi publicado na revista *Nation and Athenaeum*. Este fato pode sugerir que, no início da década de 1920, ela já se esquecera de mais coisas do que conseguia se lembrar. [N. E. o.]

[06] Virginia Woolf estava escrevendo, a duras penas, a biografia de Roger Fry (1866–1934), crítico de arte e amigo querido de longa data, também membro do Grupo Bloomsbury. O livro foi publicado com o título de *Roger Fry: A Biography* [Roger Fry, uma biografia] pela editora de Woolf, a Hogarth Press, em 1940. [N. T.]

[07] O jardineiro e a diarista em Monk’s House, casa de campo dos Woolfs em Rodmell, Sussex, desde 1919. [N. E. o.]

[08] Ao casar-se com Jane Catherine Venn, o bisavô de V.W., James Stephen (1758–1832), aliou-se ao centro da seita de Clapham, grupo de reformistas anglicanos do início do século XIX baseado em Clapham, Londres. [N. T.]

[09] Julian Morrell era a filha de Lady Ottoline e Philip Morrell. Garsington Manor era a mansão dos Morrell em Oxfordshire, cujos salões Lady Ottoline abria para receber a intelectualidade e a classe artística inglesa da época. Entre seus convidados assíduos estavam Aldous Huxley, D.H. Lawrence, T. S. Eliot, Bertrand Russell e, claro, Virginia Woolf – que com o tempo estabeleceu com ela uma amizade verdadeira e admiração, que duraria por toda a sua vida. [N. T.]

[10] Helena Swanwick (1864–1939) era a filha única de Oswald e Eleanor Sickert. Em sua autobiografia, *I Have Been Young* [Eu fui jovem, 1935], ela se recorda de ter conhecido Leslie Stephen, o pai de V.W., em St. Ives: “Observávamos encantados seus filhinhos nus correndo pela praia ou sendo atirados ao mar entre as pernas dele, e a sua linda mãe”. [N. E. O.]

[11] Duas casinhas no *down* entre Southease e Piddinghoe, conhecidas na região como Mount Misery. [N. E. O.]

[12] *Osmunda regalis*, conhecida como feto-real. Tipo de pteridófito semelhante à samambaia muito popular na Europa, nas Américas, na Ásia e na África. É interessante V.W. destacar o tipo de comentário que se fazia na casa dos pais, com citações de nomes científicos das espécies. [N. T.]

[13] Família do escritor William Thackeray (1811–1863), notório pelo romance *The Luck of Barry Lyndon* (1844), que em 1975 foi adaptado para o cinema por Stanley Kubrick como *Barry Lyndon*. [N. T.]

[14] O brejo de Halse Town, que os Stephens sempre chamavam de “brejo de Halestown”. [N. E. O.]

[15] *Terminalia arostrata*, árvore nativa da Austrália. O Flower Walk em Kensington Gardens foi acrescentado em 1843, repleto de espécies exóticas de diversas partes do mundo. [N. T.]

[16] O poeta americano James Russell Lowell (1819–1891), associado aos Fireside Poets. Leslie Stephen o conheceu quando viajou aos EUA durante a Guerra de Secessão, e os dois se tornaram amigos tão próximos que, quando Virginia nasceu em 1882, Leslie fez questão de que fosse o padrinho da filha. Virginia e seus irmãos tinham adoração por ele, que os visitava frequentemente quando serviu como embaixador americano na Real Corte de St. James (a corte oficial da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte), de 1880 a 1885. Depois dessa época, e até o fim da vida, ele continuou visitando os Stephens em Talland House, nos verões. Foi para Lowell que Virginia escreveu a primeira carta sua de que existe registro, aos seis anos de idade. [N. T.]

[17] Termo popular para moeda de um centavo, feita de cobre. [N. T.]

[18] Como se chamam filhotinhos de peixe ou girinos. [N. T.]

[19] Ela o emprestou a Rhoda em *As ondas*: “Aproximei-me da poça. Não a consegui atravessar. A noção de identidade abandonou-me. ‘Nada somos’, disse, depois do que caí. Fui arrastada como uma pena, transportaram-me através de túneis. Então, com muita cautela, dei um passo em frente. Encostei a mão a uma parede de tijolo. Foi a muito custo que voltei, recolhendo-me de novo no meu corpo, por cima do espaço cinzento e cadavérico da poça. Esta é então a vida com a qual estou comprometida”. (*As ondas*. Trad. Lucília Rodrigues. Porto: Bibliotex, 2002.) [N. T.]

[20] Vizinhos de porta da família Stephen. [N. E. O.]

[21] *Ao farol* foi iniciado em 1925 e publicado em 1927, quando V.W. tinha 45 anos. [N. E. O.]

[22] Apelido do grupo quase secreto Cambridge Conversazione Society, fundado na década de 1820. Todos os rapazes que formavam o núcleo mais antigo do Grupo de Bloomsbury eram Apóstolos, exceto Clive Bell e Thoby Stephen. [N. E. O.]

[23] Os Woolf moraram de 1924 a 1939 na Tavistock Square, em uma casa que foi destruída por um bombardeio durante a Segunda Guerra. [N. T.]

[24] Hyde Park Gate: casa onde os Stephens moraram em Londres, até a morte de Leslie. [N. E. O.]

[25] Em agosto de 1939, portanto poucos meses depois que escreveu essas linhas, V.W. e seu marido Leonard se mudariam do número 52 na Tavistock Square, endereço em Londres onde viveram e trabalharam durante 15 anos, por não suportarem o

barulho causado por uma obra de demolição nas casas contíguas. O casal foi para um endereço próximo, a casa de número 37 na Mecklenburgh Square. No entanto, ao ser deflagrada a guerra, seguiriam para o refúgio de Monk's House, sua casa de campo em Sussex, no interior da Inglaterra, passando a ir para Londres apenas esporadicamente. [N. T.]

[26] O pintor modernista Mark Gertler (1891–1939), que cometeria suicídio em seu estúdio cerca de um mês depois, em 23 de junho de 1939. Gertler teve um breve caso com a pintora Dora Carrington e era próximo do Grupo de Bloomsbury desde cerca de 1918. [N. T.]

[27] Julia nasceu em 1846, não em 1848. [N. E. O.]

[28] A tia de Julia, Sarah, uma das sete irmãs Pattle, era casada com Thoby Prinsep. O casal residia em Little Holland House, em Kensington, onde entretinha uma aristocracia intelectual extremamente excêntrica na qual os pintores – Holman Hunt, Burne-Jones e, em especial, G.F. Watts, que ali residiu por 21 anos – desempenharam um papel dominante. [N. E. O.]

[29] Embora as irmãs Pattle fossem sete, ninguém jamais falou em Julia (Cameron, a famosa fotógrafa) como sendo bela. F. W. Maitland em *The Life and Letters of Leslie Stephen* [A vida e as cartas de Leslie Stephen, 1906] comete o mesmo erro ao se referir a Maria Pattle como “uma das seis irmãs”. [N. E. O.]

[30] Lytton Strachey (1880–1932), escritor e grande amigo de Woolf. Ela se refere ao livro *Eminent Victorians* [Vitorianos eminentes, 1918], possivelmente a obra mais famosa de Strachey, na qual ele faz uma crítica ferina à sociedade inglesa sua contemporânea. [N. T.]

[31] Essa foto não foi localizada. [N. E. O.]

[32] O estúdio de George Frederic Watts (1817–1904), renomado pintor e escultor inglês associado ao simbolismo. Watts dizia: “Pinto ideias, não coisas”. Foi tido em certo momento como “o Michelangelo da Inglaterra”, mas sua reputação decaiu com o modernismo. Na peça *Freshwater*, por exemplo, V.W. o retrata de maneira satírica. [N. T.]

[33] Tipo de chapéu de abas largas e voltadas para cima, semelhante ao chapéu-coco. O estilo se tornou comum na moda do século XIX e era muito usado pelos quacres que se estabeleceram nos Estados Unidos por volta desse período. [N. T.]

[34] Em tradução livre: “O rosto de uma moça bonita vale mais para mim”. Sir Henry Taylor (1800–1886), dramaturgo e poeta. O poema em questão não pôde ser localizado. Alfred Tennyson (1809–1892) ainda hoje é um dos poetas ingleses mais conhecidos. Ellen Terry (1847–1928), jovem atriz famosa pela beleza, que se casara com G.F. Watts e que, mais tarde, seria a atriz shakesperiana mais notória da Inglaterra. Giuseppe Garibaldi (1807–1882), general italiano que teve um papel fundamental na unificação da Itália. [N. T.]

[35] Little Holland House foi demolida em 1875, sete anos antes de V.W. nascer. [N. T.]

[36] Instrumentos de tortura. [N. T.]

[37] O famoso pintor William Holman Hunt (1827–1910) e o escultor Thomas Woolner (1825–1892) foram alguns dos membros fundadores da Irmandade Pré-Rafaelita,

grupo formado em 1848 por pintores, poetas e críticos ingleses. William Morris, do movimento Arts and Crafts, foi mais tarde influenciado pelos seus princípios. [N. T.]

[38] Anne Thackeray era a filha mais velha do escritor W. M. Thackeray e irmã da primeira mulher de Leslie Stephen. Casou-se com o primo, Richmond Ritchie. [N. E. O.]

[39] Julia tinha 21 anos quando se casou com Herbert Duckworth. [N. E. O.]

[40] Adeline, irmã de Julia, era casada com Henry H. Vaughan, e a família alugava a propriedade de Upton Castle, em Pembrokeshire. [N. E. O.]

[41] Em tradução livre: “O grande Aquiles, aquele que conhecemos” – é um dos primeiros versos do poema épico *Ulysses*, de Alfred Tennyson, um grande clássico da literatura inglesa. [N. T.]

[42] Elizabeth Robins, atriz, fora amiga de Julia. [N. E. O.]

[43] Minny morreu em 1875; Leslie Stephen casou-se com Julia em 1878. [N. E. O.]

[44] Na verdade, Julia viveu por mais 17 anos após a morte de Leslie. [N. E. O.]

[45] V.W. emprestou de sua própria experiência com uma doença mental para criar a personagem Septimus Smith, de *Mrs. Dalloway*. Tal como ela em seus momentos de “loucura”, Septimus escuta vozes diversas e pássaros falando grego. Como ela, Septimus tenta se matar atirando-se pela janela (ela não logrou seu intento; ele sim). Em *Mrs. Dalloway* há um trecho que trata exatamente deste aparente “não sentir nada” da passagem sobre a morte da mãe de V.W., descrevendo-o como uma calmaria antes da tempestade – uma calmaria enganadora: “Quando Evans morreu, logo antes do Armistício, na Itália, longe de demonstrar qualquer emoção e reconhecer o fim de uma amizade, Septimus parabenizou a si mesmo pela sensatez de não sentir nada. [...] Quando a paz chegou ele estava em Milão, aquartelado na casa de um estalajadeiro onde havia um pátio, vasinhos de flores, mesas ao ar livre, filhas que confeccionavam chapéus, e da caçula, Lucrezia, ficou noivo numa noite em que estava assoberbado pelo pânico – de não sentir mais nada.” (*Mrs. Dalloway*. Trad. Thaís Paiva e Stephanie Fernandes. São Paulo: Antofágica, 2020.) [N. T.]

[46] *O Golden Treasury of English Songs and Lyrics* é uma antologia popular de poesia inglesa originalmente selecionada por [Francis Turner Palgrave](#) em 1861. Recebeu revisões e consideráveis alterações de Tennyson cerca de 30 anos mais tarde. O livro continua a ser publicado em novas edições, ainda sob o nome de Palgrave, acrescentando poemas recentes à seleção original. [N. T.]

[47] Constança, em *Vida e morte do Rei João*. “Que os reis venham até mim e à majestade de minha grande dor, pois é tão grande que só a enorme terra pode suportá-la”. (Trad. Oscar Mendes e F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1939, p. 38) [N. E. O.]

[48] *The Hyde Park Gate News* foi um jornal da família Stephen, criado inicialmente por Virginia e Thoby e ilustrado por Vanessa. Mais tarde seria levado à frente apenas por Virginia. Até onde se sabe, teve edições semanais de 9 de fevereiro de 1891 a abril de 1895. O jornal ganhou edição facsimilar, *Hyde Park Gate News: The Stephen Family Newspaper* (Londres: Hesperus Press, 2006), com apresentação de Hermione Lee, biógrafa de V.W. [N. T.]

[49] O Night Ferry, um dos mais famosos de sua categoria, fazia o trajeto da estação Victoria, em Londres, à estação Paris-Nord em Paris. [N. T.]

[50] A cozinheira dos Stephens na casa de Hyde Park Gate e na de Gordon Square, em Bloomsbury, para onde os irmãos Stephen se mudaram após a morte de seu pai. Depois do casamento de Vanessa, Sophie Farrell mudou-se para a casa de Virginia e Adrian, na Fitzroy Square e, mais tarde, para a casa de George Duckworth. [N. E. O.]

[51] Erva-cicutária, em inglês, é “cow parsley” (algo como “salsinha de vaca”). [N. T.]

[52] James Kenneth Stephen (1859–1892), segundo filho de James Fitzjames Stephen, irmão de Leslie. [N. E. O.]

[53] Dr. George Savage (1842–1921), mais tarde Sir Savage, era um velho amigo dos Stephens. Também foi o psiquiatra de Virginia. Os ataques de V.W. aos psiquiatras já foram relacionados ao que ela passou nas mãos do Dr. Savage, de quem se utilizou para criar Dr. Bradshaw e Dr. Holmes, os médicos de Septimus Smith em *Mrs. Dalloway*. Ver: *The Cambridge Companion to Virginia Woolf* (ed. Susan Selliers e Sue Roe, CUP: 2000), especialmente o artigo “Virginia Woolf and psychoanalysis”, de Nicole Jouve. [N. T.]

[54] *The Burial of Sir John Moore after Corunna* [O enterro de John Moore após Corunna, 1817], de Charles Wolfe (1791–1823), poema em elegia ao general John Moore que se tornou comum em antologias de poesia inglesa. [N. T.]

[55] A ambiguidade dessa passagem talvez remeta a uma versão anterior do texto, onde se lê: “Assim, quando minha mãe morreu, Stella acabou sem nenhum negociador nesse assunto de casamento; & Jack Hills veio até em casa num equilíbrio muito estranho. Deve ter chegado na noite em que minha mãe morreu. Pois eu recordo que os médicos tinham ido embora; era uma causa desesperada, mas não sem esperanças; foi depois do jantar; & Tia Mary serviu café. (Estando Stella no quarto.)” [N. E. O.]

[56] Leonard e Virginia Woolf haviam combinado de suicidar-se na garagem de sua casa, com o carro ligado, caso Hitler invadissem a Inglaterra. Assim ele narra em sua autobiografia: “But we discussed again calmly what we should do if Hitler landed. The least that I could look forward to as a Jew, we knew, would be to be ‘beaten up’. We agreed that, if time came, there would be no point in waiting: we would shut the garage door and commit suicide”. (Leonard Woolf, *Downhill All the Way*. New York: Harcourt Brace, 1967, p. 46). Em tradução livre: “Mas discutimos mais uma vez e com muita calma o que faríamos caso Hitler nos invadissem. Sabíamos que o mínimo que eu poderia esperar, como judeu, era ser ‘espancado’. Concordamos que, se chegasse a hora, não faria sentido aguardar: trancaríamos a porta da garagem e cometeríamos suicídio”. [N. T.]

[57] Tia Mary (nascida Jackson), irmã mais velha de Julia, casou-se com Herbert Fisher e tinha sete filhos e quatro filhas. [N. E. O.]

[58] Robert Graves (1895–1985) e Siegfried Sassoon (1886–1967) estão entre os chamados “poetas da guerra”, jovens poetas que combateram e escreveram sobre a Primeira Guerra.

[59] O filósofo inglês Richard Lewis Nettleship (1846–1892), relacionado ao idealismo. [N. T.]

[60] Margaret, uma das primas Vaughan que os jovens Stephen viam com frequência. [N. E. O.]

[61] A City, em Londres, é um distrito financeiro, que abriga tanto a Bolsa de Valores como o Banco da Inglaterra. Abriga ainda a Catedral de St. Paul, o Museu de Londres e os tribunais. Foi imortalizada, por exemplo, em *Terra desolada*, de T. S. Eliot. [N. T.]

[62] O número 29 da Fitzroy Square, Bloomsbury, para onde se mudaram Virginia e Adrian depois do casamento de Vanessa em 1907. [N. E. O.]

[63] Francis Orpen Morris (1810–1893) foi autor de obras populares sobre história natural. Publicou *A History of British Butterflies* [Uma história das borboletas britânicas, 1853] e *A History of British Moths* [Uma história das mariposas britânicas] em quatro volumes (1859–1870), porém nenhum livro com o título *Butterflies and Moths* [Borboletas e mariposas]. [N. E. O.]

[64] Distinto helenista e poeta de pouca expressividade, era um velho amigo da família Stephen com quem Virginia flertou depois do casamento de Vanessa. Faleceu em 1908. [N. E. O.]

[65] Verso do poema de Robert Burns, “A Red, Red Rose”. Em tradução livre: “Meu amor é como uma rubra, rubra rosa, brotada em junho”. [N. T.]

[66] Desmond MacCarthy (1877–1952), membro do Grupo de Bloomsbury, jornalista destacado e conhecido pelo pseudônimo de “Falcão Amável”. Ver ensaio de v. w. “A posição intelectual das mulheres”, de 1920, em que ela se contrapõe às opiniões do amigo sobre a capacidade artística das mulheres. [N. T.]

[67] George Booth era filho de Charles Booth, autor de *Life and Labour of the People in London* [Vida e trabalho do povo em Londres, 1889]. Os Booths eram “Hyde Park Gaters”, como Adrian mais tarde os chamaria [algo como “Hyde Park Gate da gema”]. [N. E. O.]

[68] O manuscrito datilografado A. 5a termina aqui. O texto seguinte corresponde ao do manuscrito datilografado BL 61973. [N. E. O.]

[69] John Lehman (1907–1987), poeta e editor. Foi gerente da Hogarth Press de 1938 a 1946. Em *Thrown to the Wolves* [Atirado aos Wolves – trocadilho do sobrenome com a palavra “lobos”], de 1978, ele comenta sobre sua relação tumultuada com Leonard Woolf. Em 1932, Virginia escreve um famoso ensaio dirigindo-se a ele, “Carta a um jovem poeta”. [N. T.]

[70] A quarta-feira era o dia em que, após a morte de Julia e Stella, Vanessa deveria apresentar ao pai a contabilidade das despesas domésticas semanais. “O valor perigoso”, diz Virginia, “era por volta de onze libras”. Quando excedido, despertava a fúria de Leslie Stephen, dirigida principalmente a Vanessa, mas testemunhada por Virginia. Ela voltará a esse assunto mais à frente. [N. E. O.]

[71] Rua no centro de Londres que abriga as residências oficiais do primeiro-ministro e do chanceler do Reino Unido. [N. T.]

[72] Frederic William Maitland escreveu a biografia autorizada de Leslie Stephen, *The Life and Letters of Leslie Stephen* (CUP: London, 1906). Casou-se com Florence Fischer, uma das filhas de Tia Mary. [N. E. O.]

[73] Sir Harold Nicolson (1886–1968), diplomata, historiador e escritor. Foi casado com Vita Sackville-West, amiga e, durante algum tempo, amante de v.w. Sir Hugh

Walpole (1884–1941), escritor, crítico e dramaturgo de renome na época. [N. T.]

[74] George Moore (1852–1933), escritor irlandês considerado um inovador em sua época. [N. T.]

[75] Anne Ritchie (nascida Thackeray). [N. E. O.]

[76] Herbert Fisher (1826–1903), historiador inglês, mais conhecido pela obra *Considerations on the origin of the american war* [Considerações sobre a origem da guerra americana, 1865] [N. T.]

[77] Walter Headlam (1866–1908), classicista e poeta britânico, considerado um dos principais especialistas em grego daquela época. [N. T.]

[78] Dermot O’Brien (1865–1945), um renomado pintor irlandês. [N. E. O.]

[79] V.W. escreveu à margem: “Embutida é a palavra exata – ao menos para alguns dos armários; quando nos mudamos de H.P.G., parte da parede teve de ser derrubada para extrair esse armário italiano”. [N. E. O.]

[80] James Payn (1830–1998), romancista e editor da *Cornhill Magazine*. [N. E. O.]

[81] V.W. traçou uma linha nessa frase e escreveu: “Suponho que seja porque eu enxergo apenas um fragmento dele”. [N. E. O.]

[82] V.W. riscou aqui uma linha e escreveu: “Um homem distinto”. [N. E. O.]

[83] Lillie Langtry (1853–1929), atriz muito conhecida na época. [N. E. O.]

[84] *Roger Fry: A Biography* foi publicado em 25 de julho de 1940. [N. E. O.]

[85] V.W. considerava a página de um diário (ou de memórias) mais livre do que a de um romance, por exemplo, que lhe exigia criar um todo coeso – em um processo que muitas vezes lhe era sofrido. Ao longo dos anos em que escreve seu diário, diversas vezes ela faz o mesmo tipo de comentário que se percebe em *Um esboço do passado*, de que tal escrita seria “um respiro” ou “descanso” de outras obras. Talvez por isso *Um esboço do passado* assuma, com o passar do tempo, uma forma cada vez mais próxima de seus diários.

[86] *Hours in a Library* [Horas em uma biblioteca; 1874] é um volumoso conjunto de ensaios escritos por Leslie Stephen. Entre os autores analisados, estão Defoe, Sir Walter Scott, Charlotte Bronte, George Eliot, Shelley e Coleridge. [N. T.]

[87] Sir James Stephen (1789–1859), pai de Leslie, e grande contribuinte à lei de abolição da escravatura em 1833. [N. T.]

[88] Harriet Marian Thackeray (1840–1975), a primeira mulher de Leslie Stephen. [N. E. O.]

[89] Sarah Emily Duckworth (1828–1918), cunhada de Julia Stephen. [N. E. O.]

[90] Margaret Vaughan (nascida Symonds) (1869–1925), terceira filha do escritor J. Addington Symonds. [N. T.]

[91] O texto que se segue é a revisão do manuscrito MH/A.5d, que foi transcrito nas páginas 107–37 da edição original de *Moments of Being*. [N. E. O.]

[92] “Cachorrinho” parece ter sido o apelido de W.W. Asquith, irmão do futuro primeiro-ministro, conhecido assim pela língua ferina. Thoby estudava no internato

de Asquith, no Clifton College. Cf. biografia de Francis Younghusband, *The last great imperial adventurer* [O último grande aventureiro do império, 1904] [N. T.]

[93] V.W. estava escrevendo *Entre os atos*, que nessa época era chamado em seu diário de PH (Pointz Hall ou Poyntz Hall). [N. E. O.]

[94] V.W. estava apreensiva porque temia (equivocadamente, como se comprovou) que Helen Anrep, a companheira de Roger Fry até sua morte, estivesse planejando mudar-se de vez para Monk's House com o filho e a filha. Clive é Clive Bell. [N. E. O.]

[95] A “ilha” em St. Ives não é uma ilha, mas uma pequena península conectada ao continente por um istmo estreito. [N. T.]

[96] No original, o nome científico. V.W. tinha conhecimentos em botânica e jardinagem, tal como Leonard Woolf. Monk's House era famosa pelo belo jardim. O nome popular da planta mencionada é rosinha-do-sol, uma suculenta que dá pequenas flores. [N. T.]

[97] Na margem está escrito a lápis: “Com frequência parávamos para conversar com ele”. [N. E. O.]

[98] George Meredith (1828–1909), romancista e poeta. [N. T.]

[99] Ka Arnold-Forster (nascida Katherine Cox), “neopagã”, fabiana e newnhamita, que teve uma relação amorosa um tanto tumultuada com Rupert Brooke, o famoso poeta da geração de poetas soldados da Primeira Guerra. [N. T.]

[100] Esta cerimônia acontece a cada cinco anos, não 12. [N. E. O.]

[101] Uma linha foi traçada em “canta” e uma palavra indecifrável escrita em seu lugar. [N. E. O.]

[102] Trencrom Hill (ou Trecrobben) é uma colina proeminente próxima a Lelant, na Cornualha. Exibe um monumento de rochas do Neolítico e foi registrada como Torcrob em 1758, palavra que deriva do corno, “torr crobm” (“saliência encurvada”). [N. T.]

[103] Pedra de balanço. Na Inglaterra e na Cornualha, as *logan rocks* (ou *logan stones*) são pedras imensas que balançam a um mínimo impulso. Em tempos antigos, consultava-se o movimento dessas pedras para decidir a culpa ou a inocência de um acusado de cometer crimes graves – talvez isso explique as conjecturas de que o oco da pedra citada serviria para abrigar o sangue “das vítimas”. [N. T.]

[104] Arma medieval. [N. T.]

[105] Após a morte de Leslie Stephen, em 1904, os quatro Stephens se mudaram do número 22 em Hyde Park Gate para o número 46 em Gordon Square, Bloomsbury. [N. E. O.]

[106] Trecho de caligrafia não muito clara. [N. E. O.]

[107] O manuscrito datilografado contém um espaço em branco para anotar o título. [N. E. O.]

[108] No original: “If music be the food of love, play on”. Trad. Beatriz Viégas-Farias (Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004). [N. T.]

[109] Da fala final de Fortimbrás em Hamlet: “Let four captains/ Bear Hamlet like a soldier to the stage/ For he was likely, had he been put on/ To have proved most

royal...” “Ergam Hamlet, como um soldado, no palanque;/É evidente que, se posto à prova,/Teria feito um grande reinado...” (*Hamlet*. trad. Bruna Beber. São Paulo: Ubu Editora, 2019, p. 158) Walter Lamb, irmão mais velho do pintor Henry Lamb e amigo próximo de Thoby, estudou no Trinity College, em Cambridge. [N. E. O.]

[110] Apelido de Lytton Strachey. [N. T.]

[111] Clive Bell (1881–1964), Lytton Strachey (1880–1932) e Saxon Sydney-Turner (1880–1962), amigos de Thoby do Trinity College, que vieram a formar o núcleo do “antigo grupo de Bloomsbury”. [Clive Bell se casaria com Vanessa, irmã de V.W.]. [N. E. O.]

[112] Arthur Stockdale Cope (1857–1940), pintor de renome que estabeleceu uma escola de artes em South Kensington. Vanessa Bell foi uma de suas alunas. [N. T.]

[113] Um trecho de oito frases foi riscado e reescrito, com mudanças pequenas, nas frases que se seguem. [N. E. O.]

[114] Palavra de leitura duvidosa. [N. E. O.]

[115] “Violento” está riscado e “ilícito” acrescentado acima, seguido por uma vírgula e uma palavra ilegível. [N. E. O.]

[116] John Maynard Keynes (1883–1946), economista, amigo dos Woolfs e um dos integrantes do Grupo de Bloomsbury. [N. T.]

[117] “Ele jamais usava as mãos” é uma anotação marginal, cujo resto está ilegível por causa do estado deteriorado do papel original. [N. E. O.]

[118] A frase “uma natureza estreita e autocentrada” foi riscada. [N. E. O.]

[119] Clara Pater (1841–1910), irmã de Walter Pater, ensinou grego e latim a V.W. antes de Miss Case. Janet Case (1863–1937), além de ser uma professora severa e detalhista, veio a se tornar uma amizade duradoura de Virginia. [N. E. O.]

[120] Val Prinsep (1838–1904) era primo de Julia Stephen, mãe de Woolf, e filho de Sarah e Thoby Prinsep. [N. E. O.]

[121] Walter William Oulss (1848–1933), membro da Royal Academy of Arts (1848–1933). [N. E. O.]

[122] Ronald Norman (1873–1963), parente distante dos Camerons; mais tarde presidente da BBC. [N. E. O.]

[123] Falta a página seguinte do manuscrito. A passagem relevante da versão anterior, MH/A.5a, foi aqui inserida entre colchetes. [N. E. O.]

[124] No manuscrito, V.W. se refere aos convidados em torno da mesa do chá com suas iniciais, mas não de modo consistente, o que sugere que o fez por conveniência e não por um efeito estilístico. Portanto, os nomes completos foram restaurados no texto. A p. 49 do manuscrito, que não parece pertencer à versão do texto aqui utilizada, fornece um contexto mais aprofundado para o comentário de Miss Bishop. As primeiras doze linhas diziam: “Florence Bishop dissera que ele estava com uma aparência excelente. Isso era um insulto – uma quebra do código; era essencial que ele fosse alvo de compaixão. Portanto estávamos obrigadas a carregar de compaixão nossa conversa”. [N. E. O.]

[125] O suplemento literário do jornal *The Times*. [N. T.]

[126] As seguintes linhas foram riscadas e reescritas no parágrafo seguinte: “Em minha defesa devo dizer que ele era 15 anos mais velho; e era difícil não o obedecer porque enquanto eu ganhava £50 por ano ele ganhava mil libras por ano. E nos dava presentes”. [N. E. O.]

[127] Em *Três guinéus*, V.W. elabora esse seu conceito de “marginal” – “*outsider*”, para se referir sobretudo às mulheres. [N. T.]

[128] Segue-se um parágrafo excluído que foi reescrito, com alterações mínimas, no trecho seguinte. [N. E. O.]

[129] Que mais tarde se casou com Bruce Richmond, editor do *Times Literary Supplement*. [N. E. O.]

[130] Uma frase foi riscada: “Ele comprava roupas; comprava broches esmaltados; ao público, representava o bom irmão, que cumpria seu dever em relação às garotas sem mãe”. [N. E. O.]

[131] O manuscrito datilografado da British Library termina aqui, omitindo os parágrafos finais do MH/A.5d. Estes foram incluídos entre colchetes, uma vez que não é comum que Virginia Woolf exclua parágrafos inteiros da sua versão manuscrita ao datilográ-la. [N. E. O.]